

INÉDITO

Agatha Christie

A TEIA DA ARANHA



L&PM POCKET

Adaptado por Charles Osborne



Agatha Christie

A teia da aranha

Adaptado por Charles Osborne

da peça Spider's web (1954)

Tradução de Henrique Guerra

Formatação ePub de LeYtor

L&PM

Como foi que o corpo do desagradável Oliver Costello apareceu na sala da casa de campo do distinto casal Henry e Clarissa Hailsham-Brown? A chuvosa tarde de março decorria tranquila, e nenhuma das pessoas lá presentes parecia ter interesse no crime. Acreditando tratar-se de um acidente, Clarissa decide esconder o cadáver. Está às voltas com a penosa tarefa quando surge o inspetor Lord, um diligente policial que recebeu um telefonema denunciando o homicídio.

Este é o romance - até hoje inédito no Brasil - que o escritor Charles Osborne adaptou a partir da peça de comédia e mistério homônimo de Agatha Christie, de 1954. Bem-humorado, com um enredo repleto de truques e reviravoltas, A teia da aranha fará a delícia dos fãs da Rainha do Crime.

A TEIA DA ARANHA

Charles Osborne

Álibi, a primeira peça de Agatha Christie a ser encenada, com estreia no Prince of Wales Theatre, em Londres, em maio de 1928, não foi escrita pela própria Christie. Consistia em uma adaptação de Michael Morton da novela policial de Agatha O assassinato de Roger Ackroyd, de 1926, com Charles Laughton no papel de Hercule Poirot. Christie não apreciou a peça nem a atuação de Laughton. Devido, em grande parte, à sua insatisfação com Álibi, Agatha decidiu levar Poirot ao palco numa peça escrita por ela mesma. A peça resultante, Café preto, estreou em 1930 e ficou em cartaz por vários meses no St. Martin's Theatre, em Londres.

Sete anos se passaram até Agatha Christie escrever a peça seguinte, Akhnaton. Não era um mistério, mas sim a história do antigo faraó que tentou persuadir um Egito politeísta a se converter ao culto de um só deus, o deus-sol Aton. Akhnaton não chegou aos palcos e ficou esquecida. Trinta e cinco anos depois, durante uma limpeza da casa ao fim do inverno, a autora reencontrou o texto e o publicou.

Embora em 1928 não tivesse gostado de Álibi, ao longo dos anos Agatha Christie permitiu que mais cinco de suas obras fossem adaptadas ao teatro por outras mãos. A primeira dessas foi Love From a Stranger (1936), adaptada do conto O chalé do rouxinol por Frank Vosper, galã do teatro nos anos 1920 e 1930, que interpretou o papel principal. A novela de 1932 com Hercule Poirot, A casa do penhasco, tornou-se peça homônima em 1940, adaptada por Arnold Ridley, conhecido pela autoria de The Ghost Train, peça de sucesso na época. Com Assassinato na casa do pastor, dramatização de 1949 por Moie Charles e

Barbara Toy da novela homônima de 1940, outra famosa personagem de Agatha Christie, Miss Marple, estreou nos palcos.

Desiludida com uma ou duas dessas adaptações ao teatro por outros roteiristas, em 1945 Agatha Christie começou ela mesma a adaptar ao teatro algumas de suas novelas já publicadas. O mistério O caso dos dez negrinhos (título mais tarde modificado, por razões óbvias, para Então não sobrou nenhum) virou espetáculo de muito sucesso tanto em Londres, em 1943, quanto em Nova York no ano seguinte.

A adaptação por Christie de Encontro marcado com a morte, novela policial publicada em 1928, foi encenada em 1945. Duas outras novelas posteriormente transformadas em peças pela autora foram Morte no Nilo (1937), encenada em 1945 com o título Assassinato no Nilo, e A mansão Hollow, publicada em 1946 e encenada em 1951. Essas três novelas tinham como protagonista Hercule Poirot, mas, ao adaptá-las ao teatro, Christie removeu Poirot. "Acostumei-me a ter Poirot em meus livros", comentou ela sobre uma dessas peças, "e assim ele naturalmente entrou neste, porém acabou meio deslocado. Ele cumpriu bem seu papel, mas fiquei pensando se o livro não seria melhor sem a sua presença. Assim, ao escrever a peça, eliminei Poirot."

Seguindo A mansão Hollow, Agatha Christie verteu não uma novela, mas o conto Três ratos cegos, que havia sido adaptado da rádio-novela escrita por ela em 1947 em homenagem a uma de suas maiores fãs, a Rainha Maria, viúva do rei britânico George V. A rainha, naquele ano em que celebrava seu octogésimo aniversário, havia encarregado a BBC da produção de uma rádio-novela de Agatha Christie, e Três ratos cegos foi o resultado. Para a adaptação ao teatro, escolheu-se um novo título, pinçado de Hamlet, de Shakespeare. Durante a performance que Hamlet promove perante Cláudio e Gertrudes, o rei indaga "Como se chama a peça?", ao que Hamlet responde "A ratoeira". A ratoeira estreou em Londres em novembro de 1952, e seu produtor, Peter Saunders, disse a Christie que esperava uma temporada duradoura, de um ano ou até mesmo de

quatorze meses. "Não vai durar tanto tempo", retorquiu a autora da peça. "No máximo oito meses". Cinquenta e seis anos depois, A ratoeira permanece em cartaz - e pode ser que permaneça para sempre.

Poucas semanas depois da estreia de A ratoeira, Saunders sugeriu a Agatha Christie a adaptação ao palco de outro de seus contos, Testemunha da acusação. Imaginando ser uma tarefa muito difícil, ela recomendou a Saunders que tentasse ele mesmo. Dito e feito: em seu devido tempo, ele lhe apresentou o primeiro rascunho da peça. Após a leitura, Christie disse-lhe que não considerava a adaptação boa o suficiente, mas que sem dúvida lhe mostrara o caminho. Seis semanas depois, estava pronta a peça que mais tarde Christie consideraria uma de suas melhores. Na noite de abertura, em outubro de 1953, no Winter Garden Theater, em Drury Lane, a plateia ficou enfeitiçada pela engenhosidade do final surpreendente. Testemunha da acusação foi encenada em 468 espetáculos, e em Nova York desfrutou de temporada ainda mais longa: 646 espetáculos.

Pouco depois do lançamento de Testemunha da acusação, Agatha Christie concordou em escrever uma peça para a estrela britânica Margaret Lockwood, que desejava um papel para explorar seu talento para a comédia. O resultado foi uma deliciosa comédia de mistério, A teia da aranha, que lançou mão do uso satírico daquele velho estratagema rangedor, a passagem secreta. Em dezembro de 1954, a peça estreou no Savoy Theatre, onde permaneceu em cartaz por 774 espetáculos, rivalizando com As ratoeiras Testemunha da acusação. Agatha Christie tinha três sucessos teatrais simultâneos em cartaz em Londres.

Para o próximo empreendimento teatral, Christie adaptou, em colaboração com Gerald Verner, Hora Zero, novela policial escrita dez anos antes. Estreando no St. James's Theatre em setembro de 1956, rendeu uma temporada respeitável de seis meses. A autora, então perto dos setenta anos, continuava a produzir pelo menos um romance policial e vários contos por ano, além de trabalhar em sua autobiografia. Ela escreveria ainda cinco peças, todas - com exceção de uma -

compostas especialmente para o teatro e não adaptadas de seus livros. A exceção foi Retorno ao assassinato, versão teatral do mistério de 1943 com Hercule Poirot, Os cinco porquinhos. Com Hercule Poirot outra vez suprimido da trama, o investigador passou a ser um advogado jovem e atraente. A peça estreou no Duchess Theatre em março de 1960, mas foi cancelada após 31 espetáculos.

Suas quatro peças remanescentes, todas escritas originalmente para o teatro, foram Veredito, O visitante inesperado (ambas estrearam em 1958), Rule of Three (1962) e Fiddlers Three (1972). Rule of Three consiste na verdade em três peças de um ato, não interconectadas; a última delas, The Patient, é um excelente thriller, com uma fala final insuperável. Entretanto, o público ficou longe desse espetáculo de três peças separadas, e Rule of Three encerrou atividades no Duchess Theatre após dez semanas em cartaz.

O derradeiro trabalho de Christie no teatro, Fiddlers Three, nem ao menos foi encenado em Londres. Excursionou pelo interior da Inglaterra em 1971 com o título Fiddlers Five, saiu de cartaz para ser reescrita e foi reencenada no Yvonne Arnaud Theatre, Guildford, em agosto de 1972. Depois de algumas semanas bem-sucedidas de excursão, não conseguiu uma sala adequada em Londres e encerrou a excursão pelo interior.

Veredito, que estreou no London's Strand Theatre em maio de 1958, é incomum porque, embora aconteça um assassinato na peça, não há mistério intrínseco - o crime é cometido perante os olhos da plateia. Cancelada após um mês em cartaz, sua otimista autora comentou: "Estou contente, ao menos saiu uma boa crítica no The Times". De imediato começou a compor uma nova peça e a completou em quatro semanas. Tratava-se de O visitante inesperado, que, depois de uma semana em Bristol, mudou-se ao Duchess Theatre, em Londres, onde estreou em agosto de 1958 e teve uma temporada satisfatória de dezoito meses. Com seu diálogo cortante e eficiente e sua trama repleta de surpresas, apesar de econômica e não muito complexa, é uma das melhores peças teatrais

de Agatha Christie. O entusiasmo das resenhas foi unânime, e hoje, mais de quarenta anos depois, ganhou novo sopro de vida em forma de novela.

Poucos meses antes de sua morte em 1976, Agatha Christie consentiu com a adaptação ao palco feita por Leslie Darbon de sua novela de 1950, Convite para um homicídio, protagonizada por Miss Marple. Quando a peça chegou aos palcos postumamente em 1977, a crítica do Financial Times previu que ficaria em cartaz tanto quanto A ratoeira, o que não aconteceu.

Em 1981, Leslie Darbon adaptou outra novela de Christie, Cartas na mesa, um mistério com Poirot publicado 45 anos antes. Seguindo o exemplo da autora, Darbon eliminou Poirot da lista das personagens. Até hoje, não houve nenhuma outra adaptação das novelas de Agatha Christie. Com Café preto, O visitante inesperado e, agora, A teia da aranha, iniciei uma tendência na direção oposta.

Capítulo 1

Copplestone Court, a requintada e setecentista casa de campo de Henry e Clarissa Hailsham-Brown, situada nas colinas suaves do interior de Kent, parecia bonita mesmo ao fim de uma tarde chuvosa de março. No térreo, na sala de estar finamente mobiliada, com portas de vidro para o jardim, dois homens estavam em pé junto a uma mesa estreita encostada à parede na qual descansava uma bandeja com três taças de vinho do Porto, cada uma com um número: um, dois e três. Também havia na mesa um lápis e uma folha de papel.

Sir Rowland Delahaye, cinquentão de aparência distinta, com modos agradáveis e refinados, sentou-se no braço de uma confortável cadeira. Em seguida, Hugo Birch, sexagenário com tendência a ser um tanto irascível, colocou uma venda nos olhos de Sir Rowland e entregou-lhe uma das taças. Sir Rowland bebeu, avaliou por um instante e disse:

Acho que... sim... com certeza... sim: é o Dow 42.

Murmurando "Dow 42", Hugo repôs a taça na mesa, anotou e entregou a taça seguinte. De novo, Sir Rowland sorveu o vinho. Fez uma pausa, tomou outro gole e acenou com a cabeça de modo afirmativo.

Agora, sim - afirmou convicto. - Isto que é um bom vinho do Porto. - Tomou outro gole. - Não há dúvida: Cockburn 27.

Devolveu a taça a Hugo e acrescentou:

Imagine só, Clarissa desperdiçar uma garrafa de Cockburn 27 numa prova tola como esta. É um sacrilégio, sem dúvida. Mas, enfim, mulheres não entendem nada de vinho do Porto.

Hugo pegou a taça, anotou o veredicto no papel sobre a mesa e entregou a terceira taça ao amigo. Após um gole rápido, a reação de Sir Rowland foi imediata e violenta.

Argh! - exclamou com repugnância. - Rich Ruby, um vinho "tipo porto". Não sei como Clarissa tem uma coisa destas em casa.

Após ter a opinião devidamente registrada, tirou a venda dos olhos.

Agora é a sua vez - disse para Hugo.

Tirando os óculos de aros de tartaruga, Hugo permitiu que Sir Rowland colocasse a venda em seus olhos.

Bem, calculo que ela use esse porto barato para marinar a lebre ou dar sabor à sopa - sugeriu. - Não acredito que Henry a deixe oferecê-lo aos convidados.

Pronto, Hugo - afirmou Sir Rowland, terminando de atar a venda nos olhos do amigo.

Talvez eu deva girar você três vezes como no jogo da cabra-cega - falou, conduzindo Hugo até a cadeira de braços e o ajudando a sentar.

Vá com calma - reclamou Hugo, tateando a cadeira atrás de si.

Tudo certo? - perguntou Sir Rowland.

Sim.

Então, em vez disso vou mudar a posição das taças - disse Sir Rowland, girando de leve as taças na mesa.

Não precisa - disse Hugo. - Acha que posso me influenciar pelo que você disse? Entendo tanto de vinho do Porto quanto você, em qualquer dia e hora, meu caro Roly.

Não esteja tão certo disso. Seja como for, um homem prevenido vale por dois - insistiu Sir Rowland.

Quando estava quase entregando uma das taças a Hugo, o terceiro convidado dos Hailsham-Brown entrou do jardim. Jeremy Warrender, jovem atraente de seus vinte e poucos anos, vestia uma capa de chuva por cima da roupa. Ofegante e visivelmente sem fôlego, rumou ao sofá e estava pronto para deixar-se cair nele quando percebeu o que estava acontecendo.

O que diabo vocês dois estão inventando? - perguntou ao tirar a capa impermeável e o casaco. - O jogo das três cartas com taças?

Que foi isso? - quis saber o vendado Hugo. - Parece que alguém deixou entrar um cachorro na sala.

É só o jovem Warrender - garantiu Sir Rowland.

Comporte-se.

Ah, tive a impressão de que era um cachorro arfando depois de perseguir um coelho disse Hugo.

Fui três vezes ao portão do chalé e voltei de capa de chuva - explicou Jeremy ao afundar pesadamente no sofá. - Ao que consta, o diplomata herzoslovaco fez esse percurso em 4 minutos e 53 segundos, com o peso extra da capa de chuva. Corri tudo que pude, mas não consegui em menos de 6 minutos e 10 segundos. E não acredito que ele tenha conseguido. Só Chris Chattaway conseguiria fazer nesse tempo, com ou sem capa de chuva.

Quem lhe contou sobre o diplomata herzoslovaco?

Perguntou Sir Rowland.

Clarissa.

Clarissa! - exclamou Sir Rowland, rindo disfarçadamente.

Ah, Clarissa - bufou Hugo com desdém.

Não deve dar crédito algum ao que Clarissa fala.

Ainda rindo consigo, Sir Rowland prosseguiu:

Acho que você não conhece muito bem sua anfitriã, Warrender. É uma moça de imaginação muito fértil.

Jeremy levantou-se.

Quer dizer que ela inventou toda essa história?

Perguntou indignado.

Ela é bem capaz disso - respondeu Sir Rowland ao entregar uma das três taças para o ainda vendado Hugo.

É bem o tipo de piada que ela gosta.

É mesmo? Esperem até eu me encontrar com essa moça — prometeu Jeremy. - Ela vai ouvir poucas e boas. Nossa, estou exausto. - E caminhou a passos largos e pomposos rumo ao hall, levando a capa de chuva.

Pare de resfolegar como uma morsa - reclamou Hugo. - Estou tentando me concentrar. Uma nota de cinco libras está em jogo. Roly e eu temos uma aposta em andamento.

Verdade? E qual é? - indagou Jeremy, retornando para se empoleirar no braço do sofá.

Para ver quem é o melhor avaliador de vinho do Porto - disse-lhe Hugo. - Temos Cockburn 27, Dow 42 e o melhor da mercearia local. Silêncio agora. Isto é importante. - Experimentou a primeira taça e depois murmurou com indiferença: - Hum... ah.

E então? - indagou Sir Roland. - Já decidiu qual é?

Não me apresse Roly - exclamou Hugo. - Não me faça colocar o carro na frente dos bois. Cadê o próximo?

Ele manteve a taça na mão enquanto outra lhe era entregue. Bebeu e declarou:

Sim, tenho certeza absoluta sobre estes dois. - Cheirou as duas taças mais uma vez. - O primeiro é o Dow.

Decidiu ao entregar uma taça. - O segundo é o Cockburn

Prosseguiu, devolvendo a outra taça.

Sir Rowland repetiu, enquanto anotava:

Taça número três, o Dow; taça número um, o Cockburn.

Bem, nem é preciso provar o terceiro - afirmou Hugo -, mas acho melhor ir até o fim.

Tome aí - disse Sir Rowland, entregando a última taça.

Depois de beber, Hugo deixou escapar uma exclamação de supremo nojo.

Ugh! Que porcaria intragável. - Devolveu a taça sir Rowland, puxou um lenço do bolso e enxugou os lábios para se livrar do gosto ruim. - Vai levar um tempo para o gosto desse troço sair de minha boca - reclamou. - Tire-me a venda, Roly.

Pode deixar - ofereceu-se Jeremy, levantando-se e indo atrás da cadeira de Hugo para desatar a venda. Sir Rowland, pensativo, bebeu a última das três taças antes de repousá-la na mesa.

Hugo, você acha isso mesmo? Taça número dois, o vinho da mercearia local? - Ele balançou a cabeça. - Besteira! Esse é o Dow 42, não tenho nenhuma dúvida disso.

Hugo colocou a venda no bolso.

Tsc, tsc! Você perdeu o paladar, Roly - declarou.

Deixe-me tentar - propôs Jeremy. Indo até a mesa, tomou um gole de cada taça. Hesitou, bebeu cada uma de novo e admitiu: - Bem, para mim todos têm o mesmo gosto.

Essa juventude! - criticou Hugo. - Tudo culpa desse maldito gim que vocês não param de beber. Estraga totalmente o paladar. Não é só mulher que não sabe distinguir vinho do Porto. Nos dias de hoje, nenhum homem com menos de quarenta anos sabe.

Antes que Jeremy tivesse oportunidade de responder, a porta da biblioteca se abriu, e Clarissa Hailsham-Brown, uma linda morena perto dos trinta anos, entrou.

Olá, meus amores - saudou ela, dirigindo-se sir Rowland e Hugo. - Já terminaram?

Sim, Clarissa - assegurou Sir Rowland. - Estamos prontos.

Sei que tenho razão - disse Hugo. - O número um é o Cockburn, o dois é a imitação e o três é o Dow. Certo?

Bobagem - exclamou Sir Rowland, antes que Clarissa pudesse responder. - O um é o Dow, o dois é o Cockburn e o três é a imitação. Estou certo ou não?

Queridos! - foi a única e pronta resposta de Clarissa. - Ela beijou primeiro Hugo, depois Sir Rowland e prosseguiu: - Agora podem levar a bandeja de volta para a sala de jantar. A garrafa de cristal está no aparador. - Sorrindo consigo, escolheu uma trufa da bomboneira.

Sir Rowland pegou a bandeja com as taças. Prestes a sair, estacou.

A garrafa? - perguntou circunspecto.

Clarissa sentou-se no sofá, aninhando-se em cima dos pés.

Sim. Só uma garrafa - respondeu com uma risadinha. - É tudo o mesmo vinho.

Capítulo 2

A revelação de Clarissa provocou diferentes reações em cada um dos presentes. Jeremy deu boas gargalhadas, cruzou a sala e beijou a anfitriã, enquanto Sir Rowland ficou boquiaberto, e Hugo pareceu indeciso sobre que atitude tomar por ela ter feito os dois de bobos.

Quando Sir Rowland enfim encontrou palavras, foram estas:

Clarissa, sua impostora sem escrúpulos. — Mas seu tom foi afetuoso.

Bem — respondeu Clarissa -, choveu a tarde toda, e vocês não podiam jogar golfe. Precisavam se divertir um pouco e se divertiram com isso, não é mesmo, queridos?

Caramba! - exclamou Sir Rowland, levando a bandeja até a porta. - Devia se envergonhar por expor assim seus velhos e queridos amigos. Acontece que só o jovem Warrender aqui adivinhou que todas as taças tinham o mesmo conteúdo.

Hugo, que a esta altura estava rindo, acompanhou-o até a porta.

Diga-me, quem foi? - perguntou, abraçando o ombro de Sir Rowland. - Quem foi que disse que reconhecia um Cockburn 27 em qualquer lugar?

Não tem importância, Hugo - respondeu, resignado, Sir Rowland -, depois vamos beber mais um pouco daquilo, seja lá o que for. - Conversando, os dois saíram pela porta que dava para o hall, e Hugo fechou a porta atrás deles.

Jeremy postou-se defronte ao sofá.

Pois bem, Clarissa - disse em tom de censura. - Que história é essa de diplomata herzoslovaco?

Clarissa olhou-o com inocência.

Que tem ele? - indagou.

Apontando o dedo para ela, Jeremy falou claro e devagar:

Ele correu três vezes ao portão do chalé e voltou, com capa de chuva, em 4 minutos e 53 segundos?

Clarissa respondeu com um sorriso doce:

O diplomata herzoslovaco é um amor, mas já passou dos sessenta faz tempo, e duvido muito que nos últimos anos ele tenha feito alguma corrida.

Então é mesmo tudo invenção sua. Bem que me disseram que isso era provável. Mas por quê?

Bem - disse Clarissa, o sorriso ainda mais doce -, você ia ficar reclamando o dia todo por não ter feito exercício suficiente. Por isso, achei que a única coisa oportuna a fazer era ajudar você a praticar algum. Não ia adiantar nada eu sugerir uma corrida puxada no meio do bosque, mas eu sabia que você reagiria a um desafio. Então inventei alguém com quem você pudesse competir.

Jeremy soltou um cômico suspiro de exasperação.

Clarissa - indagou alguma vez você fala a verdade?

Claro que sim... às vezes - admitiu Clarissa. - Mas quando falo a verdade parece que ninguém acredita em mim. É muito estranho. - Pensou um instante e prosseguiu: - Quando a gente inventa algo, acho que nos deixamos levar, e tudo se torna mais convincente. - Ela deslizou até as portas de vidro.

Eu poderia ter arreventado um vaso sanguíneo reclamou Jeremy. - Aposto que você nem ia dar bola.

Clarissa riu. Ao abrir as portas de vidro, comentou:

Acho mesmo que vai limpar. Vamos ter uma noite agradável. Que cheirinho bom tem o jardim depois da chuva. - Curvou-se para fora e farejou o ar. - Narcisos.

Ela fechou as portas de novo, e Jeremy se aproximou.

Gosta mesmo de morar no interior? - perguntou.

Adoro.

Mas deve sentir um tédio mortal! - exclamou ele.

Não combina com você, Clarissa. Deve sentir muita falta do teatro. Soube que você era apaixonada por teatro quando era mais jovem.

Sim, eu era. Mas dou um jeito de criar meu próprio teatro por aqui mesmo - disse Clarissa com uma risada.

Mas podia estar levando uma vida animada em Londres.

Clarissa riu de novo.

O quê... festas e boates? - perguntou ela.

Sim, festas. Você daria uma ótima anfitriã - disse Jeremy, rindo.

Ela o encarou.

Sei, como naqueles romances do período eduardiano - disse ela. - De qualquer maneira, festas diplomáticas são extremamente monótonas.

Mas é um desperdício tão grande, você escondida aqui - insistiu Jeremy, chegando mais perto e tentando pegar a mão dela.

O que está sendo desperdiçado... eu? - indagou Clarissa, recolhendo a mão.

Sim - respondeu ele com fervor. - E com Henry.

O que tem Henry? - Clarissa entretinha-se afofando a almofada de uma poltrona.

Jeremy olhou-a com firmeza.

Não consigo entender por que você se casou com ele - respondeu, criando coragem. - É bem mais velho que você e tem uma filha em idade escolar. - Curvou-se sobre a cadeira de braços, ainda observando-a de perto. - Uma pessoa ótima, sem dúvida, mas realmente, um pedante. Sempre de nariz empinado. - Parou, esperando uma reação. Como não houve, emendou: - Ele é um chato.

Ela permaneceu calada. Jeremy voltou à carga.

E não tem um pinga de senso de humor - resmungou com certa petulância.

Clarissa olhou para ele, sorriu, mas não disse nada.

Acha que eu não devo dizer essas coisas, não é? - comentou Jeremy.

Clarissa sentou-se na ponta de um banquinho comprido.

Ah, eu não ligo - afirmou. - Pode dizer o que quiser.

Jeremy sentou-se ao lado dela.

Você se dá conta então de que cometeu um engano? - indagou ansioso.

Mas não cometi engano nenhum - foi a resposta de Clarissa, enunciada em voz macia. E acrescentou provocante:

Você está tomando liberdades comigo, Jeremy?

Sem dúvida - foi a resposta imediata.

Que adorável - exclamou Clarissa, cutucando-o com o cotovelo. - Continue.

Acho que sabe o que sinto por você, Clarissa, respondeu Jeremy, um tanto melancólico.

Mas está apenas brincando comigo, não? Flertando. É mais um de seus joguinhos. Querida, não pode me levar a sério ao menos uma vez?

Sério? O que há de tão bom em ser "sério"? - respondeu Clarissa. - Já existe seriedade demais neste mundo. Gosto de me divertir e gosto que todos ao meu redor se divirtam também.

Jeremy sorriu com certa mágoa.

Estaria me divertindo bem mais neste momento se você me levasse a sério - observou.

Ah, pare com isso - pediu ela, brincalhona.

Claro que está se divertindo. Você é nosso convidado para o fim de semana, junto com meu adorável padrinho Roly. Para completar, o velho e amável Hugo também veio confra-ternizar esta noite. Ele e Roly são tão engraçados juntos. Não pode dizer que não está se divertindo.

Claro que estou me divertindo - admitiu Jeremy.

Mas você não vai me deixar dizer o que eu realmente quero lhe dizer.

Não seja infantil, querido - respondeu ela. - Sabe muito bem que pode dizer o que quiser para mim.

Verdade? Tem certeza disso? - perguntou.

Claro.

Pois muito bem - disse Jeremy. Levantou-se do banco e olhou para ela. - Eu te amo - afirmou.

Fico muito contente - respondeu Clarissa com vivacidade.

Não podia haver resposta mais errada - reclamou Jeremy. - Devia dizer "Sinto muito" em voz sincera e compreensiva.

Mas não sinto muito - insistiu Clarissa. - Eu me alegro muito. Gosto que as pessoas se apaixonem por mim.

Jeremy sentou ao lado dela de novo, mas virou o rosto. Agora ele aparentava profunda decepção. Observando-o um pouco, Clarissa indagou:

Faria qualquer coisa neste mundo por mim?

Volviendo o olhar para ela, Jeremy respondeu ansioso:

Sabe que sim. Qualquer coisa. Qualquer coisa neste mundo - afirmou.

Verdade? - disse Clarissa. - Vamos supor, por exemplo, que eu matasse alguém, você me ajudaria... não, é melhor eu parar.

Clarissa se ergueu e deu alguns passos. Jeremy a seguiu com os olhos.

Continue, por favor - incitou ele.

Depois de uma breve hesitação, ela começou a falar.

Antes me perguntou se a vida aqui no interior não me dava tédio.

Foi.

Bem, vamos dizer que, de certa forma, sim - admi- é tiu. - Ou melhor, poderia, não fosse meu hobby secreto.

Hobby secreto? Como assim? - perguntou Jeremy intrigado.

Clarissa respirou fundo.

Vej a bem, Jeremy - disse ela -, minha vida sempre foi pacata e feliz. Nunca algo excitante aconteceu comigo, então comecei a fazer meu joguinho. Chama-se "Imagina".

"Imagina"? - indagou Jeremy, tomado de curiosidade.

Sim - disse Clarissa, começando a andar de um lado para o outro na sala. - Por exemplo, eu poderia dizer a mim mesma, "Imagina se uma bela manhã eu descesse e encontrasse um cadáver na biblioteca, o que eu faria?". Ou "Imagina se um dia aparecesse uma mulher dizendo que ela e Henry haviam se casado em segredo em Constantinopla e que nosso casamento era bígamo, o que eu diria a ela?". Ou "Imagina se eu tivesse seguido meus impulsos e me tornado uma atriz famosa?" Ou "Imagina se eu precisasse escolher entre trair meu país ou ver Henry ser baleado bem na minha frente?". Entende o que eu quero dizer?

Sorriu de repente para Jeremy.

Ou mesmo... - Ela se acomodou na cadeira de braços. - "Imagina se eu fugisse com Jeremy, o que aconteceria?"

Jeremy ajoelhou-se ao lado dela.

Estou lisonjeado - disse. - Mas alguma vez imaginou mesmo essa situação em especial?

Ah, sim - respondeu Clarissa, sorrindo.

E o que aconteceu? - ele pegou a mão dela.

Ela recolheu a mão novamente.

Deixe-me ver, a última vez em que eu joguei, estávamos em Juan les Pins, na Riviera, e Henry veio atrás de nós. Ele estava armado com um revólver.

Meu Deus! - exclamou Jeremy estupefato. - Ele atirou em mim?

Clarissa sorriu ao recordar.

Que me lembre - contou - ele disse... - Parou e, adotando um estilo dramático, prosseguiu: - "Clarissa, ou você volta comigo, ou eu me mato".

Jeremy levantou-se e se afastou.

Muito conveniente da parte dele - comentou, sem se convencer. - Não consigo pensar em algo menos parecido com Henry. Mas, enfim, o que você respondeu?

Na verdade, joguei de duas maneiras - admitiu Clarissa, ainda sorrindo de satisfação. - Numa vez disse a Henry que eu sentia muito. Eu não queria mesmo que ele se matasse, mas eu estava profundamente apaixonada por Jeremy, e nada me faria mudar de ideia. Henry se atirou aos meus pés, soluçando, mas eu permaneci irredutível. Disse a ele: "Gosto de você, Henry, mas não posso viver sem Jeremy. Adeus." Saí apressada para o jardim, onde você me esperava. Quando descíamos correndo o caminho até o portão da frente, ouvimos um tiro no interior da casa, mas continuamos sem olhar para trás.

Minha nossa! - admirou-se Jeremy, sem fôlego. - Isso é que eu chamo de contar tudo. Pobre Henry. - Meditou um pouco e prosseguiu: - Mas você disse que jogou de duas maneiras. O que aconteceu na outra vez?

Ah, Henry estava tão arrasado e suplicou de um modo que me inspirou tanta pena, que eu não tive coragem de abandoná-lo. Decidi esquecer você e dedicar meus dias à felicidade de Henry.

Jeremy ficou em estado de absoluta desolação.

Bem, querida - afirmou magoado -, com certeza você se diverte. Mas, por favor, fale sério um momento. Eu falo sério quando digo que a amo. E não é de hoje. Você deve ter percebido. Tem certeza de que não tenho chance? Quer mesmo passar o resto de sua vida com o velho e tedioso Henry?

Clarissa não precisou responder devido à chegada de uma criança alta e magricela, de uns doze anos de idade, vestindo uniforme escolar e carregando uma mochila. Ao entrar na sala, gritou "Olá, Clarissa!" como forma de saudação.

Oi, Pippa - respondeu à madrasta. - Está atrasada.

Pippa largou chapéu e mochila numa poltrona.

Aula de música - explicou lacônica.

Ah, sim - lembrou-se Clarissa. - Hoje é dia de piano, não é? Estava interessante?

Não. Um horror. Só repeti e repeti exercícios terríveis. A Srta. Farrow falou que fez isso para melhorar meu dedilhado. Ela não me deixou tocar o solo bonito que venho treinando. Tem algo para comer por aqui? Estou morrendo de fome.

Clarissa levantou-se.

Não pegou os bolinhos de sempre para comer no ônibus?

-Ah, sim - admitiu Pippa -, mas isso foi meia hora atrás. - A menina lançou a Clarissa um olhar de súplica quase cômico. - Posso comer bolo ou beliscar

alguma coisa antes do jantar?

Pegando na mão de Pippa, Clarissa a levou à porta do hall, rindo.

Vamos ver o que podemos fazer - prometeu.

Enquanto saía, Pippa perguntou contente:

Ainda tem aquele bolo... aquele de cerejas por cima?

Não - disse Clarissa. - Você terminou com ele ontem.

Jeremy balançou a cabeça, sorrindo, ao escutar as vozes das duas sumindo no hall. Tão logo as vozes ficaram fora do alcance, ele se encaminhou rápido à escrivaninha e com pressa abriu uma ou duas gavetas. Contudo, ao ouvir de repente uma voz feminina chamando com entusiasmo do jardim "Ó de bordo!", teve um sobressalto e fechou rápido as gavetas. Voltou-se a tempo de ver uma mulher corpulenta e jovial, de uns quarenta anos, com um traje de tweed e botas de borracha, abrindo as portas de vidro. Ela parou ao ver Jeremy. No degrau da porta, perguntou bruscamente:

A Sra. Hailsham-Brown?

Devagar, com ar despreocupado, Jeremy rumou da escrivaninha ao sofá e respondeu:

Sim, Miss Peake. Ela foi à cozinha providenciar algo para Pippa comer. A senhora conhece o apetite voraz de Pippa.

Crianças não devem comer entre as refeições—foi a resposta, pronunciada em timbre retumbante, quase masculino.

Vai entrar, Miss Peake? - indagou Jeremy.

Não, não vou, por causa de minhas botas - explicou com uma risada cordial.
- Eu levaria metade do jardim comigo se entrasse. - Riu de novo. - Só ia perguntar que verduras ela vai querer para o almoço de amanhã.

Bem, receio que eu... - principiou Jeremy, quando Miss Peake o cortou.

Quer saber de uma coisa? - disse ela repentinamente. - Eu volto mais tarde.

Fez menção de se retirar, mas então se virou para Jeremy.

Ah, o senhor vai tomar cuidado com essa escrivanhinha, não vai, Sr. Warrender? - indagou, de maneira peremptória.

Sim, claro que vou - respondeu Jeremy.

É uma antiguidade preciosa, sabe - explicou Miss Peake. - Não deveria puxar as gavetas desse jeito violento.

Jeremy ficou confuso.

Mil desculpas. Eu só estava procurando uma folha em branco.

Na gaveta do meio - vociferou Miss Peake, apontando ao falar.

Jeremy voltou à escrivanhinha, abriu a gaveta do meio e pegou uma folha de papel em branco.

Isso mesmo - continuou Miss Peake, sendo curta e grossa. - Curioso como as pessoas muitas vezes não enxergam nem mesmo o que está bem na frente de seus olhos.

Deu uma gargalhada com gosto e um passo largo de volta ao jardim. Jeremy riu junto com ela, mas cessou abruptamente tão logo ela saiu. Estava

prestes a voltar à escrivaninha, quando Pippa retornou mastigando ruidosamente um bolinho.

Capítulo 3

Hum... Que delícia - disse Pippa de boca cheia, fechando a porta atrás de si e limpando os dedos pegajosos na saia.

Oi - cumprimentou Jeremy. - Estava boa a escola hoje?

-Abominável - respondeu Pippa, contente ao colocar o que restava do bolo na mesa. - Hoje teve Tópicos Internacionais. - Ela abriu a mochila. - A professora Wilkinson adora Tópicos Internacionais. Mas ela é muito molenga. Não consegue manter a disciplina na sala de aula.

Pippa tirou um livro da mochila, e Jeremy perguntou:

Qual sua matéria favorita?

Biologia - foi a resposta instantânea e entusiasmada de Pippa. - É o paraíso. Ontem dissecamos a perna de um sapo. - Levou o livro à frente do rosto dele. - Olha só o que eu consegui no sebo. Uma raridade! Com certeza tem mais de um século.

O que vem a ser isto?

É tipo um livro de receitas - explicou Pippa, abrindo o livro. - É impressionante, muito impressionante.

Mas qual é mesmo o assunto? - quis saber Jeremy.

Pippa já estava absorta folheando o livro.

O quê? - sussurrou, virando as páginas.

Parece mesmo muito envolvente - observou ele.

O quê? - repetiu Pippa, ainda com a atenção voltada para o livro. E, a cada nova página, murmurava consigo: - Puxa vida!

Está na cara que valeu cada centavo - comentou Jeremy, apanhando um jornal.

Intrigada com um trecho que estava lendo, Pippa perguntou:

Qual a diferença entre uma vela de cera e uma de sebo?

Jeremy refletiu um instante antes de responder.

Imagino que a vela de sebo tenha qualidade bem inferior - disse ele. - Mas, com certeza, não é de comer? Que livro de receitas estranho.

Muito entretida, Pippa levantou-se.

"É de comer?" - declamou ela. - Parece o jogo das vinte perguntas. - Riu, atirou o livro na poltrona e buscou um baralho na estante de livros. - Sabe jogar paciência? - perguntou.

A essa altura, Jeremy estava totalmente imerso no jornal. Sua única resposta foi "Hum".

Pippa tentou atrair a atenção dele mais uma vez.

Não quer jogar rouba-monte?

Não - respondeu Jeremy com firmeza. Colocou o jornal no banco, sentou-se à escrivaninha e endereçou um envelope.

É, achei mesmo que você não ia querer - disse Pippa, em voz baixa e tristonha. Ajoelhando-se no chão no meio da sala, distribuiu as cartas e começou

a jogar paciência. — Bem que a gente podia ter um dia bonito para variar - queixou-se. — Que perda de tempo o campo em dia de chuva!

Jeremy relanceou o olhar na direção dela.

Gosta de morar no interior, Pippa? - perguntou.

Muito — respondeu entusiasmada. - É bem melhor do que morar em Londres. Esta casa é incrivelmente mágica, tem quadra de tênis e tudo mais. Temos até um esconderijo de padre .

Um esconderijo de padre? - indagou Jeremy, sorrindo. - Nesta casa?

Temos sim! - afirmou Pippa.

Não acredito — falou Jeremy. - Não é da mesma época.

Pelo menos eu chamo de esconderijo de padre insistiu ela. - Eu vou mostrar para você.

Ela foi até o lado direito da estante, retirou uns livros e puxou para baixo uma pequena alavanca na parede atrás dos livros. Uma seção da parede à direita das prateleiras girou e abriu, revelando-se uma porta oculta. Atrás da porta havia um recesso de espaço razoável, com outra porta oculta na parede dos fundos.

Claro, eu sei que não é bem um esconderijo de padre - admitiu Pippa. - Mas com certeza é uma passagem secreta. Na verdade, aquela porta ali dá para a biblioteca.

Ah, dá? - Jeremy foi investigar. Abriu a porta no fundo da câmara, deu uma rápida olhada na biblioteca, fechou a porta e voltou à sala. - É mesmo.

Mas é tudo muito secreto. Se eu não tivesse dito, você nunca teria adivinhado - disse Pippa ao erguer a alavanca e cerrar a porta escondida. - Eu

passo por ali toda hora - prosseguiu ela. - É o tipo do lugar bem conveniente para ocultar um cadáver, não acha?

Jeremy sorriu.

Ideal para isso - concordou.

Pippa voltou ao jogo de cartas no chão. Quando Clarissa entrou na sala, Jeremy ergueu o olhar.

A Amazona procura por você - informou ele.

Miss Peake? Ah, tédio - exclamou Clarissa ao pegar o bolo de Pippa da mesa e dar uma mordida.

Pippa na mesma hora se levantou.

Ei, isso é meu! - protestou.

Sua comilona egoísta - murmurou Clarissa, entregando o resto do bolo à menina. Pippa o repôs na mesa e voltou ao jogo.

Primeiro ela me saudou como se eu fosse um navio disse Jeremy a Clarissa - e depois me soltou os cachorros, dizendo que eu devia cuidar melhor da escrivania.

Ela é uma praga dos infernos - admitiu Clarissa, curvando-se sobre uma das pontas do sofá para sondar as cartas de Pippa. - Mas a casa é alugada, e ela vem junto com o pacote, por isso... - Cortou e disse a Pippa: - Dez preto no valete vermelho - antes de concluir - ...por isso tivemos que mantê-la. Em todo o caso, ela cuida direitinho do jardim e da horta.

Sei - concordou Jeremy, envolvendo Clarissa com o braço. - Esta manhã eu a vi da janela de meu quarto. Escutei uns grunhidos de esforço, espiei pela janela

e lá estava a Amazona, no jardim, cavando algo que mais parecia uma imensa cova.

Chama-se sulcamento profundo - explicou Clarissa. - Se não me engano, serve para cultivar couves ou coisa parecida.

Jeremy inclinou-se a fim de estudar o jogo de cartas no chão.

Três vermelho no quatro preto - indicou ele a Pippa, que respondeu com um olhar irado.

Saindo da biblioteca com Hugo, Sir Rowland fitou Jeremy de modo significativo. Discretamente, ele escorregou o braço e afastou-se de Clarissa.

Até que enfim parece que o tempo vai limpar anunciou Sir Rowland. - Mas tarde demais para o golfe. Temos apenas uns vinte minutos de luz. - Baixando os olhos ao jogo de Pippa, apontou com o pé. - Olhe, esta aqui vai ali - disse. Atravessando a sala até as portas de vidro, não percebeu o olhar feroz de Pippa em sua direção. - Bem disse ele, observando o jardim -, acho que agora podemos ir à sede do clube, se é que vamos comer por lá.

Vou pegar o sobretudo - avisou Hugo e, ao cruzar por Pippa, debruçou-se para dar um palpite. Pippa, enfurecida a esta altura, inclinou o corpo e escondeu as cartas. Hugo dirigiu-se a Jeremy.

E você, garoto? - perguntou. - Vem conosco ou não vem?

Sim - respondeu Jeremy. - Só vou pegar o casaco. - Ele e Hugo entraram juntos no hall, deixando a porta aberta.

Tem certeza de que não se incomoda em jantar esta noite no clube, querido? - perguntou Clarissa sir Rowland.

Nem um pouco - garantiu. - Foi uma providência adequada, já que é a noite de folga dos empregados.

Elgin, o mordomo de meia-idade dos Hailsham- Brown entrou na sala vindo do hall e encaminhou-se a Pippa.

O jantar está servido na sala de estudo, Srta. Pippa - informou. - Leite, frutas e seus biscoitos preferidos.

Ah, tava na hora! - gritou Pippa, levantando-se em um pulo. - Estou azul de tanta fome!

Ela disparou rumo à porta do hall, mas foi bloqueada por Clarissa, que lhe disse severamente para antes recolher as cartas e guardá-las.

-Ah, chatice! - exclamou Pippa. Retornou às cartas, ajoelhou-se e devagarinho começou a fazer uma pilha junto ao pé do sofá.

Elgin dirigiu-se à patroa.

Com sua licença, madame - disse em voz baixa e respeitosa.

Sim, Elgin, o que é? - perguntou Clarissa.

O mordomo não parecia à vontade.

Houve um pequeno... como direi... mal-entendido com as verduras - contou ele.

Ai, meu Deus do céu - disse Clarissa. - Quer dizer com Miss Peake?

Sim, madame - prosseguiu o mordomo. - Minha mulher considera Miss Peake muito difícil de lidar, madame. Toda hora ela entra na cozinha, critica e faz comentários. Minha mulher não gosta nada disso. Em todos os lugares em

que trabalhamos, a Sra. Elgin e eu sempre tivemos relações prazerosas com o jardim.

Sinto muito - respondeu Clarissa, disfarçando um sorriso. - Vou... bem... vou ver o que posso fazer. Vou conversar com Miss Peake.

Obrigado, madame - disse Elgin. Fez uma reverência e saiu, fechando a porta do hall.

Esses empregados... como são cansativos - observou Clarissa a Sir Rowland. - E como falam coisas curiosas. Como alguém pode ter relações prazerosas com o jardim? Isso me soa inadequado, de um modo herético.

Mas acho que você tem sorte com o casal Elgin

ponderou Sir Rowland. - Onde os conseguiu?

Ah, na agência de empregos local - respondeu Clarissa.

Sir Rowland franziu o cenho e observou:

Espero que não seja aquela, como é mesmo o nome? Aquela que só nos manda gente torta.

Torta? - perguntou Pippa, erguendo o olhar do chão, onde continuava a pôr as cartas em ordem.

Não, querida. Gente torta - disse Sir Rowland.

Lembra - continuou ele, voltando-se a Clarissa - daquela agência de nome italiano ou espanhol... de Botello, não é? Que não parava de mandar gente para ser entrevistada, na maioria imigrantes clandestinos? Andy Hulme e a esposa contrataram um casal que fez literalmente uma limpa na casa. Usaram o trailer

de transportar cavalos de Andy e le-varam metade das coisas. Até hoje não foram capturados.

-Ah, sim - riu Clarissa. - Lembro sim. Pippa, vamos rápido! - ordenou ela.

Pippa pegou as cartas e levantou-se.

Prontinho! - exclamou, petulante, colocando as cartas na prateleira. - A vida seria bem melhor se a gente não precisasse toda hora estar arrumando as coisas.

Ela se dirigiu à porta, mas foi detida por Clarissa, que a chamou, pegando o resto do bolo que estava na mesa:

Tome aqui, leve isto com você - e entregou-lhe o bolo.

Pippa recomeçou a andar.

A mochila - continuou Clarissa.

Pippa correu à poltrona, apanhou a mochila e chispou rumo à porta do hall.

O chapéu! - gritou Clarissa.

Pippa largou o bolo na mesa, agarrou o chapéu e foi saindo.

Vem cá! - chamou Clarissa outra vez. Tomou o pedaço de bolo, enfiou na boca de Pippa, pegou o chapéu, enterrou-o na cabeça da menina e a empurrou para o hall. - E feche a porta, Pippa - ordenou.

Pippa enfim retirou-se, fechando a porta. Sir Row- riu, e Clarissa riu junto, pegando um cigarro da caixa na mesa. Lá fora, a luz do dia começava a esmaecer, e o lusco-fusco entrava na sala.

Sabe, é maravilhoso! - exclamou Sir Rowland.

Pippa mudou muito. Você tem feito um trabalho notável por aqui, Clarissa.

Clarissa afundou no sofá.

Acho que agora ela gosta mesmo de mim - disse.

E confia em mim. Estou adorando ser madraستا.

Sir Rowland pegou um isqueiro da mesinha ao lado do sofá e acendeu o cigarro de Clarissa.

O fato — observou — é que agora ela voltou a ser uma menina normal e feliz.

Clarissa concordou com a cabeça.

Acho que morar no interior fez a diferença - sugeriu. - Ela frequenta uma ótima escola e tem feito muitos amigos por lá. Sim, acho que está feliz e, como você diz, normal.

Sir Rowland franziu o cenho.

Que coisa chocante - exclamou - ver uma criança no estado em que ela estava. Eu tinha vontade de torcer o pescoço de Miranda. Que mãe horrível ela era.

Sim - concordou Clarissa. - Pippa tinha muito medo da mãe dela.

Sir Rowland juntou-se a ela no sofá.

Um caso revoltante - murmurou.

Clarissa cerrou os punhos e fez um gesto de raiva.

Fico furiosa só de pensar em Miranda - disse ela.

Tudo o que ela fez Henry sofrer e tudo por que ela fez essa criança passar. Ainda não consigo entender como uma mulher foi capaz disso.

O vício das drogas é uma coisa sórdida - prosseguiu Sir Rowland. - Altera toda a sua personalidade.

Ficaram um tempo em silêncio, até Clarissa perguntar:

Como acha que ela começou a usar drogas? -Acho que foi aquele amigo dela, o porco do Oliver

Costello - respondeu Sir Rowland. - Acredito que ele seja traficante.

É um homem detestável - concordou Clarissa.

Muito mau, eu sempre achei.

Eles se casaram, não?

Sim, um mês atrás.

Sir Rowland balançou a cabeça.

Bem, tudo indica que agora Henry está livre de Miranda, de uma vez por todas - disse ele. - Um sujeito legal, o Henry. - Enfatizou: - Um sujeito muito legal.

Clarissa sorriu e murmurou amavelmente:

Acha que precisa me dizer isso?

Sei que ele não fala muito - continuou Sir Rowland.

É o que poderia se chamar de uma pessoa reservada, mas íntegra. - Após uma pausa, acrescentou: - Aquele moço, o Jeremy. O que sabe dele?

Clarissa sorriu de novo.

Jeremy? Ele é muito divertido - respondeu.

Humpf! - bufou Sir Rowland. - Hoje em dia, parece que é só com isso que as pessoas se preocupam.

Lançou a Clarissa um olhar sério e prosseguiu: - Não vá... não vá me fazer uma bobagem, sim?

Clarissa riu.

Não se apaixone por Jeremy Warrender - respondeu ela. - É isso que você quer dizer, não é?

Sir Rowland continuou a fitá-la sério.

Sim - disse ele -, é exatamente isso que eu quero dizer. É evidente que ele é seu fã. Parece mesmo incapaz de lhe tirar as mãos de cima. Mas seu casamento com Henry é muito feliz, e eu não gostaria que se arriscasse a perdê-lo.

Clarissa respondeu com um sorriso afetuoso.

Acha mesmo que eu faria uma bobagem dessas?

perguntou risonha.

Certamente isso seria uma grande bobagem- frisou Sir Rowland. Depois de uma pausa, continuou. - Sabe, Clarissa querida, eu vi você crescer. Você significa realmente muito para mim. Se algum dia estiver em apuros, sabe que pode contar comigo, não sabe?

Claro, meu querido Roly - respondeu Clarissa. Ela o beijou na bochecha. - E não precisa se preocupar com Jeremy. Verdade, não precisa. Sei que ele é

muito envolvente e cativante e tudo o mais. Mas você me conhece, estou apenas me divertindo. Apenas brincando. Não é nada sério.

Antes que Sir Rowland pudesse responder, Miss Peake de repente surgiu nas portas de vidro.

Capítulo 4

Neste meio-tempo, Miss Peake havia tirado as botas e apareceu só de meias. Tinha na mão uma cabeça de brócolis.

A senhora não repara eu entrar deste jeito, Sra. Hailsham-Brown - bradou, caminhando até o sofá. - Não queria sujar a sala toda, por isso deixei as botas lá fora. Só queria que a senhora desse uma olhada neste bróco- lis. - Sobre o encosto do sofá, empurrou a verdura bem embaixo do nariz de Clarissa.

Pa... parece muito bonito - foi tudo o que Clarissa pôde pensar como resposta.

Miss Peake empurrou o brócolis para Sir Rowland.

Dê uma olhada - mandou ela.

Sir Rowland obedeceu e anunciou seu veredicto.

Não consigo ver nada de errado - declarou. Mas pegou o brócolis na mão para empreender uma investigação mais detalhada.

É óbvio que não tem nada de errado - gritou Miss Peake. - Ontem levei outro igualzinho a este na cozinha, e aquela mulher... - Interrompeu a fala, como quem abre parênteses: - Claro, não quero ficar falando dos seus empregados, Sra. Hailsham-Brown, embora eu até pudesse falar um pouco deles. - Retornando ao tema principal, prosseguiu: - Mas não é que aquela Sra. Elgin teve a petulância de dizer na minha cara que era um brócolis de qualidade tão inferior que se recusaria a cozinhá-lo? Ela disse bem assim: "Se a senhora não consegue fazer melhor do que isso na horta é melhor procurar outro emprego". Fiquei tão braba que poderia tê-la esganado.

Clarissa tentou fazer um aparte, mas, indiferente, Miss Peake continuou a se explicar.

Quero que a senhora saiba que eu não desejo causar problema - insistiu -, mas não vou entrar na cozinha para ser insultada. - Depois de uma pausa breve para recuperar o fôlego, retomou sua ladainha. - De agora em diante - declarou -, a Sra. Elgin pode deixar uma lista na porta dos fundos, que eu ligo as verduras do lado de fora.

A esta altura, Sir Rowland tentou devolver o bróco- lis, mas Miss Peake o ignorou e prosseguiu:

Ela pode deixar uma lista do que ela vai precisar.

E concordou consigo mesma, acenando a cabeça com vigor.

Clarissa e Sir Rowland ficaram emudecidos. Na hora exata em que a jardineira abriu a boca de novo, o telefone tocou.

Deixe que eu atendo - berrou ela. Foi ao aparelho e ergueu o fone do gancho. - Alô... sim - gritou, limpando a mesa com a ponta do avental. - Aqui é Copplestone Court... Quer falar com a Sra. Brown?... Só um momento.

Miss Peake estendeu a mão com o receptor. Clarissa apagou o cigarro e foi atender.

-Alô - disse Clarissa. - É a Sra. Hailsham-Brown... Alô... alô? - Olhou para Miss Peake. - Que esquisito exclamou. - Parece que desligaram.

Quando Clarissa recolocava o fone no gancho, Miss Peake subitamente avançou até o consolo e começou a empurrá-lo na direção da parede.

Com sua licença - esbravejou ela -, mas o Sr. Sellon gostava desta mesa encostada na parede.

Clarissa secretamente fez uma careta para Sir Rowland, mas apressou-se a ajudar Miss Peake com o consolo.

Obrigada - disse a jardineira. - E - emendou ela, a senhora vai ter cuidado para não deixar marcas de taças nos móveis, não vai, Sra. Brown-Hailsham? - Clarissa olhou angustiada para a mesa, e a jardineira corrigiu-se.

Me desculpe... eu quis dizer Sra. Hailsham-Brown. - Ela caiu numa risada cordial. - Ora, Brown-Hailsham, Hailsham-Brown - prosseguiu. - Dá tudo na mesma, não é?

Não, Miss Peake, não dá - declarou Sir Rowland, articulando claramente as palavras. - Afinal, uma baia equina é algo bem diferente de uma equina baia.

Miss Peake ria jovialmente disso, quando Hugo entrou na sala.

Como vai? - cumprimentou ela. - Estou levando meu rotineiro puxão de orelha. Muito irônico como sempre. - Aproximando-se de Hugo, deu-lhe um tapinha nas costas e em seguida voltou-se aos demais. - Bem, boa noite a todos - gritou ela. - Está na hora de ir andando. Me dá aqui esses brócolis.

Sir Rowland o devolveu.

Baia equina... equina baia! - exclamou ela. - Essa foi boa! Não vou me esquecer, pode deixar. - Com outra risada estrondosa, sumiu pelas portas de vidro.

Hugo observou Miss Peake se afastar. Voltou-se para Clarissa e Sir Rowland.

Por que cargas d'água Henry aguenta essa mulher? Admirou-se.

Na verdade, ele a considera difícil de engolir - respondeu Clarissa. Pôs o livro de Pippa na mesa e se deixou afundar na poltrona. Hugo respondeu:

Eu também. Ela se acha tão esperta! Sempre com aquele jeito animado de estudante.

Temo que seja um caso de atraso na idade mental acrescentou Sir Rowland, meneando a cabeça.

Clarissa sorriu e disse:

Concordo que ela quase enlouquece a gente, mas é uma ótima jardineira e, como faço questão de repetir, ela vem junto com a casa, e já que a casa é uma maravilha de tão barata...

Barata? É mesmo? - interrompeu Hugo. - Não imaginava.

Uma pechincha - disse-lhe Clarissa. - Saiu um anúncio no jornal. Nós viemos para vê-la uns dois meses atrás e na mesma hora a alugamos por seis meses, com mobília e tudo.

A quem pertence a casa? - indagou Sir Rowland.

Era de um tal Sr. Sellon - respondeu Clarissa.

Mas ele morreu. Era um comerciante de antiguidades em Maidstone.

Ah, sim! - exclamou Hugo. - Sei quem é. Sellon & Brown. Um tempo atrás comprei um espelho estilo Chippendale muito bonito na loja dele em Maidstone. Sellon morava aqui no campo e ia a Maidstone todos os dias, mas acho que às vezes ele trazia clientes aqui para mostrar as coisas que mantinha em casa.

Nem me fale - contou Clarissa aos dois amigos -, esta casa tem algumas desvantagens. Ontem, por exemplo, um homem de traje xadrez berrante chegou guiando um carro esporte e fez uma proposta por essa escrivadinha - apontou ela. - Eu disse a ele que não era nossa e que por isso não podíamos vendê-la, mas

ele simplesmente não escutou o que eu dizia e continuou a aumentar o preço. No fim chegou a quinhentas libras.

Quinhentas libras! - exclamou Sir Rowland, realmente estarecido. Cruzou a sala até a escrivaninha. - Meu bom Deus! - continuou. - Puxa, acho que nem mesmo na feira de antiguidades alcançaria um preço perto disso. É uma peça interessante, mas com certeza não particularmente valiosa.

Enquanto Hugo juntava-se a ele perto da escrivaninha, Pippa retornou à sala.

Ainda estou com fome - reclamou.

Não é possível — Clarissa disse com firmeza.

Estou sim - insistiu Pippa. — Leite e biscoitos de chocolate e uma banana não encham abarriga de ninguém - falou, jogando-se na cadeira de braços.

Sir Rowland e Hugo ainda perscrutavam a escrivaninha.

Sem dúvida, é uma mesa bonita - observou Sir Rowland. - Um móvel bem autêntico, imagino, mas não exatamente o que eu chamaria de uma peça de colecionador. Não concorda, Hugo?

-Sim, mas talvez tenha uma gaveta secreta com um colar de diamantes escondido - brincou Hugo.

Tem uma gaveta secreta. — intrometeu-se Pippa.

O quê? - espantou-se Clarissa.

Achei no sebo um livro sobre gavetas secretas em móveis antigos - explicou Pippa. - Depois andei olhando as escrivaninhas e outras coisas pela

casa. Mas essa é a única que tem uma gaveta secreta - Levantou-se da cadeira. - Olhem - convidou ela. - Vou mostrar a vocês.

Ela caminhou até a escrivaninha e abriu uma das gavetas. Clarissa veio e inclinou-se sobre o soá para observar, enquanto Pippa deslizava a mão dentro da gaveta.

Viram? - disse e mostrou. - É só deslocar isso daqui pra fora, e tem um tipo de lingueta embaixo.

Humpfl - grunhiu Hugo. - Não vejo nada de muito secreto nisso.

Ah, mas isso não é tudo - continuou Pippa. - Você aperta isso aqui embaixo e... salta um escaninho. - De novo, fez conforme descreveu, e um escaninho foi ejetado da mesa. - Estão vendo?

Hugo pegou o escaninho e retirou dele um pedaço de papel.

Olhem - disse -, o que será isso? - Leu em voz alta: - "Seus trouxas!"

Quê?! - exclamou Sir Rowland. Pippa caiu na risada, e os outros a imitaram. Sir Rowland, brincalhão, sacudiu Pippa, que fingiu revidar com um soco e se vangloriou:

Fui eu que coloquei isto ali!

Sua malandrinha! — disse Sir Rowland, descabelando a menina. - Está me saindo pior que a Clarissa em matéria de truques infantis.

Na verdade - contou Pippa -, tinha um envelope com um autógrafo da rainha Vitória dentro. Vejam, vou mostrar pra vocês. - Disparou até as prateleiras, enquanto Clarissa recolocava o escaninho e fechava a gaveta da escrivaninha.

Numa das prateleiras inferiores da estante de livros, Pippa abriu uma caixinha, pegou um envelope antigo e mostrou três pedaços de papel ao grupo ali reunido.

Coleciona autógrafos, Pippa? - perguntou Sir Rowland.

Não exatamente - respondeu Pippa. - Apenas como atividade secundária. - Entregou um dos pedaços de papel a Hugo, que deu uma olhada e passou adiante sir Rowland.

Uma garota da escola é filatelista, e o irmão dela tem uma coleção fabulosa — contou Pippa. - No outono passado, ele achou que tinha conseguido um selo igual ao que tinha visto no jornal... um selo sueco ou suíço que valia centenas de libras. Entregou os dois autógrafos restantes e o envelope a Hugo, que os passou sir Rowland.

O irmão de minha amiga ficou bastante animado - continuou Pippa - e levou o selo a um avaliador. Mas o avaliador disse a ele que aquele não era o selo que ele estava pensando, mas mesmo assim era um ótimo selo. Em todo caso, ele pagou cinco libras pelo selo.

Sir Rowland devolveu os dois autógrafos a Hugo, que os entregou a Pippa.

Cinco libras é um bom preço, não é? - perguntou Pippa, e Hugo concordou com um grunhido.

Pippa baixou o olhar para os autógrafos.

Quanto vocês acham que vale o autógrafo da rainha Vitória? - quis saber ela.

Eu diria que entre cinco a dez xelins - informou Sir Rowland, observando o envelope que continuava a segurar.

Tem do John Ruskin e do Robert Browning também - contou Pippa.

Que, receio, também não tenham muito valor -falou Sir Rowland, entregando o autógrafo remanescente e o envelope a Hugo, que os repassou a Pippa, não sem comentar, em voz baixa e compassiva:

Sinto muito, meu bem. Não está com muita sorte, não é?

Pena que eu não tenho do Neville Duke e do Roger Bannister - murmurou Pippa com ansiedade. - Pelo jeito esses autógrafos históricos são muito batidos. - Guardou o envelope com os autógrafos na caixa, repôs a caixa na prateleira e foi saindo para o hall. - Posso ver se ainda tem biscoito de chocolate na despensa, Clarissa? - perguntou esperançosa.

Sim, se você quiser—disse Clarissa com um sorriso.

Estamos saindo - disse Hugo. Seguiu Pippa até a porta e chamou na escadaria:

Jeremy! Ei! Jeremy!

Já vai! - respondeu Jeremy, descendo as escadas depressa, com um taco de golfe na mão.

Henry deve estar chegando - murmurou Clarissa, tanto para si como para os outros.

Hugo cruzou a sala até a porta de vidro, avisando Jeremy:

Melhor sair por aqui. É mais perto. - Virou-se para Clarissa. - Boa noite, Clarissa querida - disse ele. - Obrigado por nos suportar. Talvez eu vá do clube direto para casa, mas prometo mandar inteiros os hóspedes do fim de semana.

Boa noite, Clarissa - despediu-se Jeremy, seguindo Hugo jardim afora.

Clarissa acenava para eles, quando Sir Rowland apareceu e passou o braço em volta dela.

Boa noite, querida - disse. - Warrender e eu vamos voltar lá pela meia-noite.

Clarissa o acompanhou até a porta de vidro.

Que anoitecer agradável - observou ela. - Vou com você até o portão do campo de golfe.

Caminharam lado a lado no jardim, sem tentar alcançar Hugo e Jeremy.

A que horas chega Henry? - perguntou Sir Rowland.

-Ah, não tenho certeza. Isso varia Daqui a pouco, acho. Seja como for, vamos fazer uma refeição leve e ter uma noite tranquila. Quando vocês voltarem já estaremos na cama.

Sim, não espere por nós, pelo amor de Deus - aconselhou Sir Rowland.

Andaram em silêncio amistoso até o portão do jardim, quando Clarissa falou:

É isso, querido, nos vemos mais tarde, ou mais certo no café-da-manhã.

Sir Rowland deu-lhe um beijinho afetuoso na face e apertou o passo para alcançar os outros. Clarissa deu meia-volta rumo a casa. Caminhou devagar na noite aprazível, detendo-se aqui e ali para saborear aspectos e aromas do jardim, dando rédeas ao pensamento. Riu sozinha ao lembrar-se da imagem de Miss Peake com seus brócolis. Sorriu ao pensar em Jeremy e a sua atabalhoada intenção de cortejá-la; meio à toa, ficou imaginando se ele estava falando sério. Ao aproximar-se da casa, começou a considerar, com prazer, a perspectiva de uma noite com o marido na placidez do lar.

Capítulo 5

Pouco depois de Clarissa e Sir Rowland terem saído, Elgin, o mordomo, entrou na sala vindo do hall, trazendo uma bandeja com bebidas e repousando-a na mesa. Quando tocou a campainha da frente, foi atender. Era um homem moreno de charme artificial.

Boa noite, senhor - saudou Elgin.

Boa noite. Quero falar com a Sra. Brown - disse o homem com certa rispidez.

Pois não, senhor, tenha a bondade - disse Elgin. O homem entrou, e Elgin fechou a porta. - A quem devo anunciar?

Sr. Costello.

Por aqui, meu senhor. - Elgin mostrou o caminho através do hall. Ele ficou de lado para permitir que o recém- chegado entrasse na sala de estar e disse: - Pode esperar aqui, senhor. A madame está em casa. Vou ver se consigo encontrá-la. - Começou a se afastar, em seguida parou e dirigiu-se ao homem. - O senhor disse Sr. Costello?

Exato - respondeu o desconhecido. - Oliver Costello.

Pois não, meu senhor - murmurou Elgin, saindo da sala e fechando a porta atrás de si.

Ao se ver sozinho, Oliver Costello percorreu a sala com o olhar, caminhou primeiro à porta da biblioteca, ficou alguns segundos escutando e fez o mesmo na porta do hall. Aproximou-se da escrivaninha, curvou-se sobre ela e examinou

as gavetas de perto. Escutando um ruído, afastou-se rapidamente da mesa. Estava parado no meio da sala quando Clarissa entrou pela porta de vidro.

Costello virou-se. Ao ver quem era, pareceu admirado.

Foi Clarissa quem falou primeiro. Com expressão de intensa surpresa, exclamou ofegante:

Você?

Clarissa! O que está fazendo aqui? - exclamou Costello, soando igualmente surpreso.

Pergunta cretina, não acha? - retrucou Clarissa. - Esta é a minha casa.

Sua casa? - perguntou de modo cético.

Não faça de conta que não sabe - disse Clarissa, com veemência.

Costello fitou-a em silêncio por um tempo. De repente mudou de atitude e disse:

Que casa encantadora. Pertencia ao velho... como é mesmo o nome dele? O vendedor de antiguidades, não é? Lembro que ele me trouxe aqui uma vez para me mostrar umas cadeiras Luís XV. - Pegou uma cigarreira do bolso.

Aceita um? - ofereceu.

Não, obrigada - respondeu Clarissa com aspereza.

E - acrescentou - acho melhor você ir embora. Meu marido está para chegar a qualquer momento e ele não vai gostar nada de ver você por aqui.

Costello reagiu com divertimento um pouco atrevido.

Mas é justamente com ele que eu quero falar. Para falar a verdade, é por isso que estou aqui, para discutir um acordo adequado.

Acordo? - perguntou Clarissa perplexa.

Um acordo sobre a Pippa - explicou Costello.

Miranda até concorda em deixar Pippa com Henry parte das férias de julho e talvez uma semana no Natal. Mas afora isso...

Clarissa cortou ríspida.

O que você quer dizer? - indagou ela. - A casa de Pippa é aqui.

Costello caminhou descansadamente até a mesa com as bebidas.

Minha cara Clarissa - exclamou - sabe muito bem que o tribunal deu a custódia da criança a Miranda.

Pegou uma garrafa de uísque. - Posso? - Sem esperar resposta serviu um drinque. - Não houve contestação, lembra-se?

Clarissa o encarou hostilmente.

Henry só concordou em dar o divórcio a Miranda

declarou de maneira clara e concisa - depois de ficar acertado entre eles, em particular, que Pippa ia morar com o pai. Se Miranda não tivesse concordado com isso, Henry não teria consentido em dar o divórcio.

Costello deu uma risada que beirou o escárnio.

Não conhece Miranda muito bem, não é? - perguntou. — Ela está sempre mudando de ideia.

Clarissa afastou-se dele.

Ninguém vai me convencer - disse ela com desprezo - que Miranda quer mesmo ficar com a criança; ela não dá a mínima para Pippa.

Mas você não é a mãe, querida Clarissa - respondeu Costello impertinente.
- Posso chamá-la de Clarissa, não? - continuou, com outro sorriso desagradável.
- Afinal, agora que estou casado com Miranda, você e eu somos quase parentes.

Virou o drinque de um só gole e baixou o copo.

Sim, posso garantir - prosseguiu ele agora o instinto materno de Miranda aflorou de verdade. Ela quer Pippa morando conosco a maior parte do tempo.

Não acredito - retorquiu Clarissa.

-Você é que sabe - disse Costello, acomodando-se confortavelmente na cadeira de braços. - Mas não tem sentido contestar agora. Afinal de contas, o acerto foi apenas verbal.

Vocês não vão ficar com Pippa - disse Clarissa, tenazmente. - Ela chegou aqui com os nervos em frangalhos. Agora está bem melhor, feliz na escola, e é assim que ela vai permanecer.

Como vai conseguir isso, querida? - zombou Costello. - A lei está do nosso lado.

O que há por trás disso tudo? - indagou Clarissa desnorteada. - Vocês não gostam de Pippa. Qual o seu real interesse? - Refletiu um pouco e bateu na testa.
- Ah! Como sou boba. Chantagem, é claro.

Quando Costello estava para responder, Elgin surgiu.

Procurava a senhora, madame - falou o mordomo a Clarissa. - A Sra. Elgin e eu podemos sair agora, madame?

Claro que sim, Elgin - respondeu Clarissa.

Nosso táxi chegou - explicou o mordomo. - A ceia está servida na sala de jantar. - Ele estava saindo, mas voltou-se para Clarissa. - A senhora quer que eu feche a sala, madame? - perguntou, observando Costello de soslaio.

Não precisa, pode deixar que eu cuido disso - assegurou Clarissa. - O senhor e sua esposa podem tirar sua folga agora.

Obrigado, madame - disse Elgin. Girou em direção ao hall e completou: - Boa noite, madame.

Boa noite, Elgin - respondeu Clarissa.

Costello aguardou o mordomo fechar a porta e recomeçou.

Chantagem é uma palavra muito feia - ele salientou de modo pouco original. - Devia tomar mais cuidado antes de fazer acusações injustas. Por acaso eu falei em dinheiro?

Até agora não - respondeu Clarissa. - Mas é isso que você pretende, não é?

Costello deu de ombros e estendeu as mãos num gesto expressivo.

É verdade que não estamos em muito boa situação - admitiu. - Miranda sempre foi extravagante, você sabe muito bem. Acho que ela quer que Henry restabeleça a mesada dela. Afinal, ele é rico.

Clarissa aproximou-se de Costello e o encarou firme e diretamente.

Agora escute - ordenou ela. - Não posso falar por Henry, mas posso falar por mim. Tente levar Pippa embora, e vou lutar com unhas e dentes. - Fez uma pausa e acrescentou: - E vou usar a arma que estiver à mão.

Fazendo pouco caso da explosão dela, Costello disfarçou o riso, mas Clarissa continuou:

-Não vai ser difícil conseguir comprovação médica de que Miranda é viciada em drogas. Posso até mesmo ir à Scotland Yard falar com a divisão de Narcóticos e sugerir que fiquem de olho em você.

Costello reagiu com sobressalto.

Henry é muito correto para apoiar esses seus métodos - comentou.

Pois então Henry vai ter que tolerá-los - retorquiui ela com ferocidade. - O que importa é a criança. Não vou deixar ninguém maltratar ou assustar Pippa.

Neste momento, Pippa entrou na sala. Ao ver Costello, estacou aterrorizada.

Oi, Pippa, como vai? Como você está crescida - saudou ele, indo em direção à menina.

Pippa deu um passo para trás.

Vim especialmente para fazer um acordo em relação a você - contou ele. - Sua mãe não vê a hora de você ir morar com ela de novo. Ela e eu nos casamos e...

Não vou - gritou Pippa, muito nervosa, correndo até Clarissa para buscar proteção. - Não vou. Clarissa, eles não podem me forçar, podem? Eles não...

Não se preocupe, Pippa querida - disse Clarissa, abraçando a menina. - Seu lar é aqui, junto com seu pai e comigo. Você não vai ir embora.

Mas eu lhe garanto - começou Costello, apenas para ser cortado com raiva por Clarissa.

Saia daqui agora - gritou ela.

Fingindo de modo irônico estar amedrontado, Costello jogou as mãos acima da cabeça e afastou-se.

Agora! - repetiu Clarissa. E avançou na direção dele. - E não me apareça mais aqui, entendeu?

Miss Peake apareceu nas portas de vidro com um grande forcado na mão.

Ah, Sra. Hailsham-Brown - começou ela -, eu...

Miss Peake - interrompeu Clarissa. - Pode acompanhar o Sr. Costello pelo jardim até o portão dos fundos?

Costello fitou Miss Peake, que levantou o forcado ao retribuir o olhar.

Miss... Peake? - indagou ele.

Prazer em conhecê-lo - respondeu com sua voz áspera. - Cuido da horta e do jardim.

Sim, é claro - disse Costello. - Eu já vim aqui uma vez, talvez a senhora lembre, olhar uns móveis antigos.

Ah, sim - respondeu Miss Peake. - Na época do Sr. Sellon. Mas, sabe, o senhor não vai poder vê-lo. Ele morreu.

Não, eu não vim para vê-lo - afirmou Costello.

Eu vim para ver... a senhora Brown. - Deu ao nome certa ênfase.

Ah, sim? Verdade? Bem, agora o senhor já a viu disse-lhe Miss Peake. Parecia ter percebido que o visitante não era mais bem-vindo.

Costello dirigiu-se a Clarissa.

Até mais ver, Clarissa - disse. - Vai receber notícias minhas, pode ter certeza - avisou ele em tom quase ameaçador.

Por aqui - disse Miss Peake, indicando as portas de vidro com um gesto. E foi atrás dele, perguntando ao saírem: - O senhor vai pegar o ônibus, ou veio de carro?

Atravessavam o jardim, quando Costello informou:

Estacionei o carro perto do estábulo.

Capítulo 6

Tão logo Oliver Costello se retirou com Miss Peake, Pippa desatou a chorar.

Ele vai me levar embora daqui - lamentou, aconchegando-se nos braços de Clarissa, em meio a soluços de amargor.

Não, não vai - garantiu Clarissa, mas a única resposta de Pippa foi gritar:

Odeio Oliver. Sempre odiei.

Com medo de que a menina estivesse à beira da histeria, Clarissa chamou a atenção dela com veemência: Pippa!

A menina afastou-se de Clarissa.

Não quero voltar para minha mãe, prefiro morrer - berrou de forma estridente. - Prefiro morrer. Vou matá-lo.

Pippa! - repreendeu Clarissa.

Neste momento, Pippa parecia irrefreável.

Eu me mato - bradou. - Corto meus pulsos e sangro até morrer.

Clarissa segurou-a firme pelos ombros.

Pippa controle-se - ordenou. - Está tudo bem, acredite. Estou aqui.

Mas eu não quero voltar para minha mãe, e eu odeio Oliver - exclamou Pippa em desespero. - Ele é malvado, malvado, malvado.

Sim, querida, eu sei disso - murmurou Clarissa, tentando reconfortá-la.

Mas tem uma coisa que você não sabe - disse Pippa, soando ainda mais desesperada. - Não contei tudo para você antes... Quando eu vim morar aqui. Não consegui tocar no assunto. Miranda me tratava mal e bebia o tempo todo, mas eu não vim só por causa disso. Uma noite, ela saiu não sei para onde, e Oliver ficou sozinho comigo... acho que ele estava muito bêbado... não sei... mas... - Parou e por um instante pareceu incapaz de continuar. Em seguida, fazendo um esforço, baixou o olhar e disse, num sussurro indistinto: - Ele tentou fazer coisas comigo.

Clarissa ficou horrorizada.

Pippa, o que você quer dizer? - perguntou. - O que está tentando dizer?

Desesperada, Pippa olhou em torno, como se procurasse alguém que pudesse falar por ela.

Ele... ele tentou me beijar e, quando eu o empurrei, ele me agarrou e começou a arrancar o meu vestido. Daí ele... - De repente, parou e rrompeu em pranto.

Venha cá, meu bem - murmurou Clarissa, abraçando a menina. - Tente não pensar nisso. Já passou. Nunca mais algo assim vai acontecer com você. Não vou descansar enquanto Oliver não tenha sido punido pelo que fez. Aquele animal asqueroso. Isso não vai ficar assim.

De súbito, o humor de Pippa mudou. Sua voz assumiu um quê de esperança ao lhe ocorrer uma ideia nova.

Bem que um raio podia cair em cima dele - pensou consigo em voz alta.

Podia mesmo - concordou Clarissa podia mesmo. - Seu rosto se revestiu de uma firmeza inabalável.

Agora se acalme, Pippa. Está tudo bem - garantiu Clarissa, puxando um lenço do bolso. - Tome, assue o nariz.

Pippa obedeceu e logo em seguida usou o lenço para enxugar as lágrimas derramadas no vestido de Clarissa.

Com certo esforço, Clarissa conseguiu achar graça do fato.

Agora, já para cima tomar seu banho - ordenou, fazendo Pippa dar meia-volta rumo ao hall. - E pode caprichar... seu pescoço está imundo.

Pippa parecia mais calma.

Sempre está - respondeu ela e foi saindo. Mas ao chegar na porta virou de repente e correu para Clarissa.

Não vai deixar ele me levar, não é? - suplicou.

Só por cima do meu cadáver - respondeu Clarissa, decidida. Então se corrigiu. - Ou melhor, só por cima do cadáver dele. Pronto! Está bom assim?

Pippa assentiu com a cabeça, e Clarissa beijou sua testa.

Agora, vamos andando - ordenou.

Pippa deu mais um abraço na madrastra e saiu. Clarissa ficou um tempo pensando; ao perceber que a sala escurecera, acendeu as luzes indiretas. Então fechou as portas de vidro e sentou-se no sofá, absorta em pensamentos, o olhar perdido.

Um ou dois minutos depois, ao escutar a porta da frente sendo fechada, olhou com expectativa para a porta do hall, por onde logo entrou o seu marido, Henry Hailsham- Brown, um homem bem-apessoado, de seus quarenta anos, o rosto um tanto inexpressivo, usando óculos de aros de tartaruga e carregando uma valise.

Oi, querida - saudou Henry, acendendo as arandelas e repousando a valise na poltrona.

Oi, Henry - respondeu Clarissa. - Que dia horrível, não acha?

Mesmo? - cruzou a sala, debruçou-se por cima do encosto do sofá e beijou a esposa.

Nem sei por onde começar - disse ela. - Tome um drinque antes.

Agora não - respondeu Henry, indo até a porta de vidro e fechando as cortinas. - Quem está em casa?

Um pouco surpresa com a pergunta, Clarissa respondeu.

Ninguém. É quinta-feira, a noite de folga dos Elgin. Vamos jantar presunto frio e mousse de chocolate, e o café vai estar saboroso porque eu mesma vou preparar.

Henry respondeu apenas com um enigmático "Hum?".

Intrigada com o jeito do marido, Clarissa indagou:

Henry, algum problema?

Bem, sim, de certa forma - reconheceu.

Algo errado? - perguntou ela. - É Miranda?

Não, na verdade não há nada de errado - assegurou Henry. - Pelo contrário. Sim, muito pelo contrário.

Querido - falou Clarissa, em tom afetuoso, com apenas um suave toque de deboche -, estou enganada ou percebo por trás dessa impenetrável fechada de Relações Exteriores uma certa palpitação humana?

Henry adotou um ar de deleite antecipado.

Bem - admitiu de certo modo, é mesmo palpitante. - Pouco depois acrescentou: — Por coincidência, um leve nevoeiro formou-se em Londres.

E isso é palpitante? - perguntou Clarissa.

Não, o nevoeiro não, é claro.

Então? - provocou Clarissa.

Henry olhou rapidamente em torno, como para se assegurar de que ninguém poderia escutá-lo. Em seguida, atravessou a sala e sentou-se no sofá ao lado de Clarissa.

Você precisa guardar segredo - enfatizou com a voz muito séria.

Sim? - incitou Clarissa esperançosa.

É mesmo confidencial - reiterou Henry. - Ninguém pode ficar sabendo. Mas, na verdade, você precisa saber.

Bem, vamos lá, conte - estimulou ela.

Henry olhou ao redor mais uma vez e voltou-se para Clarissa.

É tudo muito sigiloso - insistiu. Fez silêncio para causar impressão e declarou: - Kalendorff, o premier soviético, está chegando a Londres amanhã

para uma importante reunião com o primeiro-ministro.

Nem um pouco impressionada, Clarissa respondeu:

Sim, eu sei.

Henry fitou-a perplexo.

Como assim, sabe? - indagou.

Li no jornal domingo passado — ela informou com naturalidade.

Não entendo como você consegue ler esses jornais de quinta categoria - censurou ele, parecendo realmente incomodado. - De qualquer maneira - prosseguiu -, os jornais não tinham como saber sobre a vinda de Kalendorff . Essa informação é ultrassecreta.

Meu pobre docinho - murmurou Clarissa, numa voz que misturava pena e incredulidade. - Ultrassecreta? Francamente! Vocês, funcionários do alto escalão... acre-ditam em cada uma!

Henry levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, sem esconder a tensão.

Droga, a notícia deve ter vazado - sussurrou.

Eu achava - observou Clarissa em tom mordaz

que a esta altura do campeonato você já sabia que notícias sempre vazam. Aliás, eu achava que você estaria preparado para isso.

Um pouco ofendido, Henry explicou:

Oficialmente a notícia foi liberada hoje à noite. O voo de Kalendorff deve chegar a Heathrow às 8h40, mas na verdade... - Inclinou-se sobre o sofá e fitou a

esposa com ar duvidoso. - Falando sério, Clarissa - perguntou solenemente -, posso confiar em sua descrição?

Sou bem mais discreta que os jornais de domingo

protestou Clarissa, jogando os pés à frente e aprumando o corpo no sofá.

Henry sentou no braço do sofá e debruçou-se sobre Clarissa de modo conspirativo.

A reunião será amanhã em Whitehall - revelou -, mas seria muito proveitoso se antes disso pudesse haver uma conversa em particular entre Sir John e Kalendorff. Como é de se imaginar, todos os repórteres estarão aguardando Kalendorff em Heathrow, e depois que o avião pousar os movimentos de Kalendorff serão públicos.

Mais uma vez olhou ao redor, como se temesse descobrir membros da imprensa espiando por cima de seu ombro, e prosseguiu num tom de animação crescente:

Felizmente, esse começo de nevoeiro caiu do céu.

Continue - encorajou Clarissa. - Por enquanto está emocionante.

No último momento - contou Henry-, por questões de segurança, foi decidido que o avião não vai pousar em Heathrow. O pouso será transferido, como é comum nessas circunstâncias...

Para Bindley Heath - atalhou Clarissa. - São apenas 24 quilômetros daqui. Já sei aonde você quer chegar.

Você é sempre muito perspicaz, Clarissa querida - comentou Henry, um pouco reprovador. - Sim, vou ter que ir até o aeroporto agora em meu carro. Vou me encontrar com Kalendorff e trazê-lo até aqui. O primeiro-ministro está vindo

para cá de automóvel direto de Downing Street. Meia hora será tempo suficiente para o que eles precisam discutir, e depois Kalendorff viaja para Londres com Sir John.

Henry fez uma pausa. Levantou-se, deu alguns passos, voltou-se e disse a ela com franqueza:

Sabe, Clarissa, isso pode ter enorme importância em minha carreira. Estão depositando muita confiança em mim ao fazer esse encontro aqui.

E fazem muito bem - respondeu Clarissa com voz firme, indo até o marido e o abraçando. - Henry, querido - exclamou -, acho tudo isso maravilhoso.

A propósito - informou Henry solene Kalendorff será chamado apenas de Sr. Jones.

Sr. Jones? - perguntou Clarissa, tentando, sem muito sucesso, não transparecer um toque de ceticismo divertido na voz.

Exato - explicou Henry -, num caso desses, é melhor não usar os nomes verdadeiros. Prudência nunca é demais.

Sim... mas... Sr. Jones? - indagou Clarissa. - Não podiam ter pensado em algo melhor que isso? - Acenou a cabeça, com ar incerto, e continuou: - E quanto a mim? Por acaso, recolho-me ao harém, por assim dizer, ou sirvo as bebidas, cumprimento os dois e desapareço discretamente?

Sem esconder certa inquietude, Henry observou a esposa e advertiu:

Deve levar isso a sério, meu bem.

Mas, Henry, querido - insistiu Clarissa -, não posso levar a sério e mesmo assim me divertir um pouquinho?

Por um breve instante Henry considerou a pergunta, antes de responder com gravidade:

Pensando bem, acho melhor você não aparecer, Clarissa.

Clarissa pareceu não se importar com isso.

Tudo bem - concordou. - E quanto à comida? Vão querer algo?

Ah, não - disse Henry. - Não é o caso de se preocupar com uma refeição.

Que tal uns sanduíches? - sugeriu Clarissa. Sentou no braço do sofá e continuou: - Sanduíches de presunto seriam os mais adequados. Envolto em guardanapos para manter o frescor. E café quente, numa garrafa térmica. Sim, isso seria perfeito. E a musse de chocolate pode deixar que eu leve para o quarto como consolo por ser excluída da reunião.

Clarissa, não é hora... - começou Henry, desaprovador, somente para ser interrompido pela esposa, que se levantou e atirou os braços em volta do pescoço dele.

Querido, estou falando sério, verdade - garantiu. - Nada vai dar errado. Não vou permitir. - Ela o beijou com carinho.

Henry gentilmente livrou-se do abraço.

E quanto ao velho Roly? - perguntou.

Ele e Jeremy estão jantando na sede do clube com Hugo - contou Clarissa. - Vão jogar bridge depois, por isso Roly e Jeremy voltam só pela meia-noite.

E os Elgin saíram? - perguntou Henry.

Querido, sabe que eles sempre vão ao cinema às quintas-feiras - lembrou Clarissa. - E só voltam bem depois das onze.

Satisfeito, Henry exclamou:

Ótimo. Parece que tudo vai funcionar a contento. Sir John e o senhor... hum...

Jones - lembrou Clarissa.

Exato, querida. O primeiro-ministro e o Sr. Jones terão ido embora muito antes de eles voltarem. - Henry consultou o relógio. - Bem, é melhor eu tomar um banho rápido antes de ir a Bindley Heath - afirmou.

E é melhor eu preparar os sanduíches de presunto - disse Clarissa, saindo depressa da sala.

Pegando a valise, Henry comentou:

Não deixe as luzes acesas, Clarissa. - Foi até a porta e desligou a iluminação indireta. - Nós produzimos nossa eletricidade por aqui a um custo alto. - Apagou também as arandelas de parede. - Não estamos em Londres.

Depois de uma rápida olhada na sala, agora imersa na escuridão exceto pela tênue luz do hall, Henry assentiu e fechou a porta.

Capítulo 7

No clube de golfe, Hugo reclamava do comportamento de Clarissa no episódio da prova de vinho do Porto.

Está na hora de ela parar com esses joguinhos, sabe - disse, enquanto se dirigiam ao bar. - Lembra, Roly, daquela vez em que eu recebi um telegrama de Whitehall informando que meu nome estaria na próxima lista anual de títulos honoríficos e que eu seria agraciado com o título de Cavaleiro? Uma noite, quando eu jantava com os dois, confidenciei o assunto a Henry. Ele demonstrou surpresa, mas Clarissa começou a rir... Só então percebi que tinha sido ela quem enviara o tal telegrama. Ela sabe ser infantil às vezes.

Sir Rowland riu discretamente.

Sim, e como sabe. E adora representar. A verdade é que ela roubava a cena no clube de teatro da escola. Uma época cheguei a pensar que ela ia levar a sério e seguir carreira nos palcos. Ela convence até mesmo quando conta as mentiras mais deslavadas. Sim, é isso que os atores são. Mentirosos convincentes.

Ficou um instante imerso em lembranças. Depois prosseguiu:

A melhor amiga de Clarissa na escola era uma moça chamada Jeanette Collins. O pai dela tinha sido um famoso jogador de futebol, e a própria Jeanette era fanática por futebol. Bem, um dia Clarissa ligou para Jeanette, disfarçando a voz, e disse ser a agente de relações públicas de um time qualquer. Contou que Jeanette havia sido escolhida a nova mascote do time, mas com uma condição: que ela fosse àquela tarde ao estádio do Chelsea, fantasiada de coelhinha, e ficasse do lado de fora, perto das filas de entrada dos torcedores. Não se sabe como, mas o fato é que Jeanette deu um jeito de alugar uma fantasia e lá se foi vestida de coelhinha ao estádio, onde foi caçoada por centenas de pessoas e

fotografada por Clarissa, que estava esperando por ela. Jeanette ficou furiosa. Acho que a amizade não resistiu a isso.

Não é de se admirar — rosnou Hugo resignado. Pegou o cardápio e começou a dedicar atenção à importante matéria de escolher o que comeria mais tarde.

Nesse meio tempo, na sala de estar vazia dos Hailsham-Brown, minutos depois de Henry ter saído para tomar a ducha, Oliver Costello entrou sorrateiramente pela porta de vidro, deixando as cortinas abertas para que o luar penetrasse. Com cuidado, percorreu a sala com o foco de uma lanterna, foi à escrivaninha e acendeu a lâmpada. Depois de erguer a linguieta do escaninho secreto, de repente apagou a lâmpada e ficou imóvel, como se tivesse escutado algo. Aparentemente tranquilizado, acendeu de novo a lâmpada da mesa e abriu o escaninho.

Atrás de Costello, a parede ao lado da estante de livros se abriu devagar e silenciosa. Junto à escrivaninha, ele fechou o escaninho, apagou a lâmpada e se virou bruscamente. Nem bem andou e levou um violento golpe na cabeça, desferido por alguém escondido no interior do nicho. Costello desabou na hora, caindo atrás do sofá, e a porta secreta fechou depressa.

A sala permaneceu na escuridão um instante, até Henry Hailsham-Brown entrar vindo do hall, acender as arandelas e chamar "Clarissa!". Ele colocou os óculos e, quando abastecia a cigarreira com os cigarros de uma caixa na mesinha perto do sofá, Clarissa entrou, dizendo:

Estou aqui, querido. Quer um sanduíche antes
de ir?

Não, acho melhor eu sair logo - respondeu Henry, dando tapinhas nervosos no casaco.

Mas você vai chegar muito cedo - disse Clarissa.

São só vinte minutos de carro até lá.

Henry meneou a cabeça.

Nunca se sabe - declarou. - Posso furar um pneu, ou o carro pode quebrar.

Não se preocupe à toa, meu bem - repreendeu Clarissa, endireitando a gravata dele. - Tudo vai correr conforme o planejado.

Mas e quanto a Pippa? - perguntou Henry ansioso.

Tem certeza de que ela não vai descer e aparecer bem no meio da conversa sigilosa entre Sir John e Kalen... quero dizer, Sr. Jones?

Não, não há perigo disso - garantiu Clarissa. - Vou subir ao quarto dela e vamos fazer um banquete. Vamos assar as linguiças do café-da-manhã e repartir a mousse de chocolate.

Você é perfeita com Pippa, meu bem - disse com um sorriso afetuoso. - Esse é um dos motivos por que lhe sou muito grato. - Hesitou, um tanto atrapalhado, e prosseguiu: - Nunca fui de me expressar muito bem... eu... sofri tanto... e agora é tudo tão diferente. Você... - apertou Clarissa junto ao peito.

Por alguns instantes, os dois esqueceram do mundo num beijo apaixonado. Em seguida, Clarissa escapou suavemente do abraço e entrelaçou suas mãos nas dele.

Você me faz muito feliz, Henry—disse. - E vai ficar tudo bem com Pippa. Ela é uma criança adorável.

Henry sorriu com ternura.

Agora, vá se encontrar com esse tal de Sr. Jones - ordenou ela, empurrando-o rumo à porta do hall. - Sr. Jones - repetiu. - Vocês não tinham um nome menos ridículo para escolher?

Henry estava para sair da sala quando Clarissa perguntou:

Vão entrar pela porta da frente? Quer que eu a deixe destrancada?

Ele parou na soleira da porta, meditou e respondeu:

Não. Acho que vamos entrar pelo jardim.

É melhor colocar o sobretudo, Henry. Está esfriando - avisou Clarissa, empurrando-o ao hall. - E talvez o cachecol também. - Obediente, ele apanhou o sobretudo de um cabideiro no hall. Clarissa o acompanhou até a porta da frente e deu mais um conselho.

Cuide-se na estrada, querido.

Pode deixar - respondeu Henry. - Sabe que eu sempre me cuido.

Depois que ele saiu, Clarissa fechou a porta e foi até a cozinha terminar o preparo dos sanduíches. Mesmo atarefada em dispor os sanduíches num prato, envoltos era guardanapos úmidos para manter o frescor, o pensamento teimava em recair no recente e exasperador encontro com Oliver Costello. Com as sobrancelhas franzidas, levou os sanduíches à sala de estar, repousando-os na mesinha.

De repente, temerosa de provocar a ira de Miss Peake por ter marcado a mesa, pegou o prato de novo, esfregou sem sucesso a marca deixada e solucionou a questão cobrindo a marca com um vaso de flores que estava perto.

Transferiu o prato de sanduíches para o banquinho e em seguida sacudiu com cuidado as almofadas do sofá. Pegou o livro de Pippa e o levou à estante,

cantarolando:

"Se alguém encontrasse alguém, atravessando o campo de cen..." - de súbito, parou de entoar a cantiga e soltou um grito estridente ao tropeçar em Oliver Costello e quase cair sobre ele.

Curvando-se sobre o corpo, Clarissa reconheceu quem era.

Oliver!—exclamou sem fôlego. Horrorizada, fitou-o por um tempo que pareceu uma década. Persuadida de que ele estava morto, endireitou-se depressa e correu à porta para chamar Henry, mas logo se deu conta de que ele saíra. Voltou ao corpo, correu até o telefone e tirou o fone do gancho. Começou a discar, parou e pôs o fone no gancho de novo. Ficou um tempo pensando e observou a porta secreta na parede. Tomando uma decisão rápida, olhou a parede outra vez e, com relutância, curvou-se e começou a arrastar o corpo em direção a ela.

Enquanto Clarissa fazia isso, a porta secreta abriu devagar. Pippa saiu da câmara, com um chambre sobre o pijama.

Clarissa! - gemeu a menina, correndo com ímpeto para a madrastra.

Tentando ficar entre Pippa e o corpo de Costello, Clarissa procurou afastar a menina com um leve empurrão.

Pippa - implorou -, não olhe, querida. Não olhe.

Com a voz sufocada, Pippa gritou:

Foi sem querer. Verdade, foi sem querer.

Apavorada, Clarissa segurou a criança pelos braços.

Pippa! Foi... você? - falou ela sem fôlego.

Ele está morto, não é? Morto de verdade? - indagou Pippa. Entre soluços convulsivos, lamentou: - Eu não... queria matá-lo. Não tive intenção.

Calma, tenha calma - murmurou Clarissa, consolando-a. - Está tudo bem. Venha, sente aqui. - Levou Pippa até a cadeira de braços e a fez sentar-se.

Eu não queria. Não queria matá-lo - choramingou Pippa.

Clarissa ajoelhou-se ao lado dela.

Claro que você não queria - concordou. - Agora escute, Pippa...

Pippa não parava de chorar, ficando cada vez mais nervosa. Clarissa ralhou com ela.

Pippa, preste atenção. Tudo vai acabar bem. Precisa esquecer o que aconteceu. Esquecer tudo, entende?

Sim - soluçou Pippa -, mas... mas eu...

Pippa - continuou Clarissa com mais energia -, precisa confiar em mim e acreditar no que eu estou falando. Vai ficar tudo bem. Mas precisa ser corajosa e fazer exatamente o que eu disser.

Ainda em meio a soluços convulsivos, Pippa tentou desviar o rosto.

Pippa! - gritou Clarissa. - Vai fazer o que estou pedindo? - Puxou a menina de volta e a olhou bem de perto. - Vai ou não vai?

Sim, vou sim - chorou Pippa, aninhando a cabeça no peito de Clarissa.

Está bem. - Clarissa adotou um tom consolador e ajudou Pippa a levantar-se da cadeira. - Agora suba e vá para a cama.

Vem comigo, por favor - suplicou a menina.

Sim, sim - assegurou Clarissa. - Vou subir daqui a pouco, assim que eu puder, e vou lhe dar um bom comprimido. Então você vai adormecer e amanhã tudo vai parecer bem diferente. - Olhou o corpo no chão e acrescentou: - Não vai haver mais nada para se preocupar.

Mas ele está morto... não está? - perguntou Pippa.

Não, não, talvez não esteja - respondeu Clarissa de modo evasivo. - Vou descobrir. Agora vamos, Pippa. Obedeça.

Soluçando, Pippa saiu da sala e subiu a escada correndo. Clarissa observou-a saindo; em seguida, volveu o olhar para o corpo estirado no chão.

Imagine se eu encontrasse um cadáver na sala de estar, o que eu faria? — murmurou consigo. Ficou por um tempo absorta e exclamou com mais ênfase: - Ai, meu Deus, o que eu vou fazer?

Capítulo 8

Quinze minutos depois, Clarissa permanecia na sala de estar, murmurando consigo. Mas estivera ocupada nesse meio tempo. Agora, todas as luzes estavam acesas, e a porta na parede, cerrada. As cortinas haviam sido corridas sobre as portas de vidro abertas. O corpo de Oliver Costello jazia atrás do sofá, mas Clarissa movera a mobília e dispusera no centro da sala uma mesa de bridge dobrável, com cartas e marcadores para bridge, e quatro cadeiras de espaldar alto e reto ao redor da mesa.

Em pé ao lado da mesa, Clarissa rabiscava anotações num dos marcadores.

- Três de espadas, quatro de copas, quatro sem trunfos, passo - murmurou, apontando cada mão de cartas ao marcar. - Cinco de ouros, passo, seis de espadas... dobro... e acho que não cumprem o contrato. - Após uma pausa, baixou o olhar e continuou. - Vamos ver... dobre vulnerável, duas vazas, quinhentos... ou deixo fazer? Não.

Foi interrompida pela chegada de Sir Rowland, Hugo e o jovem Jeremy, que entraram pela porta de vidro. Hugo parou um instante e fechou uma das folhas da porta envidraçada.

Deixando o marcador e o lápis na mesa de bridge, Clarissa correu ao encontro deles.

Graças a Deus, vocês chegaram - disse ela, muito transtornada, sir Rowland.

O que houve, querida? - perguntou Sir Rowland com preocupação na voz. Clarissa dirigiu-se aos três.

Meus queridos - gritou ela -, vocês precisam me ajudar.

Jeremy notou a mesa com as cartas distribuídas.

Parece que alguém andou jogando bridge - comentou alegremente.

Não seja melodramática, Clarissa - opinou Hugo.

O que andou aprontando, menina?

Clarissa agarrou-se sir Rowland.

O caso é grave - insistiu. - Gravíssimo. Vão me ajudar, não vão?

Claro que vamos ajudar, Clarissa - garantiu-lhe Sir Rowland -, mas o que foi que houve?

Sim, conte, o que foi desta vez? - indagou Hugo com certo enfado.

Jeremy também não demonstrou emoção.

Clarissa, o que você está inventando? - quis saber ele. - O que foi? Encontrou um corpo ou coisa parecida?

Exato - contou Clarissa. - Encontrei... um corpo.

Como assim... encontrou um corpo? - perguntou Hugo, mais perplexo do que interessado.

É bem como o Jeremy disse - respondeu Clarissa.

Entrei aqui e dei de cara com um corpo.

Hugo passou os olhos na sala.

Do que você está falando? - reclamou. - Que corpo? Onde ele está?

Não estou brincando, estou falando sério - gritou enraivecida. - Está ali. Vejam com seus próprios olhos. Atrás do sofá. - Empurrou Sir Rowland em direção ao sofá e recuou.

Hugo foi depressa até o sofá. Jeremy o seguiu e curvou-se sobre o encosto.

Minha nossa, é verdade - murmurou Jeremy.

Sir Rowland juntou-se a eles. Ele e Hugo inclinaram-se para examinar o corpo.

Puxa, é Oliver Costello - exclamou Sir Rowland.

Minha nossa Senhora! - Jeremy correu às portas de vidro e fechou as cortinas.

Sim - disse Clarissa. - É Oliver Costello.

O que ele estava fazendo aqui? - perguntou Sir Rowland a Clarissa.

Veio à noitinha conversar sobre Pippa - respondeu Clarissa. - Logo depois que vocês saíram para o clube.

Sir Rowland indagou desconcertado:

O que ele queria com Pippa?

Ele e Miranda estavam ameaçando levar Pippa embora - contou Clarissa. - Mas agora nada disso importa. Mais tarde eu conto a vocês. Temos pressa. Não há tempo a perder.

Sir Rowland ergueu uma das mãos em sinal de advertência.

Só um momento - ordenou, aproximando-se de Clarissa. — Precisamos esclarecer os fatos. O que aconteceu quando ele chegou?

Clarissa balançou a cabeça de forma impaciente.

Eu avisei que Miranda e ele não iam levar Pippa, e ele foi embora.

Mas ele voltou?

É óbvio que sim - disse Clarissa.

Como? - perguntou Sir Rowland. - Quando?

Não sei - respondeu Clarissa. - Só sei que entrei na sala, como já disse, e o encontrei... daquele jeito. - Fez um gesto em direção ao sofá.

Entendi - disse Sir Rowland, recuando e debruçando-se sobre o corpo no chão. - Entendi. Bem, ele está mortinho da silva. Acertaram a cabeça dele com algo pesado e pontudo. — Olhou em volta para os demais.

Receio que isso não seja um negócio muito agradável prosseguiu, mas não temos outra coisa a fazer. - Foi falando e cruzando a sala rumo ao telefone. - Temos que ligar para a polícia e...

Não! - exclamou Clarissa categórica.

Sir Rowland já estava tirando o fone do gancho.

O quanto antes fizermos isso, melhor, Clarissa

aconselhou ele. - Mesmo porque não creio que eles suspeitem de você.

Não, Roly, pare- insistiu Clarissa. Cruzou a sala correndo, tirou o fone da mão dele e repousou-o no gancho.

Minha filha... - tentou argumentar Sir Rowland, mas Clarissa não lhe permitiu continuar.

Eu mesma poderia ter avisado a polícia, mas não quis - admitiu. - Eu sabia perfeitamente que era a coisa certa a fazer. Até comecei a discar. Então, em vez disso, liguei para o clube e pedi a vocês três que viessem até aqui com urgência. - Ela se voltou para Jeremy e Hugo. - E vocês ainda nem me perguntaram o porquê.

Pode deixar tudo conosco - garantiu-lhe Sir Rowland. - Nós vamos...

Clarissa o interrompeu com energia.

Parece que vocês não estão entendendo - insistiu ela. - Eu quero que me ajudem. Vocês disseram que me ajudariam se eu estivesse em apuros. - Ela virou para incluir os outros dois homens. - Queridos, vocês precisam me ajudar.

Jeremy postou-se de modo a esconder o corpo de Oliver da vista de Clarissa.

O que você quer que a gente faça, Clarissa? - perguntou com polidez.

Livrem-se do cadáver - foi a resposta inesperada.

Menina, deixe de bobagem - ordenou Sir Rowland. - Estamos falando de assassinato.

Exatamente por isso - ponderou Clarissa. - O corpo não pode ser encontrado nesta casa.

Hugo bufou inquieto.

Você não tem noção do que está falando, mocinha exclamou. - Anda lendo muitos livros policiais. Na vida real não se pode fazer esse tipo de brincadeira, ficar removendo cadáveres.

Mas eu já o movi - explicou Clarissa. - Eu o virei para ver se ele estava morto e comecei a arrastá-lo até o esconderijo. Quando percebi que ia precisar de ajuda, liguei para o clube. Enquanto esperava por vocês, boleei um plano.

Que inclui a mesa de bridge, suponho - comentou Jeremy, mostrando a mesa.

Clarissa pegou o marcador de bridge.

Sim - respondeu ela. - Este vai ser nosso álibi.

Que diabo... - começou Hugo, mas Clarissa não lhe deu chance de terminar.

Bridge rodado, meio da terceira rodada - avisou.

Imaginei todas as mãos e anotei os pontos neste marcador. Claro, agora vocês três precisam preencher os outros marcadores com suas respectivas letras.

Sir Rowland a fitou, bastante surpreso, e declarou:

Está louca, Clarissa. Completamente louca.

Clarissa não lhe deu atenção.

Pensei em tudo - retomou. - O corpo precisa ser retirado daqui. - Olhou para Jeremy. - Vai ser preciso dois de vocês para fazer isso - recomendou ela. - É bem difícil lidar com um cadáver... experiência própria.

-Aonde afinal você espera que o levemos? - indagou Hugo exasperado.

Clarissa estivera estudando o assunto.

Acho que o melhor lugar seria Marsden Wood recomendou. - Fica a apenas três quilômetros daqui.

Fez um gesto à esquerda. - Vocês saem pelo portão da frente e poucos metros depois pegam aquela estrada secundária. É uma estrada estreita, quase ninguém passa por ela. - Virou para Sir Rowland e deu as instruções.

Sigam até entrar no mato e deixem o carro ao lado da estrada. Depois voltem caminhando para cá.

Estarrecido, Jeremy perguntou:

Se eu entendi bem, você quer que a gente desove o corpo na mata?

Não. Podem deixá-lo dentro do carro - explicou Clarissa. - É o carro dele, entenderam? Ele o deixou estacionado perto do estábulo.

A esta altura, todo o trio estampava a mesma expressão desconcertada.

Vai ser tudo muito fácil - garantiu Clarissa. - Se por acaso alguém ver vocês voltando, a noite está bem escura. E ninguém vai conseguir reconhecer vocês. E temos um alibi. Nós quatro estávamos aqui, jogando bridge.

Ela repôs o marcador na mesa de bridge, quase satisfeita consigo. Os homens fitavam-na estupefatos.

Hugo começou a andar em círculos.

Eu... eu... - balbuciou, abanando as mãos no ar. Clarissa retomou as instruções.

Usem luvas, é claro - disse ela -, para não deixar impressões digitais em nenhuma superfície. Já estou com elas prontas aqui. - Afastando Jeremy da frente, ela foi ao sofá, pegou três pares de luvas debaixo de uma das almofadas e as dispôs num dos braços do sofá.

Sir Rowland não tirava os olhos de Clarissa.

Seu talento nato para o crime me deixa sem palavras - alfinetou.

Jeremy a olhou com admiração.

Ela pensou em tudo, não é mesmo? – comentou ele.

Sim - admitiu Hugo mas tudo isso não deixa de ser um grande absurdo.

-Agora, apressem-se - determinou Clarissa com veemência. - Às nove horas, Henry e o Sr. Jones vão chegar.

Sr. Jones? Quem raios é Sr. Jones? - perguntou Sir Rowland.

Clarissa levou a mão à cabeça.

Puxa vida - exclamou ela -, nunca tinha imaginado quanta explicação é necessária em caso de assassinato. Achava que bastaria pedir ajuda, vocês me ajudariam, e pronto, tudo estaria resolvido. - Olhou ao redor para o trio. - Ah, queridos, precisam me ajudar. - Passou a mão no cabelo de Hugo. — Hugo, querido...

A atuação está ótima, meu bem - disse Hugo, nitidamente incomodado -, mas um cadáver é uma coisa séria e desagradável. Ficar fazendo travessuras com ele pode resultar numa verdadeira confusão. Ninguém sai por aí transportando cadáveres na calada da noite.

Clarissa foi até Jeremy e repousou a mão no braço dele.

Jeremy, querido, você vai me ajudar, tenho certeza. Não vai? - perguntou com um tom de súplica na voz.

Jeremy fitou-a com adoração.

Está bem, eu topo - respondeu animado. - O que é um cadáver a mais ou a menos entre amigos?

Alto lá, mocinho - ordenou Sir Rowland. - Não vou permitir isso. - E virando-se para Clarissa: - Preste atenção, Clarissa, você precisa ouvir meus conselhos. Eu insisto. Afinal, precisamos levar Henry em conta.

Clarissa fulminou-o com o olhar e declarou:

Mas é justamente Henry que estou levando em conta.

Capítulo 9

Os três homens receberam o comunicado de Clarissa em silêncio. De modo grave, Sir Rowland balançou a cabeça, Hugo permaneceu atônito, e Jeremy apenas deu de ombros, como quem desiste completamente de entender a situação.

Respirando fundo, Clarissa dirigiu-se ao trio.

Algo incrivelmente importante vai acontecer aqui hoje à noite - disse. - Henry saiu para... para se encontrar com uma pessoa e trazê-la até aqui. Trata-se de algo imprescindível e confidencial. Um segredo político muito importante. Ninguém deve saber disso. Não deve haver publicidade alguma.

Henry saiu para se encontrar com um tal de Sr. Jones? - Sir Rowland indagou de modo cético.

É um nome simples, concordo - disse Clarissa -, mas é assim que resolveram chamá-lo. Não posso revelar o nome verdadeiro dele. Não posso falar mais nada. Prometi a Henry não contar nada para ninguém, mas preciso que vocês entendam que eu não estou apenas... - virou para Hugo antes de concluir - ...sendo estúpida e bancando a atriz, como Hugo insinuou.

Ela se voltou para Sir Rowland.

Que tipo de efeito você acha que teria na carreira de Henry - perguntou - se ele entrasse aqui com essa pessoa ilustre (e com outra pessoa muito ilustre viajando especialmente de Londres só para essa reunião) e encontrasse a polícia investigando um crime... o assassinato do homem recém-casado com a ex-mulher de Henry?

Meu bom Deus! - exclamou Sir Rowland. Então encarou Clarissa e acrescentou em tom duvidoso: - Não está inventando tudo isso, está? Esse não é só mais um de seus jogos sofisticados com o objetivo de nos fazer de bobos?

Clarissa balançou a cabeça com pesar.

Nunca acreditam em mim quando falo a verdade, protestou.

Sinto muito, querida - disse Sir Rowland. - Sim, agora entendo que o problema é mais complicado do que eu imaginava.

Entende? - insistiu Clarissa. - Por isso que é absolutamente crucial remover o corpo daqui.

Onde está mesmo o carro dele? - indagou Jeremy.

Perto do estábulo.

E os empregados saíram, pelo que entendi?

Clarissa acenou com a cabeça.

Sim.

Jeremy pegou um par de luvas do sofá.

Certo - exclamou decidido. - Levo o corpo até o carro, ou trago o carro até o corpo?

Sir Rowland estendeu o braço, num gesto de contenção.

Espere um pouco - recomendou. - Não devemos nos precipitar assim.

Jeremy largou o par de luvas, mas Clarissa voltou-se sir Rowland, num grito desesperado:

Mas temos que nos apressar!

Sir Rowland a observou de modo sério.

Não estou convencido de que esse seu plano é o melhor, Clarissa - declarou.
- Quero dizer, se pudéssemos apenas retardar a descoberta do corpo até amanhã de manhã... penso que isso resolveria o problema sem maiores complicações. De momento, se apenas levássemos o corpo a outro aposento, por exemplo, acho que isso poderia ser justificável.

Clarissa dirigiu-se diretamente a ele.

É você quem eu tenho que convencer, não é? disse ela.

Olhando para Jeremy, prosseguiu: - Jeremy está pronto para ajudar. - Lançou um olhar para Hugo.

E Hugo resmunga, balança a cabeça, mas acaba colaborando. É você que...

Abriu a porta da biblioteca.

-Vocês dois nos dão licença um minuto? - perguntou a Jeremy e Hugo. - Quero falar a sós com Roly.

Não deixa ela te enrolar, Roly - preveniu Hugo e foi deixando a sala junto com Jeremy.

Jeremy deu um sorriso tranquilizador a Clarissa e murmurou:

Boa sorte!

Sir Rowland, sisudo, sentou-se à mesa de leitura.

Pois bem! - exclamou Clarissa ao sentar-se do outro lado da mesa e fitá-lo.

Querida - advertiu Sir Rowland -, eu amo você, e sempre vou amar com ternura. Mas, antes que você me pergunte, neste caso, a resposta simplesmente tem que ser não.

Clarissa falou com seriedade e ênfase:

O corpo daquele homem não pode ser encontrado nesta casa - insistiu Clarissa. - Se ele for encontrado em Marsden Wood, posso dizer que ele ficou pouco tempo aqui. Posso dizer à polícia inclusive a hora exata em que ele saiu. Na verdade, Miss Peake o acompanhou até a saída, o que acabou sendo uma sorte. Não há motivo para mencionar que ele voltou.

Ela respirou fundo.

Mas se o corpo dele for encontrado aqui - retomou -, todos nós vamos ser interrogados. - Fez uma pausa antes de concluir sem hesitação: - E Pippa não vai conseguir suportar.

Pippa? - perguntou Sir Rowland claramente surpreso.

O rosto de Clarissa estava sombrio.

Sim, Pippa. Ela vai perder o controle e confessar o crime.

Pippa! - repetiu Sir Rowland, enquanto assimilava devagar as recentes informações.

Clarissa assentiu com a cabeça.

Meu Deus! - exclamou Sir Rowland.

Ela ficou apavorada quando ele veio aqui hoje contou Clarissa.

Tentei tranquilizá-la, dizendo que eu não ia permitir que ele a levasse embora, mas acho que ela não acreditou em mim. Você sabe tudo o que ela passou... o colapso nervoso que ela teve? Bem, acho que ela não sobreviveria se fosse obrigada a morar de novo com Oliver e Miranda. Pippa estava aqui quando eu encontrei o corpo de Oliver. Ela me disse que não teve intenção, eu tenho certeza de que ela estava falando a verdade. Foi puro pânico. Ela pegou aquele bastão e o atingiu sem pensar.

Que bastão? - indagou Sir Rowland.

Aquele do suporte no hall. Está no esconderijo. Deixei onde estava, não toquei nele.

Sir Rowland pensou por um momento. Então perguntou incisivo:

Onde está Pippa agora?

Na cama - disse Clarissa. - Dei um comprimido para ela dormir. Não deve acordar antes do amanhecer, quando vou levá-la a Londres. Minha antiga babá vai cuidar dela por um tempo.

Sir Rowland levantou-se e foi atrás do sofá olhar o corpo de Oliver Costello. Retornando, beijou Clarissa.

Meu bem, você venceu - disse ele. - Me perdoe. Pippa não deve ser obrigada a enfrentar uma situação como esta. Chame os outros de volta.

Ele fechou a outra folha da porta envidraçada. Clarissa, por sua vez, abriu a porta da biblioteca e chamou:

Hugo, Jeremy. Podem retornar, por favor? Os dois voltaram à sala.

Esse mordomo de vocês não fecha a casa direito avisou Hugo. - A janela da biblioteca estava aberta. Acabo de fechá-la.

Dirigindo-se sir Rowland, perguntou de chofre:

E então?

Fui convencido - foi a resposta igualmente concisa.

Muito bem - comentou Jeremy.

Não há tempo a perder - declarou Sir Rowland.

Antes de mais nada, as luvas.

Ele apanhou um par e o colocou. Jeremy pegou um par e entregou outro a Hugo; os dois colocaram as luvas. Sir Rowland foi até a porta secreta.

Como se abre esta coisa? - perguntou. Jeremy aproximou-se.

Assim - disse ele. - Pippa me mostrou. - Moveu a alavanca e abriu a porta secreta.

Sir Rowland examinou o esconderijo, estendeu o braço para dentro e pegou o bastão de caminhada.

Sim, é pesado o bastante - comentou. - E bem na cabeça. Por outro lado, eu não imaginava que... - Ele parou.

O que você não imaginava? - quis saber Hugo. Sir Rowland meneou a cabeça.

Eu imaginava - respondeu ele - que tinha sido algo com a ponta mais afiada... e metálica.

Quer dizer uma espécie de cutelo - observou Hugo, ríspido.

Não sei, não - disse Jeremy. - Para mim esse bastão parece bem mortal. Pode-se facilmente esfacelar a cabeça de alguém com ele.

Evidente que sim - disse Sir Rowland, em um tom seco. Voltou-se a Hugo e entregou-lhe o bastão. -Hugo, faça o favor de queimar isto na fornalha da cozinha - orientou.

Warrender, nós dois vamos levar o corpo até o carro.

Ele e Jeremy se agacharam, cada qual a um lado do corpo. No momento em que faziam isso, tocou uma campainha.

O que foi isso? - indagou Sir Rowland atônito. -A campainha da frente - disse Clarissa desorientada.

Todos ficaram petrificados por um instante. - Quem será?

- pensou consigo Clarissa em voz alta. — É muito cedo para Henry e... ahn... o sr. Jones. Talvez seja Sir John.

Sir John? - indagou Sir Rowland, ainda mais perplexo. - Quer dizer que o primeiro-ministro é esperado aqui hoje à noite?

Sim - respondeu Clarissa.

Hum... - murmurou Sir Rowland, numa indecisão momentânea. Então sussurrou: - Certo. Bem, precisamos fazer alguma coisa. - A campainha tocou de novo, e ele entrou em ação. - Clarissa - ordenou —, vá atender a porta. Use todas táticas possíveis de demora. Neste meio-tempo, damos um jeito por aqui.

Clarissa saiu rapidamente em direção ao hall, e Sir Rowland voltou-se para Hugo e Jeremy.

Escutem bem - explicou em tom decidido. - Vamos escondê-lo naquele nicho. Mais tarde, quando eles estiverem no meio da reunião, podemos retirá-lo pela biblioteca.

Boa ideia - concordou Jeremy, auxiliando Sir Rowland a erguer o corpo.

Precisam de ajuda? - perguntou Hugo.

Não, está tudo bem - respondeu Jeremy. Ele e Sir Rowland ergueram o corpo de Costello pelas axilas e o carregaram para dentro do esconderijo; Hugo pegou a lanterna. Pouco depois, Sir Rowland saiu e acionou a alavanca, seguido pelo apressado Jeremy. Rapidamente, Hugo esgueirou-se sob o braço de Jeremy esconderijo adentro, com a lanterna e o bastão. A porta secreta fechou.

Sir Rowland, depois de examinar o seu casaco para ver se não havia manchas de sangue, murmurou:

As luvas. - Tirou as luvas e colocou-as embaixo de uma almofada no sofá. Jeremy fez o mesmo. Então, Sir Rowland lembrou:

Bridge!

Sentou-se apressado à mesa de bridge.

Jeremy o imitou e pegou as cartas à sua frente.

Vamos, Hugo, mova-se - apressou Sir Rowland, ao pegar suas cartas.

Como resposta, ouviu uma batida no interior do esconderijo. De repente, notando a ausência de Hugo, Sir Rowland e Jeremy se entreolharam sobressaltados. Jeremy correu até a alavanca e abriu a porta secreta.

Vamos, Hugo - repetiu Sir Rowland, inquieto, quando Hugo apareceu.

Depressa, Hugo - resmungou Jeremy, impaciente, acionando a alavanca e fechando a porta outra vez.

Sir Rowland arrancou as luvas de Hugo e escondeu-as embaixo da almofada do sofá. Os três prontamente tomaram lugar à mesa de bridge e apanharam as cartas. Nisso Clarissa veio do hall e entrou na sala, seguida por dois homens fardados.

Em tom de surpresa inocente, Clarissa anunciou:

Tio Roly, é a polícia.

Capítulo 10

O mais antigo dos dois policiais, um grisalho atarracado, seguiu Clarissa sala adentro, e o seu colega ficou esperando à porta do hall.

Este é o inspetor Lord - apresentou Clarissa. - E... ela virou para o policial mais novo, um moreno de vinte e poucos anos, com a compleição de um jogador de futebol.

Desculpe-me, como é mesmo o seu nome? - perguntou.

O inspetor respondeu por ele.

É o guarda Jones - informou. Dirigindo-se aos três homens, ele prosseguiu: - Desculpe a intromissão, cavalheiros, mas recebemos a denúncia de que teria sido cometido um assassinato nesta casa.

Clarissa e seus amigos falaram todos ao mesmo tempo, demonstrando surpresa completa.

O quê? - bradou Hugo.

Um assassinato! - exclamou Jeremy.

Céus! - gritou Sir Rowland.

Não é extraordinário? - disse Clarissa.

Sim, recebemos um telefonema na delegacia- esclareceu o inspetor. Com um aceno de cabeça para Hugo, acrescentou: - Boa noite, sr. Birch.

Ahn... boa noite, inspetor - balbuciou Hugo.

Parece que alguém andou lhe passando um trote, inspetor - sugeriu Sir Rowland.

Sim - concordou Clarissa. - Jogamos bridge a noite toda.

Os outros confirmaram, e Clarissa indagou:

A pessoa que ligou disse quem foi assassinado?

Não foram mencionados nomes - comunicou o inspetor. - Quem ligou disse apenas que um homem havia sido assassinado em Copplestone Court e pediu que viéssemos imediatamente. Desligou antes que pudessem ser obtidas informações adicionais.

Deve ter sido um trote - declarou Clarissa. Acrescentou de maneira virtuosa: - Que coisa mais vil.

Hugo fez "Tsc, tsc" em desaprovação, e o inspetor respondeu:

A senhora ficaria surpresa se soubesse as maluquices que as pessoas fazem.

Fez uma pausa, olhou um por um dos interlocutores e continuou, dirigindo-se a Clarissa:

Muito bem, de acordo com a senhora, não aconteceu nada fora do comum aqui esta noite? - Sem esperar resposta, emendou: - Talvez seja melhor eu falar também com o sr. Hailsham-Brown.

Ele não está em casa - disse Clarissa ao inspetor. - Só vai chegar tarde da noite.

Entendo - respondeu. - Quem está hospedado na casa agora?

Sir Rowland Delahaye e o Sr. Warrender - disse Clarissa, indicando-os. Ela completou: - E o Sr. Birch, que o senhor já conhece, veio para a noite.

Sir Rowland e Jeremy aquiesceram com murmúrios.

Ah, claro - prosseguiu Clarissa, como se tivesse lembrado naquele instante e minha pequena enteada.

Deu ênfase à palavra "pequena". - Está no quarto dela, dormindo.

E quanto aos empregados? - quis saber o inspetor.

Temos dois. Marido e mulher. Mas é a noite de folga deles. Foram ao cinema em Maidstone.

Sei - disse o inspetor sério, acenando a cabeça.

Naquele exato momento, Elgin entrou na sala pela porta do hall, quase trombando com o guarda que estava ali de sentinela. Após um rápido olhar de dúvida ao inspetor, Elgin dirigiu-se à patroa.

A senhora deseja alguma coisa, madame? - perguntou.

O inspetor lançou um olhar mordaz a Clarissa, que exclamou surpresa:

Pensei que vocês tinham ido ao cinema, Elgin.

Tivemos que voltar logo, madame - explicou o mordomo. - Minha mulher não estava se sentindo bem.

Cheio de dedos, acrescentou: - Um... probleminha estomacal. Deve ter sido algo que ela comeu. - Olhou para o inspetor, depois para o guarda e perguntou: - Há algo... errado?

Qual o seu nome? - perguntou o inspetor.

Elgin, senhor - respondeu o mordomo. - Espero realmente não haver nada...

Alguém ligou à delegacia e disse que um assassinato havia sido cometido aqui - atalhou o inspetor.

Um assassinato? - indagou Elgin sem fôlego.

Sabe de alguma coisa?

Nada, senhor. Nada mesmo.

Quer dizer, então, que não foi você que ligou? perguntou o inspetor.

Não, não foi.

Quando você voltou para casa, entrou pela porta dos fundos, imagino?

Sim, meu senhor - respondeu Elgin, adotando uma atitude mais respeitosa devido ao nervosismo.

Notou algo diferente?

O mordomo meditou um pouco e respondeu:

Pensando bem, agora que o senhor falou, havia um carro desconhecido perto do estábulo.

Um carro desconhecido? Como assim?

Na hora fiquei pensando de quem podia ser lembrou Elgin. - Me pareceu um lugar curioso para estacionar.

Havia alguém no carro?

Não que eu tenha visto, senhor.

Vá dar uma olhada, Jones - ordenou o inspetor ao guarda.

Jones! - exclamou involuntariamente Clarissa, de sobressalto.

Algum problema? - disse o inspetor, virando-se para ela.

Clarissa recompôs-se depressa. Com um sorriso, murmurou:

Nada não... só achei que nem parece que ele é do País de Gales.

Com um gesto, o inspetor indicou ao guarda Jones e a Elgin que se retirassem. Os dois deixaram juntos a sala, e seguiu-se um silêncio. Um momento depois, Jeremy sentou-se no sofá e começou a comer os sanduíches. O inspetor descansou o quepe e as luvas na cadeira de braços e, respirando fundo, dirigiu-se ao grupo reunido.

Tudo indica - declarou numa fala lenta e calculada - que uma pessoa esteve aqui hoje à noite sem que ninguém percebesse. - Olhou para Clarissa. - Tem certeza de que não esperava mais ninguém? - perguntou.

-Ah... claro que tenho certeza - respondeu Clarissa.

Não queríamos que ninguém mais aparecesse. Lá estávamos em quatro para o bridge.

É mesmo? - disse o inspetor. - Eu também gosto de jogar bridge.

O senhor gosta? - respondeu Clarissa. - Joga a convenção Blackwood?

Só um joguinho simples - disse o inspetor. - Diga- me, Sra. Hailsham-Brown - retomou ele -, não faz muito tempo que a senhora mora aqui, não é mesmo?

Não - contou ela. - Umas seis semanas.

O inspetor observou-a detidamente.

E não aconteceu nada suspeito desde que vocês se mudaram para cá? - perguntou.

Antes de Clarissa responder, Sir Rowland interpôs:

O que o senhor quer dizer mais exatamente com nada suspeito, inspetor?

Bem, é uma história realmente curiosa - informou o policial, dirigindo-se a Sir Rowland. - Esta casa pertencia ao sr. Sellon, o vendedor de antiguidades. Ele morreu seis meses atrás.

Sim - lembrou-se Clarissa. - Sofreu uma espécie de acidente, não foi?

Exato - disse o inspetor. - Caiu de ponta cabeça na escada. - Volvendo o olhar a Jeremy e Hugo, emendando:

Morte accidental, foi o que alegaram. Pode ser que sim, pode ser que não.

O senhor quer dizer - perguntou Clarissa - que ele pode ter sido empurrado?

Ou isso - concordou, voltando-se para ela -, ou ele pode ter levado uma pancada na cabeça...

Houve um silêncio tenso, outra vez quebrado pelo inspetor:

Alguém pode ter disposto o corpo de Sellon ao pé da escadaria.

Na escadaria desta casa? - indagou Clarissa nervosamente.

Não, aconteceu na loja dele - informou o inspetor. - Não havia provas concludentes, é claro... mas o sr. Sellon escondia um pouco o jogo.

Como assim, inspetor? - perguntou Sir Rowland.

Bem - o inspetor respondeu -, vamos dizer que uma ou duas vezes ele precisou nos dar explicações. E em outra oportunidade a divisão de Narcóticos desceu de Londres para ter uma conversinha com ele... - fez uma pausa, antes de concluir —, mas não se conseguiu provar nada.

O senhor quer dizer oficialmente - observou Sir Rowland.

É verdade - disse o inspetor de modo expressivo. - Oficialmente.

Ao passo que não-oficialmente...? - instigou Sir Rowland.

Receio não poder tocar nesse assunto - respondeu o inspetor. Continuou: - Houve, porém, uma circunstância insólita. Havia na escrivaninha do Sr. Sellon uma carta inacabada, na qual ele mencionava estar em posse de algo descrito por ele como uma raridade incomparável e que ele iria... - neste ponto o inspetor parou, como se estivesse tentando recordar as palavras exatas - ...primeiro se certificar de que não era uma falsificação para depois vender por quatorze mil libras.

Pensativo, sir Rowland murmurou:

Quatorze mil libras. - E continuou, aumentando o tom de voz: - Sem dúvida, é bastante dinheiro. O que poderia ser? Uma jóia, suponho, mas a palavra falsificação sugere... não sei, um quadro, talvez?

Jeremy continuava a mastigar os sanduíches de modo ruidoso. O inspetor respondeu:

Sim, talvez. Não havia nada na loja que valesse uma grande soma de dinheiro. O inventário do seguro não deixou dúvidas quanto a isso. O s.r. Sellon tinha uma sócia, dona de seu próprio negócio em Londres. Essa senhora escreveu dizendo que não sabia de nada que pudesse nos ajudar ou informar.

Sir Rowland balançou a cabeça devagar.

Ele pode ter sido assassinado, e o tal objeto, seja qual for, ter sido roubado - sugeriu ele.

É uma possibilidade, sir-concordou o inspetor, mas outra é que o suposto ladrão não tenha conseguido encontrar o objeto.

Ora, por que o senhor pensa isso? - indagou sir Rowland.

Porque - respondeu o inspetor - de lá para cá a loja foi arrombada duas vezes. Arrombada e revirada de cima a baixo.

Confusa, Clarissa quis saber:

Por que está nos contando tudo isso, inspetor?

Porque, Sra. Hailsham-Brown—volveu o inspetor -, passou pela minha cabeça que, seja lá o que for que o s.r. Sellon escondeu, ele pode ter escondido aqui nesta casa e não na loja dele em Maidstone. Por isso, perguntei se a senhora não ficou sabendo de algo estranho.

Erguendo a mão como se de repente tivesse lembrado de algo, Clarissa disse agitada:

-Alguém ligou hoje, pediu para falar comigo e, quando eu atendi o telefone, desligou. É um pouco esquisito, não acha? - Ela se virou para Jeremy e acrescentou: - Ah, sim, é claro. Houve também aquele homem que veio outro dia e queria comprar coisas... um grosseirão vestindo um terno xadrez. Queria comprar aquela escrivaninha.

O inspetor cruzou a sala para examinar a escrivaninha.

Esta aqui? - perguntou.

Sim - respondeu Clarissa. - É claro que eu disse a ele que não podíamos vender, afinal o móvel não era nosso, mas ele não acreditou em mim. Ofereceu uma quantia alta, bem mais do que vale.

Muito interessante - comentou o inspetor, perscrutando a escrivania. - Em geral, essas coisas têm uma gaveta secreta.

Sim, esta tem - revelou Clarissa. - Mas não tinha nada de muito interessante nela. Só uns autógrafos antigos.

Interessado, o inspetor perguntou:

Autógrafos antigos podem valer bastante dinheiro, que eu saiba - falou. - De quem eram?

Posso garantir-lhe, inspetor — informou Sir Rowland que esses não eram raros o bastante nem para valer mais de uma ou duas libras.

A porta do hall abriu, e o guarda Jones entrou, trazendo um livrinho e um par de luvas.

E então, Jones? Qual o relatório? - perguntou o inspetor.

Examinei o carro - respondeu. - Só um par de luvas no assento do motorista. Mas encontrei esta agenda na bolsa da porta. - Entregou a agenda ao inspetor, e Clarissa trocou sorrisos com Jeremy pelo forte sotaque galês do guarda.

O inspetor examinou a agenda e leu em voz alta:

"Oliver Costello, Moigan Mansions, 27, Londres, SW3". - Então, perguntou a Clarissa de modo incisivo: - Por acaso um homem chamado Costello não

esteve aqui hoje?

Capítulo 11

Os quatro amigos trocaram olhares furtivos de culpa Tanto Clarissa quanto Sir Rowland fizeram menção de responder, mas foi Clarissa quem falou realmente.

84

Sim - admitiu. - Ele esteve aqui por volta... - Hesitou. - Deixe-me ver... - prosseguiu. - Sim, por volta das seis e meia.

Ele é seu amigo? - perguntou o inspetor a ela.

Não, eu não o chamaria de amigo - respondeu Clarissa. - Encontrei-me com ele só uma ou duas vezes.

De modo intencional, assumiu uma expressão constrangida e disse vacilante: - É... um pouco complicado mesmo... - Olhou suplicante a Sir Rowland, como passando a bola a ele.

Este cavalheiro prontamente atendeu ao não pronunciado pedido da amiga.

Inspetor - disse ele -, talvez fosse melhor eu explicar a situação.

Por favor - respondeu o inspetor um tanto lacônico.

Bem - prosseguiu Sir Rowland -, o caso tem a ver com a primeira Sra. Hailsham-Brown. Faz pouco mais de um ano que ela e Hailsham-Brown se divorciaram, e não faz muito ela se casou com o s.r. Oliver Costello.

Certo - observou o inspetor. - E o s.r. Costello veio aqui hoje. - Voltou-se para Clarissa. - Por que motivo perguntou, - Ele avisou que vinha?

Ah, não - respondeu Clarissa com naturalidade.

Para ser mais exata, quando Miranda e meu marido se divorciaram, ela levou junto uma ou duas coisas que na verdade não lhe pertenciam. Oliver Costello casualmente estava passando por aqui e fez uma visitinha para devolver.

Que tipo de coisas? - foi a pergunta instantânea do inspetor.

Clarissa esperava essa pergunta.

Nada importante - disse com um sorriso. Pegou a pequena cigarreira prateada da mesinha ao lado do sofá e estendeu ao inspetor.

Isto, por exemplo - disse ela. - Pertenceu à mãe de meu marido e tem valor sentimental para ele.

Pensativo, o inspetor fitou Clarissa por um instante, antes de perguntar:

O s.r. Costello chegou às seis e meia e ficou por quanto tempo?

Ah, pouco tempo - respondeu ela ao repor a cigarreira na mesa. - Disse que estava com pressa. Uns dez minutos, eu diria. Não mais do que isso.

E a conversa foi bem amigável? - inquiriu o inspetor.

Ah, sim - assegurou Clarissa. - Achei muita gentileza dele se importar em devolver as coisas.

O inspetor pensou um momento e indagou:

Ele mencionou para onde ia depois?

Não - respondeu Clarissa. - Na verdade, ele saiu por ali — prosseguiu, apontando a porta envidraçada de duas folhas. - Inclusive nossa jardineira, Miss

Peake, estava aqui e se ofereceu para acompanhá-lo pelo jardim ao portão da saída.

Sua jardineira... ela mora na propriedade? - quis saber o inspetor.

Sim, mas não na casa. Ela mora no chalé.

Gostaria de ter uma palavrinha com ela - decidiu o inspetor. Voltou-se para o guarda. - Jones, vá chamá-la.

Há uma conexão telefônica entre a casa e o chalé. Quer que eu a chame, inspetor? - ofereceu-se Clarissa.

Se não for incômodo, Sra. Hailsham-Brown - respondeu o inspetor.

De modo algum. Ela ainda deve estar acordada - disse Clarissa, apertando um botão no telefone. Abriu um sorriso para o inspetor, que reagiu com timidez. Jeremy sorriu consigo e pegou mais um sanduíche.

Clarissa falou ao telefone.

Alô, Miss Peake. Aqui é a Sra. Hailsham-Brown... A senhora se importa de vir até aqui? Aconteceu uma coisa muito séria... Ah, sim, claro, não tem problema Obrigada.

Ela repôs o fone no gancho e voltou-se ao inspetor.

Miss Peake está acabando de lavar o cabelo, mas logo vai se vestir e vir para cá.

Obrigado - disse o inspetor. - Afinal, é possível que Costello tenha mencionado aonde ia.

Sim, é possível mesmo - concordou Clarissa.

Intrigado, o inspetor declarou a todos:

O que me deixa apreensivo é por que o carro do Sr. Costello ainda está aqui e onde está o Sr. Costello?

Clarissa lançou um olhar involuntário à estante de livros e à porta secreta; em seguida, caminhou até a porta de vidro para esperar Miss Peake. Jeremy, notando o olhar de Clarissa, recostou-se inocentemente no sofá e cruzou as pernas. O inspetor continuou:

Tudo indica que essa Miss Peake foi a última pessoa a ver Costello. Ele saiu, como a senhora disse, por essa porta de vidro. A senhora a fechou depois?

Não - respondeu Clarissa, defronte à porta envidraçada, de costas para o inspetor.

Mesmo? - perguntou o inspetor.

Algo na voz dele fez Clarissa se virar.

Bem, eu... acho que não - disse hesitante.

Então ele pode ter retornado e entrado por aí - observou o inspetor. Respirou fundo e participou solenemente: - Creio, sra. Hailsham-Brown, que, com sua permissão, eu devo revistar a casa.

Fique à vontade - respondeu Clarissa com um sorriso afável. - Bem, esta sala o senhor já viu. Ninguém poderia estar escondido aqui. - Segurou a cortina aberta por um instante, como se esperasse Miss Peake, e exclamou: - Olhe, por aqui é a biblioteca. - Abriu a porta da biblioteca e convidou: - O senhor quer dar uma olhada?

Obrigado - disse o inspetor. - Jones! - No momento em que os dois policiais entravam na biblioteca, o inspetor emendou: - Verifique aonde vai dar esta porta,

Jones - mostrando com um gesto outra porta bem na entrada da biblioteca.

Pode deixar, senhor - respondeu o guarda, entrando pela porta indicada.

Logo que suas vozes ficaram fora do alcance, Sir Rowland aproximou-se de Clarissa.

O que há do outro lado? - perguntou baixinho, indicando a porta secreta.

Uma estante de livros - respondeu concisamente.

Ele balançou a cabeça e rumou com indiferença ao sofá. Então se ouviu a voz do guarda:

É apenas outra porta para o hall, senhor.

Os dois policiais retornaram da biblioteca.

Certo - disse o inspetor. Olhou para Sir Rowland, obviamente percebendo que ele havia trocado de lugar.

Agora vamos vasculhar o resto da casa - avisou ele, rumando ao hall.

Vou junto com os senhores, se não se importarem ofereceu-se Clarissa -, caso minha enteada acorde e fique assustada. Não que eu ache que ela vá acordar. Incrível como é pesado o sono das crianças. Para fazê-las despertar, você praticamente tem de sacudi-las.

Quando o inspetor abriu a porta do hall, Clarissa indagou:

O senhor tem filhos, inspetor?

Um menino e uma menina - respondeu sucinto; em seguida saiu da sala, atravessou o hall e começou a subir as escadas.

Não é maravilhoso? - comentou Clarissa. E voltando-se para o guarda: - Sr. Jones. - Com um gesto, ela convidou o guarda a sair na frente e seguiu logo atrás.

Assim que eles saíram, os três remanescentes na sala se entreolharam. Hugo enxugou as mãos, e Jeremy passou a mão na testa.

E agora? - indagou Jeremy, pegando outro sanduíche.

Sir Rowland meneou a cabeça.

Não estou gostando nada disto - revelou. - Estamos cada vez mais envolvidos.

Se querem saber minha opinião - aconselhou Hugo -, só temos uma coisa a fazer: contar a verdade. Confessar antes que seja tarde.

Droga, não podemos fazer isso - exclamou Jeremy. - Seria uma deslealdade com Clarissa.

Mas se continuarmos com isso vamos deixá-la numa enrascada ainda pior - insistiu Hugo. - Como vamos conseguir remover o morto? A polícia vai apreender o carro dele.

Podemos usar o meu - sugeriu Jeremy.

Bem, não gosto disso - persistiu Hugo. - Não gosto nada disso. Raios, eu sou juiz de paz do condado. Minha reputação com a polícia local está em jogo. - Voltou-se para Sir Rowland. - O que me diz, Roly? Seu cérebro sempre funcionou bem.

Sir Rowland respondeu sério:

Tenho de admitir que isso não me agrada nem um pouco, mas pessoalmente estou comprometido com a empreitada.

Hugo, perplexo, disse ao amigo:

Não entendo você.

Confie em mim, se puder, Hugo - disse Sir Rowland. Com expressão grave, continuou: - Estamos numa situação perigosa, todos nós. Mas com união e uma boa dose de sorte, há chances de escaparmos desta.

Jeremy fez menção de abrir a boca, mas Sir Rowland ergueu a mão e prosseguiu:

Assim que a polícia se convencer de que Costello não está nesta casa, vai embora para procurar em outra parte. Afinal, pode haver muitas razões para ele ter abandonado o carro e ido embora a pé. - Fez um gesto aos dois e completou: — Somos todos cidadãos respeitáveis: Hugo é juiz de paz, como acabou de nos lembrar, e Henry Hailsham-Brown, diplomata do alto escalão do ministério das Relações Exteriores.

Sim, sim, e você tem uma carreira ilibada e conhecida, todos sabemos disso - interveio Hugo. - Tudo bem, se é isso que você quer, vamos enfrentar esta.

Jeremy levantou-se e mostrou o esconderijo com um aceno de cabeça.

Não podemos fazer algo imediatamente? - perguntou.

Agora não há tempo - determinou Sir Rowland em tom breve. - Eles vão voltar a qualquer minuto. Ele está seguro ali.

Jeremy balançou a cabeça em concordância relutante.

É preciso reconhecer que Clarissa é maravilhosa - comentou Jeremy. - Fria como pedra. Aquele inspetor está comendo na mão dela.

A campainha tocou.

Deve ser Miss Peake, suponho - declarou Sir Rowland. - Podia atender e fazê-la entrar, Warrender?

Tão logo Jeremy saiu, Hugo acenou para Sir Rowland se aproximar.

O que está havendo, Roly? - sussurrou com ansiedade. - O que Clarissa contou quando vocês estavam a sós?

Sir Rowland começou a falar, mas, escutando as vozes de Jeremy e de Miss Peake trocando cumprimentos na porta da frente, fez um gesto que significava "Agora não".

Acho melhor a senhora esperar na sala - Jeremy disse a Miss Peake ao fechar a porta da frente. Um instante depois, precedendo a Jeremy, a jardineira entrou na sala, aparentando ter se vestido com muita pressa. Trazia uma toalha enrolada na cabeça.

Por que tudo isto? - quis saber ela. - A Sra. Hail-sham-Brown toda misteriosa no telefone. Aconteceu alguma coisa?

Sir Rowland falou com suprema cortesia.

Sinto muito por termos tirado a senhora de casa desse jeito, Miss Peake - desculpou-se. - Sente-se, por favor. - Indicou uma cadeira à mesa de bridge.

Hugo puxou a cadeira para Miss Peake, que agradeceu. Ele se acomodou então em uma poltrona mais confortável. Sir Rowland informou à jardineira:

Na verdade, a polícia está aqui e...

A polícia? - interrompeu Miss Peake estarrecida. - Houve um roubo?

Não, um roubo não, mas...

Parou de falar quando Clarissa, o inspetor e o guarda retornaram à sala. Jeremy sentou-se no sofá; Sir Rowland, por sua vez, posicionou-se atrás do sofá.

Inspetor - apresentou Clarissa -, Miss Peake.

O inspetor aproximou-se da jardineira. Seu "Boa noite, Miss Peake" foi seguido de uma leve reverência.

Boa noite, inspetor - respondeu Miss Peake. - Agora mesmo eu perguntava a Sir Rowland... houve um furto ou coisa parecida?

Por um instante, o inspetor observou-a de modo perspicaz e falou:

Um telefonema um tanto curioso nos trouxe até aqui - contou ele. - E achamos que a senhora talvez pudesse nos esclarecer o assunto.

Capítulo 12

Miss Peake recebeu o comunicado do inspetor com uma sonora risada.

Não disse? Isso está muito misterioso. Estou me divertindo, e como — exclamou deliciada.

O inspetor franziu o cenho.

Tem a ver com o Sr. Costello - explicou. - Sr. Oliver Costello, residente em Morgan Mansions, 27, Londres SW3. Se não me engano, fica na região de Chelsea.

Nunca ouvi falar desse homem - foi a resposta de Miss Peake, robustamente enunciada.

Ele esteve aqui hoje à tardinha, visitando a Sra. Hailsham-Brown - lembrou o inspetor -, e pelo que fui informado a senhora lhe mostrou a saída pelo jardim.

Miss Peake deu um tapa na coxa.

Ah, aquele sujeito - recordou ela. - A Sra. Hailsham-Brown não me disse o nome dele.

Ela observou o inspetor, demonstrando-se um pouco mais interessada.

Pois não, o que o senhor quer saber? - indagou.

Gostaria de saber - ponderou o inspetor devagar - exatamente o que aconteceu e quando foi que a senhora o viu pela última vez.

Miss Peake pensou antes de responder.

Deixe-me ver - disse ela. - Saímos para o jardim, e eu contei a ele que havia um atalho até a parada de ônibus. Ele disse que não precisava, pois tinha vindo de carro e estacionado perto do estábulo.

Sorriu radiante para o inspetor, como se esperasse um elogio pela concisa lembrança dos fatos, mas ele apenas comentou de modo absorto:

Não é um lugar estranho para se deixar o carro?

Foi isso mesmo que eu pensei - concordou Miss Peake, dando um tapinha no braço do inspetor. Ele reagiu com surpresa, mas ela prosseguiu: - O mais normal teria sido vir direto pela frente, não acha? Mas tem cada pessoa esquisita. A gente nunca sabe o que vão fazer. - E deu uma de suas gargalhadas joviais.

E o que aconteceu depois? - inquiriu o inspetor.

Miss Peake deu de ombros.

Bem, ele foi até o carro, e imagino que tenha ido embora - respondeu.

A senhora não o viu partir?

Não... eu estava guardando minhas ferramentas foi a resposta da jardineira.

E essa foi a última vez que o viu? - indagou o inspetor, com ênfase.

Sim, por quê?

Porque o carro dele ainda está aqui - revelou o inspetor. Em tom pausado e incisivo, prosseguiu: - Às 7h49, recebemos um telefonema na delegacia dizendo que um homem havia sido morto em Copplestone Court.

Chocada, Miss Peake exclamou:

Morto? Aqui? Que absurdo!

Parece que isso é o que todo mundo pensa - observou o inspetor secamente, com um olhar sugestivo a Sir Rowland.

Claro - retomou Miss Peake —, sei que há esses loucos por aí atacando mulheres... mas o senhor está dizendo que um homem foi morto...

A senhora não escutou outro carro esta noite? cortou o inspetor abruptamente.

Só o do s.r. Hailsham-Brown - respondeu ela.

Sr. Hailsham-Brown? - indagou o inspetor, erguendo as sobrancelhas. - Pensava que ele só era esperado tarde da noite.

Mirou Clarissa, que se apressou a esclarecer.

É verdade, meu marido esteve aqui, mas precisou sair de novo logo depois.

O inspetor adotou uma atitude de paciência deliberada.

Ah, é mesmo? - comentou em tom de estudada polidez. - Quando, mais exatamente, ele esteve aqui?

Vamos ver... - Clarissa começou a gaguejar. - Deve ter sido mais ou menos...

Uns quinze minutos antes de eu terminar meu serviço - interrompeu Miss Peake. - Eu trabalho bastante depois do expediente, inspetor. Nunca me baseio nas horas regulamentares - explicou Miss Peake. - Faça seu trabalho com seriedade e entusiasmo, costumo dizer - continuou, batendo na mesa ao falar. - Sim, o s.r. Hailsham-Brown deve ter chegado às sete e quinze.

Isso deve ter sido pouco depois que o Sr. Costello saiu - observou o inspetor. Caminhou ao centro da sala, e o seu jeito foi mudando quase imperceptivelmente ao prosseguir: - É bem provável que ele e o Sr. Hailsham-Brown tenham passado um pelo outro.

O senhor quer dizer - comentou Miss Peake, pensativa - que ele pode ter voltado para falar com o s.r. Hailsham-Brown.

Oliver Costello não voltou aqui, sem sombra de dúvida - atalhou Clarissa de forma categórica.

Mas a senhora não pode ter certeza disso - redarguiu a jardineira. - Ele pode ter entrado pela porta de vidro sem que a senhora tenha notado. - Após uma pausa, exclamou: - Meu Deus! Não estão pensando que ele matou o s.r. Hailsham-Brown, não é? Ah, me desculpem.

Claro que ele não matou Henry - vociferou Clarissa exasperada.

Para onde foi seu marido ao sair daqui? - perguntou o inspetor.

Não tenho a mínima ideia - respondeu Clarissa de modo breve.

Ele não costuma avisar aonde vai? - insistiu o inspetor.

Nunca faço perguntas - revelou Clarissa. - Para um homem, deve ser um tédio uma esposa sempre fazendo perguntas.

Miss Peake soltou um guincho repentino.

Mas que estupidez a minha - gritou. - Claro, se o carro daquele homem ainda está aqui, deve ter sido ele quem foi assassinado. - E deu uma risada estrepitosa.

Sir Rowland levantou-se.

Não há razão alguma para crermos que alguém foi assassinado, Miss Peake - repreendeu, com dignidade.

Na realidade, o inspetor acredita que tudo não passa de um trote bobo.

Miss Peake obviamente não tinha a mesma opinião.

Mas e o carro? - insistiu ela. — Ainda acho que é muito suspeito esse carro continuar por aqui. - Ela se ergueu e caminhou em direção ao inspetor. - O senhor já procurou o corpo, inspetor? - indagou ansiosa.

O inspetor já vasculhou a casa - respondeu Sir Rowland, antes que o policial tivesse oportunidade de falar. Em troca, ele recebeu um olhar penetrante do inspetor, em quem Miss Peake dava tapinhas no ombro. Ela continuou a expor suas teorias.

Tenho certeza de que a Elgin tem algo a ver com isso... o mordomo e aquela mulher dele, que se considera cozinheira - assegurou a jardineira ao inspetor com convicção. - Sempre suspeitei deles. Agorinha mesmo, quando eu estava vindo para cá, vi luz no quarto deles. E isso, por si só, já é suspeito. É a noite de folga deles e normalmente só voltam bem depois das onze. - Ela pegou o inspetor pelo braço. - O senhor revistou o quarto deles? perguntou inquieta.

O inspetor abriu a boca para falar, mas ela o interrompeu com outro tapinha no ombro.

Agora me escute - iniciou ela. - Vamos supor que o Sr. Costello tenha reconhecido Elgin como alguém com ficha na polícia. Costello pode ter decidido voltar para prevenir o Sr. Hailsham-Brown, e Elgin o atacou.

Muito satisfeita consigo, correu o olhar entre os presentes e continuou:

Claro, Elgin teria de esconder o corpo rapidamente em algum lugar para que pudesse dar um destino a ele mais tarde. Agora, fico pensando... onde ele poderia tê-lo escondido? - perguntou retoricamente, absorta em sua tese. Com um gesto em direção à porta de vidro, ela começou: - Atrás de uma cortina ou...

Foi interrompida com raiva por Clarissa.

Francamente, Miss Peake. Não há ninguém escondido atrás das cortinas. E tenho certeza de que Elgin nunca matou ninguém. Isso é ridículo.

Miss Peake retrucou, em tom de censura:

A senhora confia demais nas pessoas, Sra. Hailsham-Brown. Quando a senhora tiver a minha idade, vai perceber como é comum encontrar pessoas que na verdade são bem diferentes do que aparentam ser. - Deu sua risada jovial e voltou-se ao inspetor.

Quando o inspetor abriu a boca, Miss Peake deu outro tapinha no ombro dele.

Vamos ver - prosseguiu ela -, onde um homem como Elgin esconderia o cadáver? Talvez naquele nicho do armário entre a sala e a biblioteca. Suponho que já deram uma olhada ali?

Sir Rowland interveio célere.

Miss Peake, o inspetor já procurou aqui e na biblioteca - enfatizou ele.

O inspetor, porém, lançou um olhar expressivo para Sir Rowland e voltou-se para a jardineira.

O que a senhora quer dizer mais exatamente com "aquele nicho do armário", Miss Peake? - indagou ele.

Um certo nervosismo dominou a sala ao Miss Peake responder:

Ah, é perfeito para brincar de esconde-esconde. Você nem sonha que o lugar existe. Vou mostrar para o senhor.

Ela caminhou para a porta secreta, seguida pelo inspetor. Jeremy ergueu-se no mesmo momento em que Clarissa exclamou com energia:

-Não!

O inspetor e Miss Peake voltaram-se a ela.

Não tem nada ali agora - Clarissa informou. - Sei disso porque agora mesmo fui à biblioteca por ali.

A voz dela foi murchando. Miss Peake, desapontada, murmurou:

Bem, neste caso... - e afastou-se da porta secreta. Mas o inspetor a chamou de volta. - Mostre-me assim mesmo, Miss Peake — solicitou. - Eu gostaria de ver.

Miss Peake aproximou-se da estante.

Originalmente era uma porta - explicou. - Ficava bem na frente da outra. - Ela moveu a alavanca, explicando como fazer. - É só puxar esta tramela para trás, e a porta se abre. Estão vendo?

A porta secreta abriu, e o corpo de Oliver Costello caiu emborcado. Miss Peake gritou.

Pelo visto - observou o inspetor com um olhar sombrio para Clarissa -, a senhora estava enganada, Sra. Hailsham-Brown. Ao que parece houve um

assassinato aqui esta noite.

O grito de Miss Peake alcançou o ápice.

Capítulo 13

Dez minutos depois, as coisas estavam um pouco mais calmas. Miss Peake não estava mais na sala, tampouco Hugo e Jeremy. O cadáver de Oliver Costello prostrado no esconderijo aberto. Clarissa, estendida no sofá, era esti-mulada por Sir Rowland a beber um cálice de conhaque. O inspetor ao telefone, e o guarda Jones de sentinela.

Sim, sim - dizia o inspetor. - O que foi?... O motorista fugiu sem prestar socorro?... Onde?... Ah, sei... Tudo bem, mande-os para cá assim que puder... Queremos fotos, claro... Sim, a perícia completa.

Repôs o fone no gancho e aproximou-se do guarda.

Tudo acontece ao mesmo tempo - reclamou. - Nada acontece durante semanas, e justo agora o médico-legista sai para atender um grave acidente de carro... um desastre na rodovia de Londres. Tudo isso vai resultar num bom atraso. Enquanto o médico não chega, vamos fazendo o que estiver a nosso alcance. - Fez um gesto na direção do cadáver. - Melhor não mexermos nele antes da perícia fotográfica - sugeriu. - Não que isso vá nos informar algo. Ele não foi morto ali, foi colocado ali depois.

Como o senhor pode ter certeza? - indagou o guarda.

O inspetor baixou o olhar para o tapete.

É possível notar que os pés foram arrastados - salientou, agachando-se atrás do sofá. O guarda ajoelhou-se ao lado do inspetor.

Sir Rowland espiou sobre o encosto do sofá e depois perguntou para Clarissa:

Como está se sentindo agora?

Melhor. Obrigado, Roly - respondeu com a voz abatida.

Os dois policiais ergueram-se.

Talvez fosse melhor fechar essa tal porta da estante - recomendou o inspetor ao colega. - Chega de ataques histéricos.

Certo, senhor - respondeu o guarda. Em seguida, fechou a porta do esconderijo para o corpo não ser mais avistado.

Logo depois, Sir Rowland levantou-se do sofá e falou para o inspetor:

A Sra. Hailsham-Brown passou por um grave abalo. Seria bom ela subir ao quarto e se deitar um pouco.

Com polidez, mas com certa reserva, o inspetor replicou:

Com certeza, senhor, mas não agora. Antes eu gostaria de fazer umas perguntas a ela.

Sir Rowland tentou persistir.

Ela realmente não está em condições de ser interrogada agora.

Estou bem, Roly - interpôs Clarissa com a voz fraca. - Verdade, estou sim.

Está sendo muito corajosa, querida - disse-lhe Sir Rowland em tom de aviso -, mas creio que seria mesmo mais sensato você subir e descansar um pouquinho.

Querido tio Roly! - respondeu Clarissa com um sorriso. Disse ao inspetor: - Às vezes o chamo de tio Roly, embora ele seja meu anjo da guarda e não meu tio. Mas ele é sempre tão doce comigo.

Sim, já percebi isso - foi a resposta seca.

Pode me perguntar o que o senhor quiser, inspetor - prosseguiu Clarissa de modo cortês. - Mas na verdade acho que não vou poder ajudar muito, pois simplesmente não sei de nada sobre isso.

Sir Rowland suspirou, meneou a cabeça de leve e desviou o rosto.

Não vamos tomar muito seu tempo, senhora - garantiu o inspetor. Indo à porta da biblioteca, ele a segurou aberta e dirigiu-se sir Rowland. - O senhor não gostaria de se juntar aos demais na biblioteca? - sugeriu.

Acho melhor ficar aqui, no caso de... - começou Sir Rowland, até ser cortado pelo inspetor, agora em tom mais incisivo.

Chamo o senhor se for preciso. Espere na biblioteca, por favor.

Depois de um breve duelo de olhares, Sir Rowland reconheceu a derrota e foi à biblioteca. O inspetor fechou a porta e indicou silenciosamente ao guarda que sentasse e fizesse anotações. Clarissa escorregou os pés para fora do sofá e endireitou a postura. Por sua vez, Jones empunhou um bloco e um lápis.

Muito bem, Sra. Hailsham-Brown - iniciou o inspetor -, se a senhora estiver pronta, podemos começar.

Pegou a cigarreira da mesinha ao lado do sofá, virou-a, abriu-a e avaliou os cigarros.

O meu querido tio Roly sempre tenta me proteger de tudo - contou Clarissa com um sorriso encantador. Então, ao ver o inspetor manusear a cigarreira, ficou receosa. - Não vão usar meios ilícitos no interrogatório, não é? - indagou, num esforço para dar à pergunta um tom de brincadeira.

Nada desse tipo, senhora, eu lhe asseguro - disse o inspetor. - Apenas algumas questões triviais. - Virou para o guarda. - Pronto, Jones? - indagou, puxando uma cadeira da mesa de bridge defronte a Clarissa e sentando.

Tudo pronto, senhor - respondeu o guarda Jones.

Certo. Muito bem, Sra. Hailsham-Brown - começou o inspetor. - A senhora confirma que não sabia da existência do corpo escondido naquele recesso?

O guarda começou a tomar notas, e Clarissa respondeu de olhos arregalados:

Confirmo. Claro que não sabia. Que coisa horrível! Estremeceu. - Horrível demais.

Com olhar indagador, o inspetor prosseguiu.

Quando estávamos vasculhando esta sala, por que a senhora não mencionou a existência daquele esconderijo?

Clarissa confrontou o olhar fixo do inspetor com olhos arregalados de inocência.

Sabe - disse ela - que nem cheguei a pensar nisso. Nunca usamos o esconderijo, de modo que não me passou pela cabeça.

O inspetor não deixou escapar a deixa.

Mas a senhora disse - lembrou - que tinha acabado de cruzar por ali em direção à biblioteca.

Ah, não - exclamou Clarissa, sem titubear. - O senhor deve ter me entendido mal. - Apontou para a porta da biblioteca. - Eu quis dizer que tínhamos ido à biblioteca por aquela porta.

Sim, vai ver que eu a compreendi mal - observou o inspetor sombrio. - No entanto, deixe-me ao menos esclarecer um ponto. A senhora alega não saber quando o Sr. Costello voltou para cá, ou o motivo por que ele retornou?

Não, simplesmente não consigo imaginar o porquê - respondeu Clarissa, transbordando candura na voz.

Mas o fato é que ele voltou - persistiu o inspetor.

Sim, é claro. Agora sabemos disso.

Bem, ele deve ter tido algum motivo - argumentou o inspetor.

Suponho que sim - concordou Clarissa. - Mas não tenho a mínima ideia do que possa ter sido.

O inspetor pensou um instante e resolveu experimentar outra linha de abordagem.

A senhora acha que talvez ele quisesse falar com seu marido? - sugeriu.

Ah, isso não - respondeu Clarissa prontamente. - Tenho certeza de que não. Henry e ele nunca se deram bem.

Ah!—exclamou o inspetor. - Eles nunca se deram bem. Eu não sabia disso. Houve alguma discussão entre eles?

De novo, Clarissa respondeu depressa a fim de impedir uma nova e potencialmente perigosa linha de investigação.

Ah, isso não - assegurou ela -, eles nunca discutiram. Henry só não ia muito com a cara dele. - Sorriu simpática. - Sabe como os homens são esquisitos.

O olhar do inspetor sugeriu que ele pessoalmente não tinha conhecimento sobre isso.

Tem certeza absoluta de que Costello não voltou aqui para falar com a senhora? - perguntou outra vez.

Comigo? - ecoou Clarissa candidamente. - Ah, não, tenho certeza de que não foi por isso. Que motivo ele poderia ter?

O inspetor respirou fundo. Lenta e deliberadamente, perguntou:

Há alguém mais nesta casa com quem ele talvez quisesse falar? Por favor, pense bem antes de responder.

De novo, Clarissa fitou o inspetor com um olhar meigo de inocência.

Não consigo imaginar - insistiu ela. - Quero dizer, com quem mais poderia ser?

O inspetor ergueu-se, virou a cadeira e a empurrou junto à mesa de bridge. Com passos lentos, começou a tecer considerações.

O Sr. Costello vem aqui - recomeçou devagar - e devolve os objetos que a primeira Sra. Hailsham-Brown tinha levado do marido por engano. Ele se despede. Mas depois retorna à casa.

Caminhou até as portas de vidro.

Presume-se que ele tenha entrado por aqui - prosseguiu, mostrando a porta envidraçada. - Ele é assassinado... o corpo é empurrado para dentro daquele esconderijo... tudo num período de dez a vinte minutos...

Ele se voltou para encarar Clarissa.

E ninguém escuta nada? - finalizou com entonação ascendente. - Acho isso muito difícil de acreditar.

Sei - concordou Clarissa. - Acho tão difícil de acreditar quanto o senhor. É mesmo incrível, não?

Certamente - anuiu o inspetor, com um claro tom de ironia. Fez uma última tentativa. - Sra. Hailsham- Brown, a senhora tem certeza absoluta de que não ouviu nada? - perguntou de forma incisiva.

Não escutei nada - respondeu. - É mesmo bizarro.

Quase bizarro demais - comentou o inspetor sombrio. Após uma pausa, foi à porta do hall e abriu-a. - Bem, por enquanto é só, Sra. Hailsham-Brown.

Clarissa levantou-se e caminhou ligeiro para a biblioteca, mas foi interceptada pelo inspetor.

Por aí não, por favor - pediu ele, conduzindo-a ao hall.

Mas eu acho que devia me reunir aos demais - protestou ela.

Mais tarde, se a senhora não se importar - disse o inspetor secamente.

Com muita relutância, Clarissa saiu pela porta do hall.

Capítulo 14

O inspetor fechou a porta do hall atrás de Clarissa e foi até o guarda Jones, que ainda tomava notas.

Onde está a outra mulher? A jardineira. Miss... ahn... Peake? - indagou o inspetor.

Deixei-a na cama do quarto de hóspedes - contou o guarda ao chefe. - Quero dizer, isso depois que ela se acalmou da crise nervosa. Passei por maus bocados com ela, não parava de rir e de gritar. Ficou num estado horrível.

Não importa se a sra. Hailsham-Brown falar com ela - disse o inspetor. - Mas o que ela não pode é falar com aqueles três homens. Precisamos que cada um recorde dos fatos e conte a sua própria versão. Presumo que você tenha chaveado a porta entre a biblioteca e o hall?

Sim, senhor - assegurou o guarda. - Tenho a chave comigo.

Não sei o que fazer com esse pessoal - confessou o inspetor ao colega. - São todos altamente respeitáveis. Hailsham-Brown, diplomata do ministério das Relações Exteriores; Hugo Birch, juiz de paz, nosso conhecido; e os outros dois hóspedes dos Hailsham-Brown me parecem cidadãos decentes, bem-posicionados na sociedade... Bem, você sabe o que eu quero dizer... Mas tem algo estranho acontecendo. Nenhum deles está sendo honesto conosco... e nisso se inclui a Sra. Hailsham-Brown. Estão escondendo algo, e estou determinado a descobrir o que é, tendo ou não tendo algo a ver com esse assassinato.

Estendeu os braços para cima, como se procurasse inspiração dos céus, e dirigiu-se ao guarda novamente:

Bem, é melhor continuarmos - disse ele. - Vamos interrogá-los um de cada vez.

Quando o guarda levantou-se, o inspetor mudou de ideia.

Não. Espere um pouco. Primeiro vou ter uma palavrinha com aquele nosso mordomo - decidiu.

Elgin?

Sim, Elgin. Vá chamá-lo. Estou com um palpite de que ele sabe de algo.

Pois não, senhor - respondeu o guarda.

Deixando a sala, o guarda encontrou Elgin rondando a porta da sala de estar. O mordomo fingiu encaminhar-se à escadaria, mas parou ao ser chamado; entrou na sala sem esconder o nervosismo.

O guarda fechou a porta do hall e reassumiu seu posto de anotador. O inspetor indicou a cadeira próxima à mesa de bridge.

Elgin sentou-se, e o inspetor começou o interrogatório.

Muito bem, você foi ao cinema esta noite - recordou ele ao mordomo -, mas logo voltou. Pode explicar por quê?

Eu já disse, senhor - respondeu Elgin. - Minha mulher não estava se sentindo bem.

O inspetor observou-o detidamente.

Foi você quem fez o Sr. Costello entrar na casa quando ele esteve aqui esta noite, não foi? - indagou.

Sim, senhor.

O inspetor distanciou-se alguns passos de Elgin e de repente deu meia-volta.

Por que você não falou logo que era o carro do Sr. Costello que estava lá fora? - perguntou.

Eu não sabia de quem era o carro, senhor. O Sr. Costello não veio guiando pela frente. Eu nem sabia que ele tinha vindo de carro.

Não acha isso muito curioso? Deixar o carro perto do estábulo? - sugeriu o inspetor.

Sim, senhor, acho que sim - respondeu o mordomo. - Mas talvez ele tenha tido seus motivos.

O que está insinuando? - perguntou o inspetor prontamente.

Nada, senhor - respondeu Elgin. Deu a impressão de estar quase satisfeito consigo. - Nada mesmo.

Já tinha visto o Sr. Costello alguma outra vez? - perguntou o inspetor com a voz severa.

Nunca, senhor - garantiu.

O inspetor indagou em tom sugestivo:

Não foi por causa do Sr. Costello que você voltou esta noite?

Já lhe disse, senhor - falou Elgin. - Minha mulher...

Não quero mais saber de sua mulher - cortou o inspetor. Afastando-se de Elgin, prosseguiu: - Há quanto tempo trabalha para a Sra. Hailsham-Brown?

Seis semanas, senhor - foi a resposta.

O inspetor virou para encarar Elgin.

E antes disso?

Eu... fiquei um tempo... descansando - respondeu o mordomo inquieto.

Descansando? - ecoou o inspetor desconfiado. Fez uma pausa e acrescentou: - Tem consciência de que, num caso como este, as suas referências serão meticulosamente verificadas?

Elgin começou a se levantar.

Se isso era tudo... - começou, mas parou e voltou a sentar. - Eu... eu não quero enganá-lo, senhor - prosseguiu. - Não fiz nada de errado. O que eu quero dizer é que... a carta de recomendação tinha se rasgado... e como eu não lembrava o texto direito...

Fez suas próprias referências - cortou o inspetor. - Clichê.

Não tive a intenção de prejudicar ninguém - protestou Elgin. - Precisava do emprego para...

O inspetor cortou-o novamente.

Neste momento, não estou interessado em referências falsas - disse ao mordomo. - Quero saber o que aconteceu aqui esta noite e o que você sabe sobre o Sr. Costello.

Nunca o vi antes - insistiu Elgin. Olhou em direção à porta do hall e continuou: - Mas imagino por que ele veio aqui.

Ah, mesmo, e por quê? - quis saber o inspetor.

Chantagem - contou Elgin. - Ele sabia de algo sobre ela.

Por "ela" - disse o inspetor - presumo que você queira dizer a Sra. Hailsham-Brown.

Sim - continuou Elgin ansiosamente. - Eu vim para saber se ela queria mais alguma coisa e escutei um pouco da conversa.

O que você escutou para ser mais exato?

Escutei-a dizendo: "Mas isso é chantagem. Eu não vou aceitar isso". - respondeu Elgin, adotando uma entonação bem dramática ao citar as palavras de Clarissa.

Hum... - respondeu o inspetor, um pouco cético. - Algo mais?

Não - admitiu Elgin. - Pararam de conversar quando eu entrei e, depois que eu saí, começaram a falar mais baixo.

Sei — comentou o inspetor. Com expressão concentrada, esperou o mordomo retomar a palavra.

Elgin levantou-se da cadeira. Sua voz era quase um choramingo ao suplicar:

O senhor não vai ser muito duro comigo, não é, meu senhor? De um jeito ou de outro, já tenho problemas suficientes.

O inspetor o avaliou mais um tempo para em seguida dispensá-lo:

Bem, por enquanto é isso. Pode se retirar.

Sim, senhor. Obrigado, senhor - apressou-se a responder Elgin, debandando para o hall.

O inspetor observou a saída do mordomo e depois se dirigiu ao guarda.

Chantagem, hein? - murmurou, trocando olhadelas com o colega.

E a Sra. Hailsham-Brown parece uma senhora tão correta - comentou o guarda Jones, com um certo decoro.

Sim, mas não se deve pôr a mão no fogo por ninguém - ponderou o inspetor. Após uma pausa, ordenou de modo conciso: - Agora vou falar com o Sr. Birch.

O guarda foi até a biblioteca.

Sr. Birch, por favor.

Hugo surgiu na porta com um ar obstinado e desafiador. O guarda fechou a porta atrás dele e sentou-se à mesa. O inspetor cumprimentou-o alegremente.

Entre, Sr. Birch - convidou. - Sente-se aqui, por gentileza.

Hugo sentou-se, e o inspetor prosseguiu:

Temo que este assunto seja muito desagradável, senhor. O que o senhor tem a nos dizer?

Jogando o estojo dos óculos na mesa, Hugo respondeu em tom de desafio:

Absolutamente nada.

Nada? - inquiriu o inspetor surpreso.

O que o senhor espera que eu diga? - disse Hugo em tom de reprimenda. - A maldita jardineira abre a maldita porta secreta e desaba um maldito cadáver. - Bufou impaciente. - De tirar o fôlego - declarou. - Ainda não consegui me recuperar. - Lançou ao inspetor um olhar penetrante. - Nem é bom me perguntar nada - disse com firmeza -, porque eu não sei de nada.

Por um momento, o inspetor observou Hugo serenamente antes de perguntar:

É esse o seu depoimento? Que o senhor não sabe de nada?

Estou lhe dizendo - repetiu Hugo. - Eu não matei o sujeito. - De novo, fitou o inspetor com expressão desafiadora. - Nem ao menos o conhecia.

Não o conhecia - repetiu o inspetor. - Muito bem. Não estou sugerindo isso. E certamente não estou sugerindo que foi o senhor quem o matou. Mas não posso acreditar que o senhor "não sabe de nada", como o senhor disse. Que tal colaborar para descobrirmos o que o senhor realmente sabe? Para começar, o senhor já tinha ouvido falar dele, não tinha?

Sim - retorquiu Hugo ríspido. - Ouvi falar que não era flor que se cheire.

Como assim? - perguntou o inspetor serenamente.

Sei lá - vociferou Hugo. - O tipo de sujeito admirado pelas mulheres e desprezado pelos homens. Esse tipo de coisa.

O inspetor fez uma pausa e indagou com cautela:

O senhor não imagina por que ele voltou a esta casa uma segunda vez hoje à noite?

Não tenho a mínima ideia - esquivou-se Hugo. O inspetor deu alguns passos pela sala. Então, virou

abruptamente para encarar Hugo.

O senhor acha que havia algo entre ele e a atual Sra. Hailsham-Brown? - perguntou.

Chocado, Hugo respondeu:

Clarissa? Bom Deus, não! Clarissa é uma boa moça. Tem muito bom senso. Ela não olharia duas vezes para um sujeito como esse.

Nova pausa, e o inspetor disse por fim:

Quer dizer que o senhor não pode nos ajudar.

Sinto muito. Mas é isso mesmo - respondeu Hugo, simulando indiferença.

Na tentativa derradeira de ao menos extrair migalhas de informação de Hugo, o inspetor perguntou:

O senhor realmente não sabia que o corpo estava naquele esconderijo?

Claro que não - rebateu Hugo, aparentando estar ofendido.

Obrigado, senhor - disse o inspetor, afastando-se dele.

O quê? - indagou Hugo vagamente.

Isso é tudo. Muito obrigado, senhor - repetiu o inspetor ao pegar um livro de capa vermelha na escrivaninha.

Hugo levantou-se e apanhou o estojo dos óculos. Já cruzava a sala rumo à biblioteca quando o guarda se ergueu e bloqueou sua frente. Então Hugo virou rumo à porta de vidro, e o guarda disse:

Por aqui, Sr. Birch, por favor - e abriu a porta do hall. Desistindo, Hugo saiu e o policial fechou a porta atrás dele.

O inspetor sentou-se à mesa de bridge e passou a folhear o pesado livro vermelho. Jones comentou com ironia:

Que mina de informação o Sr. Birch, hein? Se bem que não deve ser nada bom para um juiz de paz se envolver num caso de assassinato.

O inspetor começou a ler em voz alta.

"Delahaye, Sir Rowland Edward Mark, cavaleiro comandante da Ordem do Banho, membro da Real Ordem Vitoriana..."

O que o senhor está lendo aí? - perguntou o guarda, espiando por cima do ombro do inspetor. - Ah, Quem é quem.

O inspetor retomou a leitura.

"Educação: Eton... Universidade Trinity..." Hum! "Adido consular... segundo secretário... Madri... plenipotenciário."

Uau! - exclamou o guarda ao escutar esta última palavra.

O inspetor o mirou com irritação e prosseguiu:

Constantinopla... missão especial concedida... Clubes... sócio do Boodle's e White's.

Devo chamá-lo agora, senhor? - perguntou o guarda.

O inspetor pensou um instante.

Não - decidiu. - Ele é o mais interessante do grupo, por isso vou deixá-lo por último. Vamos falar agora com o jovem Warrender.

Capítulo 15

O guarda Jones, na porta da biblioteca, chamou:

Sr. Warrender, por favor.

Jeremy entrou, tentando sem sucesso parecer com-pletamente à vontade. O guarda fechou a porta e retomou seu lugar à mesa. O inspetor ergueu-se parcialmente e puxou uma cadeira da mesa de bridge para Jeremy.

Sente-se - ordenou, um tanto brusco, ao retomar assento. Jeremy obedeceu, e o inspetor perguntou em um tom impessoal: - Nome?

Jeremy Warrender.

Endereço?

Broad Street, 340, e Grosvenor Square, 34 - disse Jeremy num esforço para aparentar desinteresse. Olhou para o guarda, que anotava tudo, e acrescentou: - No interior: Hepplestone, Wiltshire.

Parece que o senhor vive de rendimentos - comentou o inspetor.

Infelizmente, não - admitiu Jeremy com um sorriso. - Sou o secretário particular de Sir Kenneth Thomson, diretor da Companhia Petrolífera Anglo-Árabe. Os endereços que eu dei são dele.

O inspetor acenou com a cabeça.

Sei. Trabalha para ele há muito tempo?

Já faz cerca de um ano. Antes disso, durante quatro anos fui assessor pessoal do Sr. Scott Agius.

Ah, sim - disse o inspetor. - Aquele rico empresário do centro financeiro de Londres, não é? - Meditou um pouco antes de prosseguir: - Conhecia esse Oliver Costello?

Não, nunca tinha ouvido falar dele até hoje à noite - contou Jeremy.

E não o viu quando ele veio aqui no começo da noite? - continuou o inspetor.

Não - respondeu Jeremy. - Eu tinha ido ao clube de golfe com os outros. Fomos jantar lá. Hoje é a noite de folga dos empregados, e o Sr. Birch nos convidou para jantar com ele no clube.

O inspetor assentiu com a cabeça. Um pouco depois, indagou:

A Sra. Hailsham-Brown também foi convidada?

Não, não foi - disse Jeremy.

O inspetor ergueu as sobrancelhas, e Jeremy emendou:

Quero dizer - explicou -, ela poderia ter ido se quisesse.

Está me dizendo - perguntou o inspetor -, então, que ela foi convidada? E que recusou?

Não, não - apressou-se em responder Jeremy, dando sinais de estar ficando aturdido. - O que eu quero dizer é que... bem, Hailsham-Brown costuma chegar bem cansado, e Clarissa nos disse que eles fariam uma refeição frugal aqui mesmo, como de costume.

Perplexo, o inspetor comentou de forma mordaz:

Deixe-me ver se eu entendo. A Sra. Hailsham- Brown esperou o marido para jantar com ele aqui? Ela não esperava que ele fosse sair de novo logo depois de chegar?

Jeremy a esta altura estava todo perdido.

Eu... ahn... bem... hum... na verdade, não sei - gaguejou. - Não... agora que o senhor falou, acredito que ela comentou mesmo algo sobre isso, que ele ia sair hoje à noite.

O inspetor ergueu-se e deu alguns passos para longe de Jeremy.

Se é assim, parece esquisito - observou - que a Sra. Hailsham-Brown não tenha ido ao clube com vocês, em vez de jantar sozinha em casa.

Jeremy voltou-se na cadeira para encarar o inspetor.

Bem... eh... bem... - iniciou e, ganhando confiança, completou rapidamente - quero dizer, foi a menina...

Pippa. Clarissa não ia gostar de sair e deixar a menina sozinha em casa.

Ou quem sabe - comentou o inspetor de forma muito sugestiva quem sabe ela estivesse com planos de receber uma visitinha especial?

Jeremy levantou-se.

Que insinuação mais sórdida - exclamou exaltado.

Isso é uma inverdade. Tenho certeza de que ela nunca planejou algo semelhante.

No entanto, Oliver Costello veio até aqui para se encontrar com alguém - ressaltou o inspetor. - Era a noite de folga do casal de empregados. Miss Peake

fica em seu chalé. Não havia mais ninguém para ele encontrar além da Sra. Hailsham-Brown.

Tudo que eu posso dizer é que... - começou Jeremy. Em seguida, desviando o olhar, acrescentou vacilante:

Bem, é melhor o senhor perguntar a ela.

Já perguntei a ela - informou o inspetor.

E o que ela disse? - indagou Jeremy, mirando o policial.

Exatamente o que o senhor disse - respondeu o inspetor com polidez.

Jeremy sentou-se de novo à mesa de bridge.

Está vendo? - observou.

O inspetor caminhou pela sala, olhando o chão, como se estivesse concentrado em divagações. De súbito, encarou Jeremy outra vez.

Agora me diga apenas - inquiriu - por que todos vocês acabaram voltando do clube para cá. Era esse o planejado?

Sim - respondeu Jeremy, mas se corrigiu de imediato. - Quero dizer, não.

Afinal, sim ou não? - indagou placidamente o inspetor.

Jeremy inspirou fundo.

Bem - começou ele -, foi assim. Todos nós fomos ao clube. Sir Rowland e o velho Hugo foram direto ao salão de refeições, eu fui logo depois. É um bufê de pratos frios. Fiquei dando tacadas até escurecer e então... Bem, alguém disse "Que tal um bridge?", e eu comentei "Bem, por que não voltamos ao aconchego da casa dos Hailsham-Brown e jogamos lá?". Dito e feito.

Sei - observou o inspetor. - Quer dizer que a ideia foi sua?

Jeremy encolheu os ombros.

Na verdade, não lembro quem sugeriu primeiro admitiu. - Acho que pode ter sido Hugo Birch.

E a que horas vocês chegaram aqui?

Jeremy meditou por um instante e abanou a cabeça.

Não posso dizer com certeza - murmurou. - É provável que tenhamos saído do clube um pouco antes das oito.

E isso dá o que... - calculou o inspetor - ...uns cinco minutos a pé?

Sim, mais ou menos isso. O campo de golfe faz divisa com este jardim - respondeu Jeremy, olhando em direção às portas de vidro.

O inspetor chegou perto da mesa de bridge e olhou as cartas.

E depois vocês jogaram bridge?

Sim - confirmou Jeremy.

O inspetor balançou a cabeça devagar.

Isso deve ter sido uns vinte minutos antes de eu chegar aqui - estimou. Sem pressa, começou a andar ao redor da mesa. - Com certeza, vocês não tiveram tempo de completar duas rodadas e - levantou o marcador de Clarissa e o mostrou a Jeremy - começar uma terceira?

Como? - Jeremy confundiu-se, mas logo disse:

Ah, não. Não. Essa primeira rodada deve ter sido a pontuação de ontem.

Indicando os outros marcadores, o inspetor observou pensativo:

Apenas uma pessoa parece ter marcado os pontos.

Sim - concordou Jeremy. - Acho que todos somos um pouco preguiçosos para marcar. Deixamos isso para Clarissa.

O inspetor cruzou a sala rumo ao sofá.

Sabia da passagem entre esta sala e a biblioteca? Indagou.

O senhor quer dizer o lugar onde foi encontrado o corpo?

Exato.

Não. Não, nem imaginava - asseverou Jeremy.

Camuflagem fantástica, não? Ninguém adivinha sua existência.

O inspetor sentou-se num dos braços do sofá. Ao reclinar-se para trás, tirou uma almofada do lugar e percebeu as luvas escondidas sob a almofada. Seu rosto assumiu uma expressão grave ao dizer calmamente:

Portanto, Sr. Warrender, o senhor não poderia saber que havia um corpo na passagem. Poderia?

Jeremy afastou-se.

Quase caí duro, como se diz - respondeu ele.

Um melodrama sensacional. Não conseguia acreditar em meus olhos.

Enquanto Jeremy falava, o inspetor organizava as luvas no sofá. Segurou um par, meio à moda de um mágico.

A propósito, este par de luvas é seu, Sr. Warrender?

perguntou, tentando soar de improviso.

Jeremy o fitou.

Não. Quero dizer, sim - respondeu Jeremy, confuso.

De novo, senhor? Sim ou não?

Sim, é meu, acho.

O senhor estava de luvas quando veio do clube de golfe?

Sim - fez menção de recordar Jeremy. - Agora me lembro. Sim, estava de luvas. Tem uma friagem no ar esta noite.

O inspetor levantou-se do braço do sofá e aproximou-se de Jeremy.

Acho que o senhor está enganado. - Mostrando as iniciais nas luvas, frisou:
- A face interna das luvas têm as iniciais do Sr. Hailsham-Brown.

Enfrentando o olhar do inspetor com tranquilidade, Jeremy retorquiu:

Ah, que engraçado. Tenho um par igualzinho. O inspetor retornou, sentou-se no braço do sofá novamente e, inclinando-se, mostrou o segundo par de luvas.

Quem sabe não é este o seu par? - sugeriu. Jeremy riu.

O senhor não vai me pegar de novo - respondeu.

Afinal, os dois pares são iguais.

O inspetor apresentou o terceiro par de luvas.

Três pares de luvas - murmurou, examinando-os.

Todos com as iniciais de Hailsham-Brown por dentro. Curioso.

Bem, esta é a casa dele, afinal - mencionou Jeremy.

Por que ele não poderia ter três pares de luvas por aí?

O mais curioso - respondeu o inspetor - é que o senhor pensou que pudessem ser suas. E, se não estou enganado, suas luvas estão aparecendo no bolso agora.

Jeremy levou a mão ao bolso direito do casaco.

Não esse, o outro - falou o inspetor.

Tirando as luvas do bolso esquerdo, Jeremy exclamou:

Ah, sim. Sim, estão mesmo.

Não são muito parecidas com estas. Ou são? - perguntou o inspetor incisivamente.

Para falar a verdade, estas são minhas luvas de golfe - respondeu Jeremy com um sorriso.

Muito obrigado, Sr. Warrender. Por enquanto, é só - dispensou o inspetor, de modo repentino, colocando a almofada no lugar.

Jeremy levantou-se aborrecido.

Olhe aqui - exclamou. - O senhor não está pensando... - parou.

Não estou pensando o quê? - indagou o inspetor.

Nada - respondeu Jeremy indeciso. Após uma pausa, dirigiu-se à biblioteca, mas foi interceptado pelo guarda. Volvendo ao inspetor, Jeremy apontou mudo e

indagador para o hall. Com um aceno de cabeça, o inspetor fez que sim, e Jeremy saiu da sala fechando a porta do hall atrás de si.

Deixando as luvas no sofá, o inspetor aproximou-se da mesa de bridge, sentou-se e consultou novamente o Quem é quem.

Achei - murmurou. Começou a ler em voz alta:

"Thomson, Sir Kenneth. Diretor da Companhia Petrolífera Anglo-Árabe, do grupo Petróleo do Golfo." Hum,.. Impressionante. "Hobbies: filatelia, golfe, pesca. Endereço: Broad Street, 340; Grosvenor Square, 34."

O inspetor continuou a ler, e o guarda Jones cruzou até a mesinha ao lado do sofá e começou a apontar o lápis no cinzeiro. Agachando-se para juntar umas aparas no chão, viu uma carta de baralho caída e a trouxe até a mesa de bridge, largando-a bem na frente do chefe.

O que temos aqui? - indagou o inspetor.

Só uma carta, senhor. Achei ali, embaixo do sofá.

O inspetor pegou a carta.

O ás de espadas - observou. - Que carta interessante! Mas espere um pouco.
- Olhou no verso da carta.

Vermelho. É o mesmo baralho. - Espalhou as cartas na mesa.

O guarda ajudou a separar o baralho.

Como pensei: nenhum ás de espadas - exclamou o inspetor. Levantou-se da cadeira. - Ora, isso não é extraordinário, Jones? - perguntou, colocando a carta no bolso e indo ao sofá. - Conseguiram jogar bridge sem perceber a falta do ás de espadas.

Sem dúvida, isso é extraordinário, senhor - concordou o guarda Jones ao arrumar as cartas na mesa.

O inspetor recolheu os três pares de luvas do sofá.

Chegou a hora de Sir Rowland Delahaye - orientou ele ao guarda, enquanto dispunha em pares as luvas na mesa de bridge.

Capítulo 16

O guarda abriu a porta da biblioteca e chamou:

Sir Rowland Delahaye.

Sir Rowland deteve-se na soleira da porta, e o inspetor convidou:

Entre, senhor. Por favor, sente-se aqui.

Sir Rowland aproximou-se da mesa de bridge, hesitou um momento ao notar as luvas dispostas na mesa e sentou-se.

Seu nome é Sir Rowland Delahaye? - indagou o inspetor formalmente. Recebendo um aceno de cabeça afirmativo e sério, perguntou: - Onde o senhor mora?

Long Paddock, Littlewich Green, Lincolnshire - respondeu Sir Rowland. Batendo de leve com o dedo no exemplar de Quem é Quem, acrescentou: - Não conseguiu achar, inspetor?

O inspetor preferiu ignorar o comentário.

Agora, se o senhor tiver a bondade - disse -, eu gostaria de ouvir o seu relato sobre o que ocorreu hoje à noite, depois que vocês saíram daqui, pouco antes das sete.

Era óbvio que Sir Rowland pensara sobre isso.

Passou o dia todo chovendo - começou em voz branda - e de repente o tempo limpou. Tínhamos combinado jantar no clube de golfe, pois era noite de folga dos empregados. Foi o que fizemos. - Deu uma olhada para o guarda para

se certificar de que ele acompanhava e prosseguiu: - Quando terminávamos a janta, a Sra. Hailsham- Brown ligou, nos contando que o marido tivera de sair devido a um compromisso inesperado e nos convidando para voltar e jogar bridge. Voltamos. Começamos a jogar e uns vinte minutos depois o senhor chegou, inspetor. O resto... o senhor sabe.

Pensativo, o inspetor observou:

Não é bem essa a versão do sr. Warrender.

Mesmo? - disse Sir Rowland. - E o que foi que ele disse?

Que a proposta de voltar aqui e jogar bridge surgiu de um de vocês. Provavelmente, do sr. Birch.

Ah - retorquiu Sir Rowland sem pestanejar -, mas veja bem, talvez o senhor não saiba que Warrender só apareceu no salão do restaurante do clube bem depois. Ele nem sequer percebeu que a sra. Hailsham-Brown tinha ligado.

Sir Rowland e o inspetor trocaram olhares desafiadores. Sir Rowland continuou:

O senhor deve saber melhor do que eu, inspetor, o quanto é raro o relato de duas pessoas sobre o mesmo fato coincidir. Na verdade, se nós três contássemos exatamente a mesma história, eu consideraria isso suspeito. Suspeito até demais.

O inspetor preferiu não comentar essa observação. Puxando uma cadeira para perto de Sir Rowland, sentou-se.

Gostaria de discutir o caso com o senhor, com sua permissão - propôs.

É muita delicadeza sua, inspetor - respondeu Sir Rowland.

Depois de olhar pensativamente o tampo da mesa por alguns segundos, o inspetor começou a argumentar.

O morto (sr. Oliver Costello) veio a esta casa com algum objetivo específico. - Fez uma pausa. - O senhor concorda que deve ter sido isso o que aconteceu?

No meu ponto de vista, ele veio para devolver a Henry Hailsham-Brown certos objetos que a na época sra. Miranda Hailsham-Brown levava junto com ela por engano - respondeu Sir Rowland.

Esse pode ter sido o pretexto dele - frisou o inspetor -, embora nem disso eu esteja certo. Mas estou certo de que esse não foi o motivo real que o trouxe até aqui.

Sir Rowland encolheu os ombros.

O senhor pode ter razão - observou. - Não sei dizer.

O inspetor prosseguiu rápido.

Ele veio, talvez, para ver alguém em especial. Pode ter sido o senhor, pode ter sido o sr. Warrender, ou quem sabe o sr. Birch.

Se ele quisesse falar com o Sr. Birch, que vive nesta região - salientou Sir Rowland -, teria ido à casa dele. Não teria vindo aqui.

Certamente - concordou o inspetor. - Portanto, isso nos deixa a opção de quatro pessoas. O senhor, o sr. Warrender, o sr. Hailsham-Brown e a sra. Hailsham- Brown - fez uma pausa e, encarando Sir Rowland com um olhar perscrutador, perguntou: - Diga-me, o senhor conhecia bem Oliver Costello?

-Muito superficialmente. Encontrei-o uma ou duas vezes no máximo.

Onde o senhor o encontrou? - indagou o inspetor.

Sir Rowland pensou um pouco.

Duas vezes na casa dos Hailsham-Brown em Londres, mais ou menos um ano atrás, e uma vez num restaurante, se não me engano.

Mas o senhor não tinha motivo para querer matá-lo?

Isso é uma acusação, inspetor? - perguntou Sir Rowland com um sorriso.

O inspetor meneou a cabeça.

Não, Sir Rowland - replicou o policial. - Eu chamaria mais de uma eliminação. Não creio que o senhor tivesse qualquer motivo para dar um fim em Oliver Costello. Sobram assim três pessoas.

Isso está começando a parecer uma variante de "O caso dos dez negrinhos" - comentou Sir Rowland, sorrindo.

O inspetor sorriu de volta.

O próximo da lista será o sr. Warrender - propôs ele. - Diga-me, há quanto tempo o conhece?

Conheci-o aqui mesmo, dois dias atrás - respondeu Sir Rowland. - Ele parece ser um moço agradável, de boa família, com boa instrução. É amigo de Clarissa. Não sei nada sobre ele, mas não acredito que seja um assassino.

É o suficiente sobre o sr. Warrender - observou o inspetor. - Isso me leva à próxima pergunta.

Antecipando-se a ele, Sir Rowland balançou a cabeça.

Se eu conheço bem Henry Hailsham-Brown e se eu conheço bem a sra. Hailsham-Brown. É isso que o senhor quer saber, não é? - indagou. - Na verdade, conheço muito bem Henry Hailsham-Brown. É um velho amigo. Quanto à Clarissa, sei tudo o que preciso saber sobre ela. Ela é minha protegida, e é impossível expressar o quanto eu a admiro.

Sim, senhor - disse o inspetor. - Acho que essa resposta esclarece bem as coisas.

Esclarece, mesmo?

O inspetor levantou-se e deu alguns passos na sala antes de se virar e confrontar Sir Rowland.

Por que vocês três mudaram de plano esta noite? - indagou. - Por que voltaram aqui para fazer de conta que estavam jogando bridge?

Fazer de conta? - exclamou Sir Rowland, com veemência.

O inspetor puxou a carta do bolso.

Esta carta - disse ele - foi encontrada no outro lado da sala, embaixo do sofá. É difícil de acreditar que vocês jogaram duas rodadas de bridge e começaram uma terceira com um baralho de cinquenta e uma cartas, com o ás de espadas faltando.

Sir Rowland pegou a carta, examinou-a frente e verso e a devolveu ao inspetor.

Sim - admitiu. - Talvez isso seja mesmo um pouco difícil de acreditar.

O inspetor ergueu os olhos, desanimado, e completou:

Também acho que estes três pares de luvas do sr. Hailsham-Brown exigem certa explicação.

Um pouco depois, Sir Rowland respondeu:

Receio, inspetor, que de mim o senhor não vai conseguir explicação alguma.

Sei que não - concordou o inspetor. - Entendo que está fazendo o melhor em consideração a uma certa senhora. Mas isso não é nada bom, senhor. A verdade vai acabar vindo à tona.

Me pergunto se vai mesmo - foi a única resposta de Sir Rowland ao comentário.

O inspetor foi à porta secreta.

A Sra. Hailsham-Brown sabia que o corpo de Costello estava no esconderijo - insistiu. - Se ela o arrastou até ali sozinha, ou se foi ajudada por vocês, não sei. Mas estou convencido de que ela sabia. - Encarou Sir Rowland e prosseguiu. - Meu palpite é que Oliver Costello veio se encontrar com a Sra. Hailsham-Brown e extorquir dinheiro dela por meio de ameaças.

Ameaças? - perguntou Sir Rowland. - Que tipo de ameaças?

Isso vai aparecer no seu devido tempo, não tenho dúvida - assegurou o inspetor. - A Sra. Hailsham-Brown é jovem e atraente. Esse Sr. Costello fazia sucesso com as mulheres, pelo que dizem. Bem, a Sra. Hailsham-Brown casou-se há pouco tempo e...

Espere! - cortou Sir Rowland de modo peremptório. - Preciso colocá-lo a par de certas coisas. O senhor pode facilmente confirmar o que vou dizer. O primeiro casamento de Henry Hailsham-Brown não deu certo. A mulher dele,

Miranda, era bonita, mas neurótica e desequilibrada. A saúde e a disposição de espírito de Miranda se degradaram de maneira tão alarmante que a filhinha deles teve de ser transferida para um internato.

Refletiu e recomeçou:

Sim, uma situação realmente chocante. Tudo indicava que ela havia se tornado uma viciada em drogas. Não se descobriu como Miranda conseguia as drogas, mas seria bem plausível imaginar que o fornecedor era esse homem, Oliver Costello, por quem ela estava apaixonada. No fim, acabou fugindo com ele.

Depois de nova pausa e de outro olhar ao guarda, para ver se ele acompanhava, Sir Rowland retomou seu relato.

Henry Hailsham-Brown, que tem pontos de vista antiquados, concedeu o divórcio a Miranda - explicou. - Agora, Henry encontrou paz e felicidade no casamento com Clarissa, e eu posso lhe garantir, inspetor, que não há nenhum segredo na vida de Clarissa. Não havia nada, eu posso jurar, com que Costello pudesse ameaçá-la.

O inspetor nada disse, permanecendo absorto.

Sir Rowland levantou-se, encostou a cadeira na mesa e foi ao sofá. Voltando-se outra vez ao policial, sugeriu:

Não acha que está seguindo a pista errada, inspetor? Por que tem tanta certeza de que Costello veio aqui atrás de alguém? Por que não poderia ser atrás de algo?

O que o senhor quer dizer com isso? - indagou o inspetor perplexo.

Quando o senhor falou conosco sobre o falecido Sr. Sellon - recordou Sir Rowland -, mencionou que a divisão de Narcóticos tinha interesse nele. Não é possível que haja uma ligação? Drogas... Sellon... casa de Sellon?

Silenciou. Como não houve reação do inspetor, prosseguiu:

Que eu saiba, Costello esteve aqui antes. Supostamente, para olhar as antiguidades de Sellon. Vamos supor que Oliver Costello quisesse algo que estivesse nesta casa. Naquela escrivaninha, por exemplo.

O inspetor olhou de relance a escrivaninha, enquanto Sir Rowland desenvolvia melhor sua tese.

Houve aquele curioso incidente do homem que veio aqui e ofereceu um valor exorbitante por aquela escrivaninha. Vamos supor que Oliver quisesse examinar (ou investigar, como queira) aquela escrivaninha. Vamos supor que alguém o tivesse seguido até aqui. E que esse alguém o tivesse golpeado perto da escrivaninha.

O inspetor não demonstrou emoção alguma.

É muita suposição... - começou, mas foi interrompido por Sir Rowland, que insistiu:

É uma hipótese bem plausível.

A hipótese — inquiriu o inspetor - de que esse alguém tenha colocado o corpo no esconderijo?

Exato.

Nesse caso, deveria ser alguém que soubesse da existência do esconderijo - observou o inspetor.

Poderia ser alguém que conhecesse a casa na época do Sr. Sellon - salientou Sir Rowland.

Sim, tudo isso é muito bonito, senhor - replicou o inspetor impaciente -, mas uma coisa continua sem explicação...

O quê? - perguntou Sir Rowland.

O inspetor o encarou detidamente.

A Sra. Hailsham-Brown sabia que o corpo estava no esconderijo. Ela tentou nos impedir de procurar ali.

Sir Rowland fez menção de falar, mas o inspetor ergueu a mão e emendou:

Nem tente me convencer do contrário. Ela sabia.

Por um breve momento, vigorou um silêncio nervoso, quando então Sir Rowland disse:

Inspetor, o senhor me permitiria conversar com minha protegida?

Só na minha frente - foi a resposta imediata.

Está bem.

O inspetor concordou com a cabeça.

Jones! - O guarda, entendendo, retirou-se da sala.

Estamos basicamente em suas mãos, inspetor - disse Sir Rowland ao policial. - Vou lhe pedir que faça todas as concessões possíveis.

Minha única preocupação é chegar à verdade, sir, e descobrir quem matou Oliver Costello - respondeu o inspetor.

Capítulo 17

O guarda retornou à sala, segurando a porta aberta para Clarissa.

- Entre, por favor, Sra. Hailsham-Brown - solicitou o inspetor. Ao Clarissa entrar, Sir Rowland aproximou-se dela e falou solenemente:

Clarissa, minha querida. Faria uma coisa por mim? Queria que contasse ao inspetor a verdade.

A verdade? - ecoou Clarissa, sem convicção.

A verdade - repetiu Sir Rowland com ênfase. - É a única coisa a fazer. Estou falando sério. - Por um instante, fitou-a com firmeza e gravidade, depois saiu da sala. O guarda fechou a porta e voltou ao posto de anotador.

Sente-se, Sra. Hailsham-Brown - convidou o inspetor, desta vez indicando o sofá.

Clarissa sorriu-lhe, mas ele respondeu com um olhar severo. Ela caminhou devagar ao sofá, sentou-se e esperou um pouco. Disse enfim:

Sinto muito. Sinto muitíssimo por ter contado ao senhor todas aquelas mentiras. Não era essa minha intenção. - Parecia mesmo arrependida ao continuar: - A gente acaba se envolvendo, o senhor entende o que eu quero dizer?

Não posso dizer que sim - respondeu o inspetor com frieza. - Agora, por favor, vamos aos fatos.

Bem, é realmente muito simples - explicou ela, enumerando os fatos com os dedos ao falar. - Primeiro, Oliver Costello foi embora. Depois, Henry chegou.

Depois, eu o vi saindo de carro de novo. Depois, eu vim para cá com os sanduíches.

Sanduíches? - indagou o inspetor.

Sim. É que o meu marido vai trazer aqui em casa um representante estrangeiro importantíssimo.

Ah, é? E quem é esse representante? - indagou o inspetor interessado.

Um tal de sr. Jones - revelou Clarissa.

Como? - disse o inspetor, com uma olhadela ao guarda Jones.

Sr. Jones. Este não é o seu nome verdadeiro, mas é assim que foi combinado chamá-lo. É tudo muito sigiloso. - Clarissa continuou a falar. - Eles iam comer sanduíches durante a conversa, e eu ia comer musse na sala de estudo.

Perplexo, o inspetor murmurou:

Musse na... sim, entendi - dando a impressão de não ter entendido nada.

Deixei os sanduíches aqui - contou Clarissa, apontando o banco - e comecei a arrumar tudo. Fui guardar um livro na estante e... então... praticamente tropecei em cima dele.

Tropeçou no corpo? - indagou o inspetor.

Sim. Estava aqui, atrás do sofá. Eu dei uma olhada para ver se... se ele estava morto e estava. Reconheci Oliver Costello e fiquei sem saber o que fazer. Por fim, liguei ao clube de golfe e pedi a Sir Rowland, sr. Birch e Jeremy Warrender que voltassem logo.

Curvando-se sobre o sofá, o inspetor perguntou com frieza:

A senhora não lembrou de avisar a polícia?

Lembrei sim - Clarissa respondeu -, mas... - Sorriu mais uma vez. - Bem, não avisei.

Não avisou - murmurou o inspetor consigo. Afastou-se, olhou para o guarda, ergueu as mãos em desespero e virou-se para encarar Clarissa. - Por que a senhora não avisou a polícia? - indagou.

Clarissa estava pronta para essa pergunta.

Bem, achei que não seria bom para o meu marido — respondeu. - Não sei se o senhor conhece funcionários do ministério das Relações Exteriores, inspetor, mas eles são discretos ao extremo. Gostam de tudo muito na surdina, sem chamar a atenção. O senhor há de admitir que assassinatos chamam bastante a atenção.

Imagino que sim - foi tudo o que o inspetor pôde formular como resposta.

Estou tão feliz com a sua compreensão - declarou Clarissa, de modo afetuoso, quase sentimental. Prosseguiu com o relato, mas, à medida que começou a perceber que a história não evoluía, sua fala foi se tornando cada vez menos convincente. - Quero dizer - ponderou -, ele estava morto mesmo, pois não tinha pulso, de forma que não pudemos fazer nada por ele.

O inspetor andava de um lado para o outro, sem responder. Seguindo-o com os olhos, Clarissa continuou.

O que eu quero dizer é que ele poderia ter sido morto tanto em Marsden Wood como em nossa sala de estar.

O inspetor virou de modo enérgico e a fitou.

Marsden Wood? — perguntou abruptamente. - O que tem Marsden Wood a ver com essa história?

Era para lá que eu estava pensando em levá-lo - respondeu Clarissa.

O inspetor colocou a mão na parte de trás da cabeça e olhou o piso, como à procura de inspiração. Sacudindo a cabeça para desanuviar, disse de modo incisivo:

Sra. Hailsham- Brown, nunca ouviu falar que em caso de suspeita de crime jamais se deve remover um cadáver?

Sei muito bem - retorquiu Clarissa. - Todo livro policial menciona isso. Mas estamos falando da vida real.

O inspetor ergueu as mãos em desalento.

Me refiro - continuou ela - ao fato de que na vida real é bem diferente.

O inspetor olhou Clarissa com silêncio incrédulo por um momento, antes de perguntar:

A senhora tem consciência da gravidade do que está dizendo?

Claro que tenho - replicou - e estou lhe dizendo a verdade. Em suma, resolvi ligar para o clube e todos retornaram para cá.

E a senhora os persuadiu a esconder o corpo nesse esconderijo.

Não - corrigiu Clarissa. - Essa ideia surgiu depois. No meu plano original, como lhe contei, eles deviam levar o corpo de Oliver ao carro dele e deixar o carro em Marsden Wood.

E eles concordaram? - o ceticismo na voz do inspetor era evidente.

Sim, concordaram - disse Clarissa, sorrindo.

Francamente, sra. Hailsham-Brown - afirmou o inspetor de modo rude -, não acredito numa palavra dessa história. Não acredito que três homens responsáveis concordariam em obstruir o curso da justiça dessa maneira por motivo tão desprezível.

Clarissa levantou-se. Afastando-se do inspetor, disse mais para si do que para ele:

Eu sabia que o senhor não acreditaria em mim se eu contasse a verdade. - Voltou o rosto na direção dele.

No que o senhor acredita, afinal? - perguntou ela.

Observando Clarissa de perto, o inspetor retrucou:

Só consigo imaginar uma razão pela qual aqueles senhores concordariam em mentir.

Ah, é? O que o senhor quer insinuar? Que outra razão eles teriam?

Eles concordariam em mentir - completou o inspetor - se acreditassem ou, o que é mais provável, se tivessem certeza de que foi a senhora que o matou.

Clarissa o fitou.

Mas eu não tinha motivo para matá-lo - protestou.

Motivo nenhum. - Afastou-se dele. - Ah, eu sabia que o senhor reagiria assim - exclamou. - É por isso...

Ela se calou de súbito, e o inspetor indagou com rispidez:

É por isso o quê?

Clarissa permaneceu pensando. Alguns momentos se passaram, e sua atitude pareceu mudar. Começou a falar de um modo mais convincente.

Está bem - anunciou, com o ar de quem vai fazer uma confissão completa.
— Vou contar o porquê.

Acho que seria mais inteligente de sua parte - disse o inspetor.

Sim - concordou ela, voltando o rosto para mirá-lo honestamente. -
Suponho que o melhor a fazer é contar a verdade- ela enfatizou a palavra.

O inspetor sorriu.

Posso lhe assegurar - ponderou ele - que contar um monte de mentiras à polícia não vai ajudá-la em nada, Sra. Hailsham-Brown. É melhor me contar a história real. Tintim por tintim.

Vou contar - prometeu Clarissa. Sentou-se numa das cadeiras à mesa de bridge. - Puxa vida - suspirou -, e eu que pensava estar sendo tão esperta.

É melhor deixar a esperteza de lado - disse o inspetor ao sentar-se defronte a Clarissa. - Muito bem - indagou -, o que realmente aconteceu esta noite?

Capítulo 18

Clarissa ficou em silêncio por algum tempo. Então, olhando serena nos olhos do inspetor, começou a falar.

Tudo começou daquele modo que eu já lhe expliquei. Despedi-me de Oliver Costello, e ele se retirou, acompanhado de Miss Peake. Não imaginava que ele voltaria e ainda não consigo entender por que ele voltou.

Fez uma pausa, dando a impressão de estar tentando se lembrar do que ocorrera depois.

Ah, sim - continuou. - Meu marido chegou em casa, explicando que logo teria de sair de novo. Ele saiu de carro, e foi só eu fechar a porta da frente e me assegurar de que estava chaveada e trancada, que de repente comecei a ficar nervosa.

Nervosa? - indagou o inspetor, sem entender.

Por quê?

Bem, em geral não sou nervosa - revelou, falando com grande emoção -, mas me dei conta de que nunca tinha ficado sozinha à noite nesta casa.

Hesitou um pouco.

Isto, vá em frente - encorajou o inspetor.

Disse a mim mesma para deixar de ser boba. Pensei comigo: "Você tem telefone, não tem? Qualquer coisa é só ligar pedindo ajuda. Ladrões não agem cedo da noite. Agem de madrugada." Mas eu não tirava da cabeça a sensação de

ter escutado o ruído de uma porta se fechando em algum lugar da casa ou passos no meu quarto lá em cima. Então pensei que era melhor fazer alguma coisa.

Hesitou de novo, e mais uma vez o inspetor a estimulou.

-Sim?

Fui à cozinha — disse Clarissa - e fiz os sanduíches para Henry e o sr. Jones comerem quando chegassem. Deixei todos prontinhos no prato, envoltos em guardanapos para manter o frescor, e estava cruzando o hall para trazê-los aqui quando... - cortou a fala de modo dramático eu realmente escutei algo.

Onde? - perguntou o inspetor.

Nesta sala - contou ela. - Dessa vez eu tinha certeza que não estava imaginando. Ouvi gavetas sendo abertas e fechadas. Logo me lembrei que a porta de vidro não havia sido trancada. Nós nunca a trancamos. Alguém tinha entrado por ali. .

De novo, ela se demorou.

Prossiga, sra. Hailsham-Brown - falou o inspetor impassível.

Clarissa fez um gesto de desamparo.

Eu não sabia o que fazer. Fiquei paralisada. Pensei: "E se eu estiver só me preocupando à toa? E se Henry resolveu voltar por algum motivo... ou até mesmo Sir Rowland, ou um dos outros? Vou ficar com cara de boba se for lá em cima na extensão e ligar à polícia." Foi quando me ocorreu um plano.

Fez uma nova pausa, e desta vez o "Sim?" do inspetor transpareceu um quê de impaciência.

Fui até o suporte do hall - disse Clarissa devagar e peguei o bastão mais pesado que encontrei. Em seguida fui à biblioteca. Não acendi as luzes. Fui Tateando no escuro até chegar ao recesso. Abri-o suavemente e deslizei para dentro. Meu plano era entreabrir a porta do lado de cá e espiar quem estava aqui. - Apontou a porta secreta. - A menos que a pessoa já saiba, nem sonha que ali tem uma porta.

Sim - concordou o inspetor -, nem sonha mesmo.

A esta altura, Clarissa aparentava estar quase gostando de sua narrativa.

Acionei de leve a alavanca - recomeçou -, mas meus dedos escorregaram, e a porta abriu de supetão, batendo numa cadeira. Um homem perto da escrivaninha endireitou o corpo. Vi algo brilhante e luminoso na mão dele. Pensei que era um revólver. Fiquei aterrorizada. Pensei que ele ia atirar em mim. Com toda a minha força, acertei o bastão na cabeça dele, e ele caiu.

Ela se prostrou na mesa com o rosto entre as mãos.

Eu... eu posso tomar um pouco de conhaque? Pediu ela ao inspetor.

Claro que sim. - O inspetor levantou-se. - Jones! Chamou. O guarda encheu um cálice de conhaque e entregou ao inspetor. Clarissa havia erguido o rosto, mas o cobriu depressa com as mãos outra vez. Nesse meio-tempo, o inspetor trouxe-lhe o conhaque. Ela bebeu, tossiu e devolveu o cálice. O guarda Jones repôs o cálice na mesinha e retomou o lugar e as anotações.

O inspetor fitou Clarissa.

Pode continuar, Sra. Hailsham-Brown? - perguntou compreensivo.

Sim - respondeu Clarissa, levantando o olhar para ele. - O senhor é muito gentil. - Tomou fôlego e continuou o relato. - O homem ficou lá no chão. Sem se

mexer. Acendi a luz e vi que era Oliver Costello. Estava morto. Foi horrível. Eu... eu não conseguia entender.

Mostrou a escrivanhinha com um gesto.

Não conseguia entender o que ele estava fazendo ali, mexendo na escrivanhinha. Tudo parecia um pesadelo medonho. Fiquei tão assustada que liguei para o clube de golfe. Queria meu protetor a meu lado. Os três vieram. Implorei que me ajudassem, que levassem o corpo embora... para algum lugar.

O inspetor olhou para ela com atenção.

Mas por quê? - perguntou.

Clarissa desviou o rosto.

Porque eu estava com medo — disse ela. - Um medo mesquinho. Medo da publicidade, de enfrentar um tribunal. Seria péssimo para o meu marido e para a carreira dele.

Volveu o rosto para o inspetor.

Se fosse mesmo um ladrão, talvez eu pudesse superar, mas sendo alguém conhecido, alguém casado com a primeira mulher de Henry... ah, simplesmente achei que eu não seria capaz de levar tudo isso ao fim.

Talvez - insinuou o inspetor - porque o morto tivesse, um pouco antes, tentado chantageá-la?

-Me chantagear? Que absurdo! - retorquiu Clarissa com plena convicção. - Isso é uma tolice. Não há nada com que alguém possa me chantagear.

Elgin, o seu mordomo, escutou detrás da porta a palavra chantagem - revelou o inspetor.

Não acredito que ele tenha escutado nada parecido - rebateu Clarissa. - Não poderia ter escutado. Se quer saber a minha opinião, acho que ele está inventando.

Falando sério, sra. Hailsham-Brown - insistiu o inspetor -, está querendo me convencer de que a palavra chantagem nunca foi mencionada? Por que o mordomo inventaria uma coisa dessas?

Juro que não houve menção a chantagem - exclamou Clarissa, batendo com a mão na mesa. - Eu lhe garanto... — Clarissa deteve a mão no ar e de repente caiu na risada. - Ah, que tolice. É claro. Foi aquilo.

A senhora lembrou? - indagou o inspetor tranquilamente.

Não foi nada, mesmo - assegurou Clarissa. - Oliver só estava comentando algo sobre os preços excessivos do aluguel de casas mobiliadas. Falei que tínhamos uma sorte incrível e que estávamos pagando apenas quatro guinéus por semana por esta aqui. Então ele falou: "Mal posso acreditar, Clarissa. Que trapça é essa? Só pode ser chantagem." Eu dei uma risada e respondi: "Isso mesmo. Chantagem."

Riu de novo, como se estivesse recordando a conversa.

Só um modo tolo de se expressar, uma brincadeira. Eu nem me lembrava mais.

Sinto muito, Sra. Hailsham-Brown - disse o inspetor -, mas é impossível acreditar nisso.

Clarissa pareceu atônita.

É impossível acreditar no quê?

Que estão pagando só quatro guinéus a semana por esta casa toda mobiliada.

Mas é verdade! O senhor é mesmo o homem mais cético que conheci em toda minha vida - afirmou Clarissa, levantando e dirigindo-se à escrivaninha. - Tenho a im-pressão de que o senhor não acreditou em nada do que eu contei esta noite. Não tenho como provar a maioria das coisas, mas essa eu posso. E desta vez vou lhe provar.

Abriu uma gaveta da escrivaninha e remexeu em uns papéis.

Aqui está - exclamou. - Não, não é. Ah! Pronto.

Pegou um documento da gaveta e mostrou ao inspetor.

Este é o contrato de aluguel desta casa mobiliada. Foi feito por uma empresa de advogados a serviço dos inventariantes. Pode conferir... quatro guinéus por semana.

O diabo que me carregue! - exclamou o inspetor, estarrecido. - É mesmo incrível. Incrível demais. Imaginava que valia bem mais do que isso.

Clarissa abriu um de seus sorrisos encantadores.

Não acha que me deve desculpas, inspetor? - comentou.

O inspetor inseriu um certo charme na voz ao responder:

Desculpe-me, Sra. Hailsham-Brown - disse ele -, mas a senhora há de convir que é mesmo extremamente estranho.

Por quê? O que o senhor quer dizer? - disse Clarissa ao repor o documento na gaveta.

Bem, acontece - redarguiu o inspetor - que um casal andava aqui na região com o intuito de ver esta casa, e a mulher acabou perdendo um broche muito valioso nas redondezas. Ela passou na delegacia para registrar a ocorrência e mencionou esta casa. Comentou que os donos tinham pedido um preço absurdo. Achou ridículo alguém pedir dezoito guinéus por semana por uma casa no interior, longe de tudo. Eu concordei com ela.

Sim, isso é extraordinário, muito extraordinário concordou Clarissa com um sorriso afável. - Entendo a sua desconfiança. Mas talvez agora o senhor acredite em alguma das outras coisas que falei.

Não estou duvidando de sua versão mais recente, Sra. Hailsham-Brown - garantiu o inspetor. - Em geral, sabemos quando estão falando a verdade. Eu sabia, também, que deveria haver algum motivo grave para aqueles três cavalheiros inventarem esse desatinado plano de encobrimento.

O senhor não deve responsabilizá-los demais, inspetor - defendeu-os Clarissa. - A culpa foi minha. Tive de insistir muito com eles.

Já consciente da capacidade de persuasão de Clarissa, o inspetor respondeu:

Ah, não tenho dúvida disso. Mas continuo sem entender uma coisa. Quem telefonou para a polícia e denunciou o assassinato?

Sim, isso é impressionante! - disse Clarissa atônita.

Eu tinha esquecido completamente desse detalhe.

Obviamente não foi a senhora - salientou o inspetor -, e não poderia ter sido um dos três cavalheiros...

Clarissa abanou a cabeça.

Não poderia ter sido Elgin? - cogitou. - Ou, quem sabe, Miss Peake?

Não creio que possa ter sido Miss Peake - disse o inspetor. - Ficou evidente que ela não sabia que o corpo de Costello estava ali.

Imagino se isso é verdade mesmo - comentou Clarissa pensativa.

Afinal, quando o corpo foi descoberto, ela ficou histérica - recordou o inspetor.

Ah, isso não quer dizer nada. Qualquer pessoa pode ficar histérica - comentou Clarissa de modo incauto. O inspetor a olhou com ar de suspeita, e ela achou oportuno responder com o sorriso mais inocente possível.

De qualquer forma, Miss Peake não mora na casa observou o inspetor. - Ela tem seu próprio chalé no terreno da propriedade.

Mas ela bem que podia ter estado na casa - disse Clarissa. - Ela tem chave de todas as portas.

O inspetor meneou a cabeça.

Acho que não. A mim parece mais provável que Elgin tenha nos ligado - disse ele.

Clarissa aproximou-se do inspetor e deu um sorriso um tanto aflito.

O senhor não vai me mandar para a cadeia, vai? Indagou. - Tio Roly me assegurou que o senhor não faria isso.

O inspetor a fitou austero.

Foi bom ter mudado a história a tempo, senhora, e ter nos contado a verdade - refletiu com severidade. - Mas, se me permite dar um conselho, Sra. Hailsham-Brown, recomendo que entre em contato com seu advogado o quanto antes e o cientifique de todos os fatos relevantes. Neste meio tempo, vou mandar

datilografar seu depoimento e pedir que a senhora o leia. Talvez seja amável o suficiente para assiná-lo.

Quando Clarissa ia responder, a porta do hall abriu, e Sir Rowland entrou.

Não aguentei esperar mais - explicou. - Tudo bem, inspetor? Entendeu nosso dilema?

Clarissa aproximou-se de seu protetor antes que ele pudesse falar mais.

Roly, querido - saudou ela, pegando a sua mão.

Fiz um depoimento, e a polícia... ou mais exatamente o sr. Jones aqui... vai datilografá-lo. Então vou ter de assiná-lo. Contei tudo.

O inspetor foi confabular com o guarda, e Clarissa continuou conversando calmamente com sir Rowland.

Contei que eu achava que era um ladrão - enfatizou ela - e que eu acertei uma pancada na cabeça dele.

Quando Sir Rowland, assustado, fez menção de falar, ela rapidamente tapou sua boca com as mãos, de modo que ele não pôde verbalizar. Prosseguiu apressada:

Contei como reconheci que era Oliver Costello, como fiquei transtornada e liguei ao clube, como implorei e implorei até convencer vocês a me ajudarem. Agora percebo o quanto agi mal...

O inspetor voltou-se na direção deles, e Clarissa tirou as mãos de cima da boca de Sir Rowland bem a tempo.

Mas na hora—disse ela - fiquei paralisada de medo e pensei que seria mais cômodo para todo mundo (para mim, para Henry e até para Miranda) se Oliver

fosse encontrado em Marsden Wood.

Clarissa! O que diabos você andou contando? - exclamou Sir Rowland com a voz entrecortada.

A Sra. Hailsham-Brown fez um depoimento minucioso, - disse o inspetor satisfeito.

Voltando um pouco ao normal, Sir Rowland retorquiu, seco:

Assim parece.

Era a melhor coisa a fazer - disse Clarissa. - Pensando bem, era a única coisa a fazer. O inspetor me fez perceber isso. E eu estou realmente arrependida por ter contado todas aquelas mentiras tolas.

Isso vai acabar livrando a senhora de muitos problemas - garantiu o inspetor. - Pois bem, Sra. Hailsham- Brown - continuou -, não vou lhe pedir para entrar no esconderijo junto com o corpo, mas gostaria que a senhora me mostrasse a exata posição em que o homem estava quando a senhora entrou na sala vindo por ali.

-Ah... sim... vamos ver... ele estava... - iniciou Clarissa vacilante. Foi até a escrivaninha. - Não - continuou -, agora me lembrei. Estava parado aqui, bem assim. - Ela parou ao lado da escrivaninha e curvou-se.

Fique pronto para abrir a porta secreta quando eu avisar, Jones - disse o inspetor, gesticulando ao guarda, que se levantou e empunhou a alavanca na estante.

- Muito bem - disse o inspetor para Clarissa. - Ele estava parado aí. Então a senhora abriu a porta secreta e saiu por ela. Tudo bem, não precisa entrar ali e ver o corpo, apenas fique na frente da porta quando ela se abrir. Jones...

O guarda acionou a alavanca, e a porta secreta se abriu. O esconderijo estava vazio exceto por um pedacinho de papel no chão, apanhado pelo guarda Jones. O inspetor olhou, de modo acusador, para Clarissa e Sir Rowland.

O guarda leu em voz alta o que estava escrito na tira de papel. "Seus trouxas!" O inspetor arrancou o papel das mãos do guarda, enquanto Clarissa e Sir Rowland se entreolhavam, admirados.

O som alto da campainha da frente quebrou o silêncio.

Capítulo 19

Pouco depois, Elgin entrou na sala de estar para anunciar a chegada do médico-legista. De imediato, o inspetor e o guarda Jones acompanharam o mordomo à porta da frente. No hall, o inspetor incumbiu-se da não invejável tarefa de confessar ao doutor que de momento não havia corpo a ser examinado.

Não diga, inspetor Lord - comentou o médico irritado. - O senhor tem ideia da raiva que dá vir aqui nesta lonjura e dar com os burros n'água?

Mas, doutor, posso lhe garantir - tentou explicar o inspetor - que tínhamos um corpo mesmo.

O inspetor está certo, doutor - confirmou o guarda Jones. - Sem dúvida, tínhamos um corpo. Acontece que ele acaba de sumir.

O burburinho de vozes atraíra Hugo e Jeremy da sala de jantar, do outro lado do hall. Eles não perderam a oportunidade de fazer observações pouco úteis.

Não sei como a polícia consegue trabalhar, perdendo corpos desse jeito! - queixou-se Hugo. Por sua vez, Jeremy alfinetou:

Não entendo por que não colocaram alguém vigiando o corpo.

Bem, seja lá o que aconteceu, se não há corpo a ser examinado, não vou mais perder o meu tempo aqui -vociferou o médico, dirigindo-se ao inspetor. - Tenha a certeza de que isso não vai ficar assim, inspetor Lord.

Sim, doutor. Não tenho dúvidas quanto a isso. Boa noite, doutor - replicou o inspetor fatigado.

O médico-legista saiu pela frente, batendo a porta atrás de si, e o inspetor voltou-se para Elgin, que se antecipou, alegando depressa:

Não sei de nada, eu lhe asseguro, senhor, absolutamente nada.

Neste meio tempo, na sala de estar, Clarissa e Sir Rowland, escutando à porta, divertiam-se com o contratempo dos policiais.

Horinha não muito oportuna para a chegada do reforço policial - riu-se Sir Rowland. - Parece que o médico-legista ficou bem irritado com o sumiço do cadáver.

Clarissa deu uma risadinha.

Mas quem será que deu sumiço nele? - perguntou ela. - Será que foi Jeremy?

Não consigo imaginar como ele poderia ter feito isso - replicou Sir Rowland. - Eles não deixaram ninguém entrar na biblioteca, e a porta entre a biblioteca e o hall estava chaveada. Aquele "Seus trouxas!" foi a gota d'água.

Clarissa riu, e Sir Rowland continuou.

Entretanto, nos revela uma coisa. Costello conseguiu abrir a gaveta secreta. - Calou-se um tempo e mudou de atitude. - Clarissa - recomeçou em tom grave por que afinal você não contou a verdade ao inspetor, mesmo depois de eu ter lhe implorado?

Eu contei - protestou Clarissa -, menos a parte de Pippa. Ele simplesmente não acreditou em mim.

Mas, por Deus, precisava contar tanta bobagem ao inspetor? - insistiu Sir Rowland.

Bem - retorquiu Clarissa com um gesto de desamparo -, me pareceu a história mais plausível de o inspetor acreditar. E - finalizou ela radiante - agora ele acredita mesmo em mim.

E o resultado é que você está no meio de uma grande confusão - salientou Sir Rowland. - Vai ser acusada de assassinato e sabe bem disso.

Vou alegar legítima defesa - afirmou Clarissa confiante.

Antes que Sir Rowland tivesse oportunidade de responder, Hugo e Jeremy entraram do hall. Hugo caminhou à mesa de bridge, resmungando:

Polícia de araque, nos empurrando pra lá e pra cá. E agora parece que conseguiram perder o cadáver.

Jeremy fechou a porta atrás de si, então aproximou-se do banco e pegou um sanduíche.

Esquisito pra burro - afirmou.

É inacreditável - comentou Clarissa. - Toda a história é inacreditável. O corpo sumiu, e ainda não sabemos quem foi que ligou para a polícia e contou que havia ocorrido um crime aqui.

Ora, claro que foi Elgin - opinou Jeremy, sentando num braço do sofá e começando a saborear o sanduíche.

Não, não - discordou Hugo. - Só pode ter sido aquela tal de Miss Peake.

Mas por quê? - quis saber Clarissa. - Por que um deles faria isso sem nos contar nada? Não faz sentido.

Na porta do hall, Miss Peake meteu a cabeça na sala e olhou em volta com ar conspirador.

Oi, a barra está limpa? - indagou. - Nenhum tira por perto? Parece que tem um enxame deles na casa.

Agora estão ocupados vasculhando a casa e o terreno — informou Sir Rowland.

Para quê? - perguntou Miss Peake.

O corpo - replicou Sir Rowland - sumiu.

Miss Peake soltou a risada jovial de sempre.

Que palhaçada! - explodiu ela. - O cadáver mágico, então?

Hugo sentou-se à mesa de bridge. Olhando ao redor, comentou, sem se dirigir a ninguém em especial:

É um pesadelo. Tudo não passa de um maldito pesadelo.

Bem como nos filmes, não é, Sra. Hailsham-Brown? - lembrou Miss Peake, tendo outro acesso de riso.

Sir Rowland sorriu para a jardineira.

Espero que a senhora esteja se sentindo melhor agora, Miss Peake, não está? - perguntou, cortês.

Ah, estou bem - respondeu ela. - Sabe, na verdade, sou um osso duro de roer. Apenas fiquei um pouco impressionada ao abrir aquela porta e dar de cara com um cadáver. Na hora perdi o controle, tenho de admitir.

Fico pensando, talvez - comentou Clarissa serenamente -, se a senhora já não sabia que ele estava ali.

A jardineira fitou-a.

Quem? Eu?

Sim, a senhora.

De novo parecendo dirigir-se ao cosmos inteiro, Hugo afirmou:

Não faz sentido. Por que alguém levaria o corpo embora? Todos sabemos que existe um corpo. Sabemos a identidade dele e tudo o mais. Não há motivo. Por que não deixar o infeliz onde estava?

Ah, eu não diria que não há motivo, Sr. Birch corrigiu Miss Peake, curvando-se sobre a mesa de bridge e encarando Hugo. - É preciso ter um corpo, sabe. Habeas corpus e aquela ladainha toda. Lembra-se? Antes de acusar alguém de assassinato, é preciso ter um corpo. - Voltou-se para Clarissa. - Portanto, não se preocupe, Sra. Hailsham- Brown - tranquilizou ela. - Tudo vai acabar bem.

Clarissa fitou-a.

O que quer dizer com isso?

Estive de ouvidos bem abertos esta noite - contou a jardineira. - Não fiquei o tempo todo deitada na cama do quarto de hóspedes. - Ela olhou para todos ao redor.

Nunca suportei aquele tal de Elgin, nem a esposa dele recomeçou. - Escutando às escondidas e correndo para fofocar à polícia histórias sobre chantagem.

Então escutou isso? - perguntou Clarissa curiosa.

Eu sempre digo: defenda o seu sexo - declarou Miss Peake. Olhou para Hugo. - Homens! - bufou. - Não me misturo com eles. — Sentou-se no sofá ao lado de Clarissa. - Se não conseguem achar o corpo, minha querida explicou Miss Peake -, não podem apresentar acusações contra a senhora. E digo mais: se

aquele animal estava mesmo lhe fazendo chantagem, a senhora fez muito bem em quebrar a cabeça dele e se livrar da peste.

Mas eu não... — começou Clarissa com voz fraca.

Escutei a senhora contar tudo ao inspetor - interrompeu a jardineira. - E, se não fosse por aquele enxerido e medroso do Elgin, a sua história seria bem coerente. Fácil de acreditar.

De que história você está falando? - indagou Clarissa com curiosidade.

A de ter confundido ele com um ladrão. É o ponto de vista da chantagem que deixa tudo com aspecto diferente. Por isso, pensei que só tinha uma coisa a ser feita, retomou a jardineira. - Dar um fim no corpo e deixar a polícia perseguindo o próprio rabo.

Incrédulo, Sir Rowland recuou titubeante alguns passos. Miss Peake olhou ao redor com satisfação.

Trabalho talentoso, até eu mesma tenho de reconhecer - gabou-se ela.

Jeremy ergueu-se fascinado.

Está dizendo que foi a senhora quem removeu o corpo? - perguntou incrédulo.

A esta altura, todos encaravam Miss Peake.

Estamos todos entre amigos aqui, não? - indagou, olhando em volta. - Porque eu também posso dar com a língua nos dentes. Sim - admitiu ela eu que removi o corpo. - Deu um tapinha no bolso. - E passei a chave na porta. Tenho as chaves de todas as portas da casa, portanto isso não foi problema.

Clarissa fitou-a boquiaberta.

Mas como? Onde... onde a senhora colocou o corpo? - perguntou sem fôlego.

Miss Peake inclinou-se à frente num sussurro conspirador.

Na cama do quarto de hóspedes. Aquela de quatro colunas. Atravessado na cabeceira, embaixo do travesseiro comprido. Depois refiz a cama e deitei em cima dela.

Sir Rowland, pasmado, sentou-se à mesa de bridge.

Mas como a senhora levou o corpo até o quarto de hóspedes? - perguntou Clarissa. - Não ia conseguir fazer isso sozinha.

A senhora ficaria surpresa - sorriu Miss Peake de forma jovial. - O velho modo de erguer dos bombeiros. Joguei em cima do ombro. - Com um gesto, ela demonstrou como fizera.

Mas e se a senhora tivesse encontrado alguém na escada? - questionou Sir Rowland.

Ah, mas eu não encontrei - retorquiu Miss Peake. - A polícia estava aqui com a Sra. Hailsham-Brown. Vocês três estavam retidos por eles na sala de jantar. Então agarrei a oportunidade e, é claro, agarrei o morto também, levei-o ao hall, passei a chave na porta da biblioteca e o carreguei escadas acima até o quarto de hóspedes.

Caramba! - exclamou Sir Rowland sem fôlego.

Clarissa ficou em pé.

Mas ele não pode ficar embaixo do travesseiro comprido para sempre - ponderou ela.

Miss Peake virou-se para Clarissa.

Não, claro que para sempre não, sra. Hailsham- Brown — admitiu. — Mas por 24 horas ele vai ficar bem. A essa altura, a polícia vai ter liquidado com a busca na casa e no terreno. Vão estar procurando mais longe.

Correu o olhar entre seus admirados interlocutores.

Assim, estive pensando num modo de nos livrarmos do corpo - recomeçou. - Casualmente cavei uma bela trincheira no jardim esta manhã... para plantar ervilhas-de-cheiro. Ora, é só enterrar o corpo lá e plantar duas bonitas fileiras de ervilhas-de-cheiro por cima.

Sem palavras, Clarissa desmoronou no sofá.

Receio, Miss Peake - ponderou Sir Rowland -, que o ofício de coveiro há tempos deixou de ser assunto de iniciativa privada.

A jardineira riu a valer do comentário.

Ah, esses homens! - exclamou, balançando o dedo para Sir Rowland. - Sempre tão ostensivos na defesa da boa conduta. O bom senso das mulheres é superior. - Ela se virou para Clarissa. - Tudo o que é difícil para nós se torna fácil, até mesmo um assassinato. Não é, Sra. Hailsham-Brown?

Hugo levantou-se de repente.

Isso é um absurdo! - esbravejou ele. - Clarissa não o matou. Não acredito numa palavra disso.

Ora, se não foi ela - Miss Peake perguntou vivaz -, quem foi?

Naquele instante, Pippa entrou na sala vindo do hall, vestindo um chambre, caindo de sono, com uma tigela de mousse de chocolate na mão. Todos os

olhares se voltaram para ela.

Capítulo 20

Atônita, Clarissa se levantou num pulo.

Pippa! - gritou. - O que está fazendo fora da cama?

Acordei e resolvi descer - disse Pippa, entre um bocejo e outro.

Clarissa a conduziu ao sofá.

Estou com tanta fome - reclamou Pippa, bocejando de novo. Sentou-se, ergueu os olhos para Clarissa e disse em tom acusativo: - Você tinha dito que ia levar isto pra mim.

Clarissa pegou a tigela de mousse de chocolate da mão de Pippa e a pôs no banco. Em seguida, sentou-se ao lado da menina no sofá.

Achei que você estava dormindo, Pippa - explicou.

E eu estava mesmo dormindo - contou Pippa, com outro imenso bocejo. - Daí tive a impressão de que um policial entrou e ficou me olhando. Eu tinha tido um pesadelo e depois fiquei meio acordada. Daí me deu fome e resolvi descer.

Estremeceu, olhou todo mundo e recomeçou:

Além do mais, eu achei que poderia ser verdade.

Sir Rowland aproximou-se e sentou no sofá do outro lado de Pippa.

O que poderia ser verdade, Pippa? - perguntou.

Aquele sonho horrível que tive com o Oliver - respondeu Pippa, sentindo um calafrio ao lembrar.

O que aconteceu no sonho, Pippa? - indagou Sir Rowland mansamente. - Conte para mim.

Nervosa, Pippa tirou do bolso do chambre um pedacinho de cera modelada.

À tardinha, fiz isto aqui - relatou. - Derreti uma vela de cera, esquentei um alfinete e trespasssei a cera com o alfinete.

Ela entregou o bonequinho de cera sir Rowland. De repente, Jeremy exclamou "Meu Deus!", deu um salto e começou a esquadrinhar a sala, atrás do livro que Pippa tentara lhe mostrar à tarde.

Recitei as palavras bem certinho e tudo o mais - explicou Pippa sir Rowland -, só que não consegui fazer bem do jeito que dizia no livro.

Que livro? - quis saber Clarissa. - Não estou entendendo.

Junto à estante, Jeremy achou o que procurava.

Aqui está - exclamou, entregando o livro para Clarissa por cima do encosto do sofá. - Pippa comprou hoje no sebo. Ela disse que era um livro de receitas.

Pippa deu uma risada repentina.

E você me disse: "É de comer?" - lembrou ela.

Clarissa examinou o livro. Leu na capa o título

Cem feitiços provados e comprovados. Abriu o volume e começou a ler.

"Como sarar verrugas. Como conquistar o seu amor. Como aniquilar o seu inimigo." Pippa... então foi isso que você fez?

Pippa lançou à madrastra um olhar de mistério.

Sim - respondeu.

Clarissa devolveu o livro a Jeremy, e Pippa observou o boneco de cera, ainda nas mãos de Sir Rowland.

Não se parece muito com Oliver - admitiu -, e eu não consegui nenhuma mecha de cabelo dele. Mas foi o mais parecido que pude fazer... e depois... depois... sonhei e pensei... - Tirou o cabelo do rosto e o ajeitou atrás das orelhas. - Pensei que eu tinha descido e que ele estava ali.

Apontou atrás do sofá. - E que era tudo verdade.

Sir Rowland largou mansamente o boneco de cera no banco, e Pippa prosseguiu:

Ele estava ali, morto. Eu tinha acabado com ele.

Olhou para todos na sala e começou a tremer. - É verdade? - perguntou. - Eu o matei?

Não, querida. Não - disse Clarissa, com os olhos rasos de lágrimas, abraçando Pippa.

Mas ele estava ali - insistiu Pippa.

Sei, Pippa - contou-lhe Sir Rowland. - Mas você não matou Costello. Ao trespassar o boneco de cera com o alfinete, você matou o ódio e o medo que tinha dele. Agora não tem mais medo nem ódio dele. Não é verdade?

Pippa voltou-se para Sir Rowland.

Sim, é verdade - reconheceu. - Mas eu o vi sim.

Olhou atrás do sofá. - Desci na sala e Costello estava caído ali, morto. - Aninhou a cabeça no peito de Sir Rowland. - Tenho certeza de que o vi, tio Roly.

Sim, querida, você o viu mesmo - disse-lhe Sir Rowland ternamente. - Mas não foi você quem o matou.

Ela o fitou com ansiedade, e ele recomeçou: - Agora preste atenção, Pippa. Alguém acertou a cabeça dele com um bastão. Você não fez isso, fez?

Ah, não - disse Pippa, acenando a cabeça com força. - Isso não. - Ela se virou para Clarissa. - Quer dizer tipo o bastão de golfe que o Jeremy tinha?

Jeremy riu.

Não, Pippa, não um taco de golfe - explicou ele.

Algo tipo aquele grande bastão que fica no suporte do hall.

Quer dizer aquele que era do Sr. Sellon e que Miss Peake chama de clava? - indagou Pippa.

Jeremy concordou com a cabeça.

Ah, não - falou Pippa. - Eu não faria uma coisa dessas. Não ia conseguir. - Voltou-se para Sir Rowland. - Ah, tio Roly, eu não ia matá-lo de verdade.

Claro que não - interveio Clarissa, com uma voz serena de bom senso, pegando a tigela de mousse e oferecendo a Pippa. - Agora vamos, querida, coma a sua mousse de chocolate e esqueça desse assunto. - Pippa abanou a cabeça em recusa, e Clarissa repôs a tigela no banco. Ela e Sir Rowland ajudaram Pippa a se deitar no sofá. Clarissa pegou na mão dela, e Sir Rowland afagou o cabelo da menina com carinho.

Não estou entendendo bulhufas dessa história - declarou Miss Peake. - Que livro é esse, afinal? - perguntou ela a Jeremy, que o folheava nesse momento.

"Como provocar uma peste no gado do vizinho." Não acha interessante, Miss Peake? - falou Jeremy. - Arrisco dizer que, com pequenas adaptações, a senhora consegue causar mancha-preta nas rosas da vizinha.

Não sei do que você está falando - retrucou a jardineira com rispidez.

Magia negra - explicou Jeremy.

Não sou supersticiosa, graças a Deus - bufou ela, encerrando o assunto e se afastando.

Hugo, que se esforçava para acompanhar os fatos, confessou:

Estou cada vez mais confuso.

Eu também - concordou Miss Peake, dando-lhe um tapinha no ombro. - É melhor eu ir dar uma espiadinha no que os rapazes de azul estão inventando. - E dando outra de suas estrepitosas risadas, saiu rumo ao hall.

Sir Rowland percorreu os olhares de Clarissa, Hugo e Jeremy.

E agora em que pé estamos? - pensou consigo em voz alta.

Clarissa ainda se restabelecia das revelações dos minutos anteriores.

Como fui estúpida - exclamou confusa. - Eu devia saber que Pippa não teria como... eu não sabia nada sobre esse livro. Pippa disse que tinha matado Oliver e eu... pensei que era verdade.

Hugo levantou-se.

Ah, você está dizendo que achou que Pippa...

Sim, querido - cortou Clarissa nervosa e incisivamente para impedi-lo de completar a frase. Mas Pippa, por felicidade, agora dormia serena no sofá.

Ah, entendo - disse Hugo. - Isso explica tudo. Bom Deus!

Bem, agora é melhor irmos até a polícia e enfim contar a verdade a eles - opinou Jeremy.

Sir Rowland balançou a cabeça pensativo.

Não sei, não - murmurou. - Clarissa já contou três versões diferentes...

Não. Esperem - interrompeu Clarissa de repente.

Tive uma ideia. Hugo, qual era o nome da loja do sr. Sellon?

Era só uma loja de antiguidades - replicou Hugo de modo vago.

Sim, sei disso - exclamou Clarissa impaciente.

Mas como ela se chamava mesmo?

Como assim... "como se chamava"?

Ah, querido, não dificulte as coisas - falou Clarissa.

Antes você disse, e eu quero que você diga de novo. Mas não quero mandar você dizer, nem dizer por você.

Hugo, Jeremy e Sir Rowland se entreolharam.

Alguém pode me esclarecer onde diabos esta moça quer chegar? - indagou Hugo em tom de queixa.

Não tenho ideia - replicou Sir Rowland. - Tente de novo, Clarissa.

Exasperada, ela insistiu:

É muito simples. Qual era o nome da loja de antiguidades em Maidstone?

Não tinha nome - respondeu Hugo. - Quero dizer, antiquários não se chamam Seaview ou coisa que o valha.

Santa paciência - resmungou Clarissa entre os dentes cerrados. Falando claro e devagar, pausando após cada palavra, perguntou uma vez mais:

O... que... estava... escrito... em... cima... da... porta?

Escrito? Nada - disse Hugo. - O que poderia estar escrito? Só o nome dos donos: "Sellon & Brown", é claro.

Até que enfim - gritou Clarissa em tom de júbilo. - Eu achava que era isso que você tinha dito antes, mas não tinha certeza. Sellon & Brown. Meu nome é Hailsham- Brown. - Ela olhou o trio a seu redor, mas eles apenas a olharam de volta, com expressão de total incompreensão nas faces.

Alugamos esta casa muito barato - recomeçou Clarissa. — Os outros interessados que vieram ver a casa antes ficaram assustados com o preço exorbitante do aluguel e desistiram, ficando descontentes. Entenderam agora?

Hugo mirou-a com um olhar inexpressivo, antes de responder:

-Não.

Jeremy sacudiu a cabeça.

Ainda não, meu bem.

Sir Rowland fitou-a de modo agudo.

Estou boiando - falou, pensativo.

O rosto de Clarissa assumiu uma expressão de ansiedade.

O Sr. Sellon tinha sociedade com uma pessoa que morava em Londres. Essa pessoa é uma mulher - explicou ela aos amigos. - Hoje, alguém ligou e pediu para falar com a sra. Brown. Não com a sra. Hailsham-Brown, apenas sra. Brown.

Agora começo a compreender - disse Sir Rowland, meneando a cabeça devagar.

Hugo sacudiu a cabeça.

Eu ainda não - admitiu.

Clarissa olhou para Hugo.

Baia equina ou equina baia... pequenos detalhes, grandes diferenças - observou ela inescrutável.

Você não está delirando ou algo parecido, Clarissa? Quis saber Hugo preocupado.

Alguém matou Oliver - recordou Clarissa. - Não foi nenhum de vocês. Nem Henry. Muito menos eu. - Fez uma pausa antes de continuar. - E não foi Pippa, graças a Deus. Então, quem foi?

Com certeza, é exatamente como eu disse ao inspetor - sugeriu Sir Rowland. - Um serviço de fora. Alguém seguiu Oliver até aqui.

Sim, mas por quê? - indagou Clarissa de modo expressivo. Não obtendo resposta, retomou suas considerações. - Hoje, quando acompanhei vocês ao portão lembrou ela aos três amigos ao voltar, entrei pelas portas de vidro e dei de cara com Oliver. Ele pareceu muito surpreso ao me ver. Disse: "Clarissa! O

que está fazendo aqui?" Na hora, pensei que era um modo sofisticado de me irritar. Mas vamos supor que ele estivesse mesmo surpreso?

Os ouvintes pareciam estar atentos, mas nada disseram. Clarissa recomeçou:

Vamos supor que ele tenha ficado surpreso ao me ver. Ele pensava que esta casa pertencia a outra pessoa. Pensava que encontraria aqui a Sra. Brown, a sócia do sr. Sellon.

Sir Rowland meneou a cabeça.

Mas será que ele não sabia que você e Henry estavam morando aqui? - questionou. - Será que Miranda não saberia?

Sempre que Miranda precisa se comunicar o faz por intermédio de advogados. Nem ela nem Oliver necessariamente sabiam que estávamos morando aqui - explicou Clarissa. - Estou dizendo, tenho certeza de que Oliver Costello nem sonhava em me encontrar. Ah, mas na mesma hora ele se recuperou do susto e inventou a desculpa de que tinha vindo falar sobre Pippa. Ele fingiu ter ido embora, mas retornou porque...

Calou-se ao Miss Peake entrar pela porta do hall.

A caçada continua - declarou a jardineira animada. - Calculo que já procuraram embaixo de todas as camas. Agora estão lá fora no terreno. - Ela soltou a conhecida risada cordial.

Clarissa fitou-a de modo incisivo e disse:

Miss Peake, a senhora se lembra daquilo que o sr. Costello disse um pouco antes de ir embora? Não lembra?

Sem expressão, Miss Peake admitiu:

Não faço a mínima ideia.

Ele disse "Eu vim falar com a sra. Brown", não foi? — lembrou Clarissa.

Miss Peake pensou um pouco e respondeu:

Acredito que sim. Por quê?

Mas ele não veio falar comigo - insistiu Clarissa.

Bem, se não foi com a senhora, não sei com quem poderia ser - retorquiu Miss Peake com outra de suas risadas joviais.

Clarissa falou com decisão.

Com a senhora - disse ela para a jardineira. - Não é, sra. Brown?

Capítulo 21

Miss Peake, aparentando supremo espanto com a acusação de Clarissa, por um instante pareceu em dúvida a respeito de como agir. Quando enfim respondeu, sua atitude mudara. Abandonando o tom divertido de costume, falou com seriedade.

Bem pensado - disse ela. - Tem razão, eu sou a Sra. Brown.

Clarissa estivera exercitando o seu raciocínio.

A senhora é a sócia do Sr. Sellon - revelou. - É a dona desta casa. Herdou-a de Sellon junto com a empresa em sociedade. Por algum motivo, teve a ideia de encontrar um inquilino cujo nome fosse Brown. O fato é que estava determinada a ter outra Sra. Brown morando aqui. Pensou que isso não seria muito difícil, já que Brown é um nome tão comum. Mas no fim das contas teve de se contentar com Hailsham-Brown. Não sei bem por que a senhora me queria no palco enquanto assistia. Ainda não entendo bem os detalhes... Sra. Brown, codinome Miss Peake, interrompeu-a.

Charles Sellon foi assassinado - disse ela a Clarissa. - Não há dúvida disso. Entrou em posse de algo muito valioso. Não sei de que forma... nem sei o que era. Ele nunca foi muito... - hesitou - escrupuloso.

É o que se comenta - observou Sir Rowland secamente.

Seja lá o que for - começou a sra. Brown -, ele foi morto por isso. E seja lá quem o matou não encontrou a tal coisa. Provavelmente não a encontraram porque não estava na loja, e sim aqui. Pensei que, seja lá quem fosse, o assassino acabaria vindo aqui procurar, mais cedo ou mais tarde. Eu queria ficar na tocaia, por isso precisava de uma sra. Brown postiça. Um fantoche.

Sir Rowland soltou uma exclamação de contrariedade.

A senhora não se deu conta - perguntou à jardineira, falando com emoção - de que a senhora Hailsham- Brown uma moça totalmente inocente que nunca lhe fez mal, estaria correndo perigo?

Estive sempre por perto, não estive? - replicou a Sra. Brown, na defensiva. - Tanto que às vezes isso chegou a incomodar vocês. Bem, naquele dia que apareceu um homem oferecendo um preço exagerado por essa escrivaninha, não tive mais dúvidas: eu estava na pista certa. Mas posso jurar que não há nada nessa escrivaninha que tenha algum valor.

A senhora examinou a gaveta secreta? - indagou Sir Rowland.

A Sra. Brown pareceu surpresa.

Gaveta secreta? Onde? - exclamou, dirigindo-se à escrivaninha.

No meio do caminho, Clarissa a deteve.

Agora não há mais nada ali - garantiu. - Pippa encontrou a gaveta, mas dentro só havia uns autógrafos antigos.

Clarissa, eu gostaria de dar uma nova olhada naqueles autógrafos - pediu Sir Rowland.

Clarissa voltou-se para o sofá.

Pippa - chamou ela -, onde você colocou...? Ah, ela está dormindo.

A sra. Brown aproximou-se do sofá e baixou o olhar para a criança.

Dormindo um sono de pedra - confirmou. - É essa agitação toda. - Olhou para Clarissa. - Sabe de uma coisa? - disse. - Vou carregar Pippa lá para cima e

colocá-la na cama.

Não - disse Sir Rowland peremptório.

Todos olharam para ele.

Ela não pesa nada - ponderou a sra. Brown. - Nem uma quarta parte do que pesava o cadáver do sr. Costello.

Mesmo assim - insistiu Sir Rowland -, acho que ela vai ficar mais segura por aqui.

Então todos se voltaram para Miss Peake/Sra. Brown, que deu um passo para trás, olhou ao redor e exclamou, indignada:

Mais segura?

-Foi isso que eu disse- retrucou Sir Rowland. Correu os olhos ao redor e acrescentou: - Essa menina disse algo muito sugestivo agora há pouco.

Sentou-se à mesa de bridge, observado por todos. Houve um silêncio. Hugo foi para o outro lado da mesa, sentou à frente de Sir Rowland e perguntou:

O que foi que ela disse, Roly?

Se vocês todos lembrarem um pouco dos fatos - sugeriu Sir Rowland -, talvez se dêem conta do que se trata.

Os outros se entreolharam. Sir Rowland apanhou o exemplar de Quem é Quem e começou a consultá-lo.

Não entendo - insistiu Hugo, meneando a cabeça.

O que foi que Pippa disse? — pensou Jeremy em voz alta.

Não tenho ideia - disse Clarissa, tentando recordar. - Algo sobre o policial? Ou sonhar? Descer aqui? Ficar meio acordada?

Vamos lá, Roly - intimou Hugo. - Não faça tanto mistério. O que está acontecendo, afinal?

Sir Rowland ergueu o olhar.

O quê? - perguntou distraído. - Ah, sim. Os tais autógrafos. Cadê eles?

Hugo estalou os dedos.

Se não me engano, Pippa os guardou naquela caixinha ali em cima - recordou ele.

Jeremy foi à estante de livros.

Aqui em cima? - indagou. Localizou a caixinha e retirou o envelope dela. - Sim, é verdade. Estão aqui - confirmou, ao pegar os autógrafos do envelope e entregá-los sir Rowland, que fechara o exemplar de Quem é Quem. Jeremy pôs o envelope vazio no bolso, e Sir Rowland passou a examinar os autógrafos com seu monóculo.

Victoria Regina, Deus a abençoe - murmurou Sir Rowland, observando o primeiro dos autógrafos. - Rainha Vitória. Tinta marrom esmaecida. Vamos ver, e este, qual é? John Ruskin... sim, é verdadeiro, tudo indica. E este outro? Robert Browning... hum... o papel não é tão antigo quanto seria de supor.

Roly! O que você quer dizer com isso? - perguntou Clarissa animada.

Tenho certa experiência com tintas invisíveis e esse tipo de coisa, desde o tempo da guerra - explicou Sir Rowland. - Quando é preciso fazer uma anotação secreta, uma boa alternativa é escrever com tinta invisível numa folha de papel e falsificar um autógrafo. Depois é só colocar esse autógrafo junto a outros

autógrafos autênticos, que provavelmente ninguém vai notá-lo ou prestar atenção nele. Não mais do que nós.

A Sra. Brown pareceu confusa.

Mas o que Charles Sellon teria escrito que pudesse valer quatorze mil libras? - quis saber ela.

Absolutamente nada, minha senhora - replicou Sir Rowland. - Mas me ocorre agora que pode ter sido uma questão de segurança.

Segurança? - inquiriu a Sra. Brown.

Suspeita-se que Oliver Costello - esclareceu Sir Rowland - estivesse envolvido com tráfico de drogas. Sellon, como o inspetor nos contou, foi interrogado uma ou duas vezes pela divisão de Narcóticos. Pode haver uma conexão aqui, não acham?

A única resposta de Sra. Brown foi um olhar inexpressivo. Ele continuou:

Claro, pode ser só uma ideia boba minha. - Baixou o olhar para o autógrafo que estava segurando. - Não creio que seja algo muito elaborado, vindo da parte de Sellon. Suco de limão, talvez, ou solução de cloreto de bário. Calor ameno pode solucionar o caso. Se for preciso, tentamos vapor de iodo mais tarde. Mas primeiro vamos tentar uma aquecida de leve.

Ele se levantou.

Mãos à obra?

Temos um aquecedor elétrico na biblioteca - lembrou Clarissa. - Jeremy, poderia apanhá-lo?

Hugo se ergueu e empurrou a cadeira de encontro à mesa, enquanto Jeremy ia até a biblioteca.

Podemos ligá-lo aqui - disse Clarissa, indicando uma tomada no rodapé da sala.

A coisa toda é absurda - bufou a Sra. Brown com desdém. - Mirabolante demais.

Não acho - discordou Clarissa. - A ideia é ótima.

Jeremy voltou da biblioteca com um pequeno aquecedor elétrico.

Achou? - perguntou Clarissa.

Aqui está - respondeu. - Onde está a tomada?

Aqui embaixo - falou Clarissa, apontando. Ela segurou o aquecedor, e Jeremy conectou o cabo na tomada. Em seguida, ela colocou o aparelho no chão.

Sir Rowland pegou o autógrafo de Robert Browning e ficou em pé, perto do aquecedor. Jeremy ajoelhou-se perto do aparelho, e os outros se aproximaram para ver o resultado.

Não devemos ter muitas expectativas - alertou Sir Rowland. - Afinal, é só uma ideia que eu tive. Mas deve ter havido um bom motivo para Sellon ter guardado estes pedacinhos de papel num lugar tão secreto.

Isto me faz voltar no tempo - lembrou Hugo. - O tempo em que eu era garoto e escrevia mensagens secretas com suco de limão.

Com qual deles vamos começar? - indagou Jeremy entusiasmado.

Com a Rainha Vitória - opinou Clarissa.

Que nada, seis por um no Ruskin - foi o palpite de Jeremy.

Bem, eu aposto minhas fichas no Robert Browning - decidiu Sir Rowland, curvando-se e segurando o papel na frente do aquecedor.

Ruskin? Sujeito hermético. Nunca consegui entender um verso sequer de seus poemas—sentiu-se compelido a comentar Hugo.

Exato - concordou Sir Rowland. - São repletos de significados ocultos.

Pescoços se espicharam sobre os ombros de Sir Rowland.

Não vou aguentar se não acontecer nada - exclamou Clarissa.

Acho que... sim! Tem algo aqui - murmurou Sir Rowland.

Sim, está aparecendo algo - observou Jeremy.

Está? Deixe-me ver — disse Clarissa, animada.

Hugo abriu espaço entre Clarissa e Jeremy.

Sai da frente, rapaz.

Devagar — reclamou Sir Rowland. - Não empurrem... sim... tem algo escrito. - Fez uma pausa, endireitou o corpo e exclamou:

Conseguimos!

Conseguimos o quê? - quis saber a Sra. Brown.

Uma lista com seis nomes e endereços - revelou Sir Rowland. - Traficantes, presumo. E um dos nomes é Oliver Costello.

A exclamação foi geral.

Oliver! - disse Clarissa. - Então foi por isso que ele veio, e alguém deve tê-lo seguido e... ah, tio Roly, precisamos contar à polícia. Venha comigo, Hugo.

Clarissa correu para a porta do hall, seguida de Hugo, que saiu murmurando:

Nunca ouvi falar de algo tão extraordinário. - Sir Rowland pegou os outros autógrafos. Jeremy tirou o aquecedor da tomada e o levou de volta à biblioteca.

Prestes a seguir Clarissa e Hugo, Sir Rowland deteve-se na soleira da porta.

Vamos junto, Miss Peake? — indagou.

Não precisam de mim, não é mesmo?

Acho que sim. A senhora era sócia de Sellon.

Não tenho e nunca tive nada a ver com tráfico de drogas - insistiu a Sra. Brown. - Eu apenas administrava a parte do antiquário. Era responsável por todas as compras e vendas em Londres.

Entendo - replicou Sir Rowland, sem confiança, e segurou a porta aberta até ambos saírem.

Jeremy retornou da biblioteca, fechando com cuidado a porta atrás de si. Foi à porta do hall e escutou por um instante. Lançou um olhar à Pippa, chegou perto da poltrona, pegou a almofada e, pé ante pé, rumou ao sofá onde Pippa dormia.

Pippa se mexeu no meio do sono. Por um instante, Jeremy ficou paralisado; ao certificar-se de que ela ainda dormia, prosseguiu em direção ao sofá, até se posicionar atrás da cabeça da menina. Em seguida, devagarinho, começou a descer a almofada sobre o rosto de Pippa.

Neste exato momento, Clarissa veio do hall e entrou de novo na sala. Escutando o barulho da porta, Jeremy cobriu os pés de Pippa com a almofada cuidadosamente.

Eu lembrei do que Sir Rowland tinha dito - explicou-se ele a Clarissa - e achei melhor não deixar Pippa sozinha. Tive a impressão de que ela estava com os pés gelados, por isso acabei de cobri-los.

Clarissa cruzou a sala rumo ao banquinho.

Essa agitação toda me abriu o apetite - declarou. Baixou o olhar para o prato de sanduíches e disse com grande desânimo: - Puxa vida, Jeremy, você comeu tudo.

Sinto muito, eu estava morrendo de fome - disse ele, sem demonstrar arrependimento algum.

Não entendo por que razão - repreendeu ela. - Você jantou. Eu não.

Jeremy empoleirou-se no encosto do sofá.

Eu também não jantei - contou ele. - Fiquei treinando tacadas de aproximação. Só entrei no salão do restaurante pouco depois de você ter ligado.

Ah, entendo - replicou Clarissa desinteressada. Inclinou-se sobre o encosto do sofá para afofar a almofada. De repente seus olhos se arregalaram. Numa voz profundamente perturbada, repetiu:

Entendo. Você... foi você.

O que quer dizer?

Você! - repetiu Clarissa, quase como se estivesse falando sozinha.

O que quer dizer?

Olhando Jeremy nos olhos, Clarissa indagou:

O que você estava fazendo com aquela almofada quando eu entrei na sala?

Ele riu.

Já disse. Estava cobrindo os pés de Pippa. Estavam frios.

Verdade? Era isso mesmo que você ia fazer? Ou ia colocar a almofada sobre o rosto dela?

Clarissa! - gritou indignado. - Não fale uma coisa absurda dessas!

Eu estava certa de que o assassino de Oliver Costello não poderia ser um de nós. Falei isso a todos - lembrou Clarissa. - Mas um de nós poderia ser o assassino. Você. Você estava sozinho lá no campo de golfe. Poderia ter voltado para casa, entrando pela janela da biblioteca, que você havia deixado entreaberta. E você tinha ainda o seu taco de golfe. É claro. Foi isso que Pippa viu. Foi isso que ela quis dizer quando falou: "Um bastão de golfe como o de Jeremy". Foi você que ela viu.

Isso é pura bobagem, Clarissa - objetou Jeremy num riso forçado.

Não, não é—insistiu. —Então, depois de ter matado Oliver, você retornou ao clube e ligou para a polícia, para que eles viessem aqui, achassem o corpo e suspeitassem de Henry ou de mim.

Jeremy ergueu-se de um pulo.

Que absurdo infame! — declarou.

Não é absurdo. É verdade. Sei que é verdade - exclamou Clarissa. - Mas por quê? É isso que não entendo. Por quê?

Permaneceram cara a cara num silêncio nervoso alguns instantes. Então Jeremy soltou um suspiro profundo. Retirou do bolso o envelope onde os autógrafos eram guardados. Estendeu-o a Clarissa, mas ela não o pegou.

Foi tudo por causa disto - revelou.

Clarissa deu uma olhada.

Esse é o envelope em que estavam os autógrafos disse ela.

Tem um selo nele - explicou Jeremy calmamente.

É o que se chama de selo com erro. Impresso na cor errada. Sueco, vendido ano passado por quatorze mil e trezentos libras.

Então é isso — falou Clarissa, recuando, sem fôlego.

Este selo caiu nas mãos de Sellon - recomeçou Jeremy. — Ele escreveu para Sir Kenneth, o meu patrão, sobre o caso. Mas fui eu que abri a carta. Viajei de Londres para cá e fiz uma visita Sellon e...

Hesitou, e Clarissa completou a frase por ele:

...e o matou.

Jeremy fez que sim com a cabeça, sem dizer nada.

Mas você não conseguiu encontrar o selo - conjecturou Clarissa, afastando-se dele.

Acertou de novo - admitiu Jeremy. - Não estava na loja, por isso me convenci de que devia estar aqui nesta casa.

Começou a andar na direção de Clarissa; ela continuou recuando.

Hoje à noite, pensei que Costello tinha vencido a parada.

E então você também o matou - disse Clarissa.

Jeremy concordou mais uma vez com a cabeça.

E agora, você ia matar Pippa? - perguntou ela ofegante.

Por que não? - respondeu impassível.

Não acredito - disse ela.

Clarissa, minha querida, quatorze mil libras é um bom dinheiro - observou Jeremy, com um sorriso que conseguiu ser ao mesmo tempo contrito e sinistro.

Mas por que está me contando isso? - indagou, tão perplexa quanto aflita. - Por acaso imagina que eu não vou contar para a polícia?

Você já contou tanta mentira. Nunca vão acreditar em você - retrucou ele.

Vão sim.

-Além disso - continuou Jeremy, investindo contra ela -, você não vai ter essa oportunidade. Para quem já matou duas pessoas, não custa matar mais uma.

Seus dedos se fecharam em torno do pescoço de Clarissa, e ela gritou.

Capítulo 22

O grito de Clarissa foi acudido de imediato. Sir Rowland veio rápido do hall, acendendo as arandelas no caminho; o guarda Jones precipitou-se na sala pela porta de vidro, e o inspetor correu da biblioteca.

O inspetor segurou Jeremy.

Muito bem, Warrender. Escutamos tudo, obrigado - disse. - E é justamente essa a prova de que precisamos, acrescentou. - Passe para cá esse envelope.

Clarissa apoiou-se nas costas do sofá, com a mão na garganta. Ao entregar o envelope ao inspetor, Jeremy observou de modo impassível:

Então era uma armadilha, não era? Muito engenhosa.

Jeremy Warrender - disse o inspetor. - O senhor está preso pelo assassinato de Oliver Costello. É meu dever prevenir: tudo o que o senhor disser pode ser anotado e usado como prova.

Pode poupar o fôlego, inspetor - foi a resposta enunciada em tom sereno por Jeremy. - Não estou falando nada. Foi uma boa tentativa, mas simplesmente não deu certo.

Leve-o embora daqui - ordenou o inspetor ao guarda Jones, que pegou Jeremy pelo braço.

Qual o problema, Jones? Esqueceu-se das algemas? Indagou friamente Jeremy ao ter o braço direito torcido atrás das costas e ser conduzido porta afora.

Sacudindo a cabeça com tristeza, Sir Rowland observou Jeremy sendo levado e, em seguida, dirigiu-se a Clarissa.

Você está bem, minha querida? - perguntou ele preocupado.

Sim, sim, estou bem - respondeu Clarissa, respirando com certa dificuldade.

Não tive a intenção de expor você a isso - desculpou-se Sir Rowland.

Ela o fitou com sagacidade.

Você sabia que tinha sido Jeremy, não sabia? - indagou.

O inspetor entrou na conversa.

Mas como descobriu sobre o selo, sir?

Sir Rowland aproximou-se do inspetor Lord e pegou o envelope da mão dele.

Bem, inspetor - principiou comecei a desconfiar quando Pippa mostrou o envelope hoje à tardinha. Depois, lendo o Quem é Quem, descobri que o patrão de Warrender, Sir Kenneth Thomson, é filatelista, e minhas suspeitas aumentaram. E, há pouco, quando ele teve a ousadia de embolsar o envelope debaixo de meu nariz, eu tive certeza.

Devolveu o envelope ao inspetor.

Cuide bem disto, inspetor. Provavelmente o senhor vai descobrir que se trata de algo muito valioso, além de ser uma prova.

Sim, é uma prova - anuiu o inspetor. - Um jovem bandido especialmente perigoso vai ter aquilo que merece.

Cruzando a sala em direção à porta do hall, continuou:

Mas ainda falta encontrar o corpo.

Ah, isso vai ser fácil, inspetor — garantiu-lhe Clarissa. - Dê uma olhada na cama do quarto de hóspedes,

O inspetor observou Clarissa com ar de censura.

Ora, francamente, sra. Hailsham-Brown...- começou ele.

Foi interrompido por Clarissa.

Por que ninguém nunca acredita em mim? - queixou-se. - Está no quarto de hóspedes. Vá conferir, inspetor. Atravessado na cama, embaixo do travesseiro comprido. Miss Peake o colocou lá, tentando ser gentil.

-Tentando ser...? - As palavras faltaram ao inspetor. Foi até a porta, virou e disse em tom repreensivo: - Sabe, Sra. Hailsham-Brown, não facilitou nosso trabalho esta noite, nos contando todas essas histórias inacreditáveis. Acho que a senhora pensava que o seu marido era o assassino e estava mentindo para acobertá-lo. Mas a senhora não deveria ter feito isso. Realmente não deveria.

Balançou a cabeça outra vez e saiu da sala.

Pois bem! - exclamou Clarissa indignada. E virou-se para o sofá. - Ai, Pippa... - recordou.

É melhor levá-la para cima - aconselhou Sir Rowland. - Agora ela estará segura.

Sacudindo a menina com delicadeza, Clarissa disse de forma meiga:

Vamos, Pippa. Hora de ir para a cama.

Pippa levantou-se vacilante.

Tô faminta - murmurou.

Sim, sim, aposto que sim - assegurou Clarissa, levando a menina para o hall. - Venha, vamos ver o que podemos encontrar.

Boa noite, Pippa - disse Sir Rowland. Como retribuição, a menina bocejou um "B'a noite" e saiu com Clarissa. Sir Rowland sentou-se à mesa de bridge e, mal começara a guardar as cartas na caixa, Hugo entrou do hall.

Deus que me perdoe - exclamou Hugo. - Se me contassem eu não teria acreditado. Justo o jovem Warrender. Parecia um rapaz bem decente. Frequentou bons colégios. Era bem-relacionado.

Mas bem-propenso a matar por quatorze mil libras observou Sir Rowland polidamente. - De vez em quando isso acontece, até mesmo nas melhores famílias. Uma per-sonalidade cativante, mas desprovida de senso moral.

Sra. Brown, ex-Miss Peake, meteu a cabeça na porta.

Acho bom lhe avisar, Sir Rowland - declarou, retomando a habitual voz tonitruante. - Fui convocada a ir junto à delegacia. Querem que eu faça um depoimento. Estão um pouco descontentes com a peça que preguei neles. Acho que vou receber um puxão de orelha. - Explodiu numa gargalhada, recuou e bateu a porta do hall.

Hugo observou a saída de Miss Peake e em seguida juntou-se a Sir Rowland na mesa de bridge.

Sabe, Roly, ainda não entendi bem - admitiu.

Afinal, Miss Peake era a Sra. Sellon, ou o Sr. Sellon que era o Sr. Brown? Ou vice-versa?

Sir Rowland foi poupado de responder devido ao retorno do inspetor, que veio pegar o quepe e as luvas.

Agora vamos trasladar o cadáver, cavalheiros informou. Pouco depois acrescentou: - Sir Rowland, faria a gentileza de avisar a Sra. Hailsham-Brown que se ela continuar contando histórias fantasiosas à polícia um dia ela vai ter sérios problemas?

Não vamos esquecer, inspetor, que uma vez ela disse a verdade - lembrou-lhe Sir Rowland de modo suave -, mas o senhor simplesmente não acreditou.

O inspetor pareceu um pouco atrapalhado.

Sim... hum... bem - começou. - Enfim, recompondo-se, afirmou: - Francamente, era um pouco difícil de engolir, há de concordar comigo.

Ah, sem dúvida, eu concordo - assegurou Sir Rowland.

Não que eu culpe os senhores - continuou o inspetor em tom reservado. - A Sra. Hailsham-Brown tem um jeitinho muito persuasivo. - Balançou a cabeça, pensativo, e despediu-se: - Bem, boa noite, sir.

Boa noite, inspetor - respondeu Sir Rowland afável.

Boa noite, Sr. Birch - disse o inspetor, recuando para a porta do hall.

Boa noite, inspetor, e parabéns pelo bom trabalho respondeu Hugo ao se aproximar e apertar a mão dele.

Obrigado, sir- disse o inspetor.

Ele saiu, e Hugo bocejou.

Bem, acho que é melhor eu ir andando. Vou para casa dormir - disse ele a Sir Rowland. - Que noite, hein?

Resumi bem, Hugo. Que noite! - respondeu Sir Rowland, arrumando a mesa de bridge. - Até amanhã.

Até - respondeu Hugo, retirando-se pelo hall.

Sir Rowland empilhou com esmero as cartas e os marcadores na mesa; em seguida pôs o exemplar de Quem é Quem na estante. Clarissa entrou vinda do hall, aproximou-se e repousou as mãos nos braços dele.

Roly, querido - falou. - O que seria de nós sem você? Você é tão inteligente.

E você é uma moça de muita sorte - disse ele. - Fez muito bem em não entregar o coração àquele jovem bandido, Warrender.

Clarissa estremeceu.

Não havia esse perigo - replicou. Sorriu com ternura: - Se eu entregasse meu coração a alguém, seria para você, meu querido - garantiu.

Ora, ora, não me venha com suas táticas - avisou Sir Rowland, rindo. - Se você...

Parou de repente ao ver Henry Hailsham-Brown entrar pela porta de vidro, e Clarissa exclamar:

Henry!

Oi, Roly - cumprimentou Henry. - Pensei que vocês iam ir ao clube esta noite.

Bem... ahn... acho que vou dormir agora - foi tudo o que Sir Rowland foi capaz de dizer naquele momento. - Foi uma noite extenuante.

Henry olhou para a mesa de bridge.

O quê? Bridge extenuante? - indagou em tom de brincadeira.

Sir Rowland sorriu.

Bridge e... ahn... outras coisas mais - respondeu e encaminhou-se para a porta do hall. - Boa noite a todos.

Clarissa atirou-lhe um beijo, ele retribuiu e saiu da sala. Clarissa virou-se para Henry.

Onde está Kallendorff... quero dizer, onde está o sr. Jones? - perguntou, inquieta.

Henry colocou a valise no sofá. Sem esconder a frustração e o cansaço na voz, murmurou:

Nunca fiquei tão indignado. Ele não apareceu.

Como é que é? - Clarissa mal podia acreditar no que ouvia.

Do avião desceu apenas um subalterno inexperiente - contou Henry, desabotoando o sobretudo.

Clarissa ajudou Henry a tirar o sobretudo. Ele continuou:

A primeira coisa que ele fez foi dar meia-volta e decolar para o lugar de onde viera.

Por quê?

E eu lá vou saber? - De modo compreensível, Henry demonstrava um certo nervosismo. - Ele me pareceu desconfiado. Mas desconfiado de quê? Quem vai saber?

Mas e quanto a Sir John? - indagou Clarissa ao retirar o chapéu da cabeça de Henry.

Essa é a pior parte - resmungou ele. - Não consegui avisá-lo a tempo, e ele deve estar chegando a qualquer minuto, imagino. - Henry consultou o relógio. - Claro, na mesma hora liguei do aeroporto para Downing Street, mas ele já estava na estrada. Ah, a coisa toda é um memorável fiasco.

Henry afundou no sofá com um suspiro exausto. Na mesma hora, o telefone tocou.

Deixe que eu atendo - disse Clarissa, cruzando a sala. - Pode ser a polícia. - Ergueu o fone.

Henry fitou-a com um olhar indagador.

A polícia?

Sim, aqui é Coppleshone Court - dizia Clarissa ao telefone. - Sim... sim, ele está. - Mirou Henry com um olhar ligeiro. - Querido, é para você - avisou. - Do aeroporto Bindley Heath.

Henry levantou-se correndo para o telefone, mas no meio do caminho desacelerou, assumindo um andar altivo.

Alô - disse ao fone.

Clarissa levou ao hall o chapéu e o sobretudo de Henry, mas logo voltou e ficou bem atrás dele.

Sim... sou eu - declarou. - O quê?... Dez minutos depois?... Eu devo?... Sim... Sim, sim... Não... Não, não... Verdade?... Entendi... Sim... Certo.

Repôs o fone no gancho, gritou "Clarissa!", virou-se e percebeu que ela estava logo atrás dele.

Ah, você está aí. Parece que outro avião aterrissou dez minutos depois do primeiro, e Kalendorff estava nele.

O Sr. Jones, você quer dizer - lembrou Clarissa.

Exato, meu amor. Toda a prudência é pouca - reconheceu ele. - Sim, ao que tudo indica, a primeira aeronave era uma espécie de medida de precaução. É mesmo insondável o modo como funciona o cérebro dessa gente. Bem, de qualquer forma, o... hum... sr. Jones está sendo escoltado até aqui. Vão chegar em quinze minutos. Me diga, está tudo certo? Tudo em ordem? - Olhou a mesa de bridge. - Pode dar um jeito nessas cartas, querida?

Apressada, Clarissa guardou as cartas e os marcadores; por sua vez, Henry chegou perto do banco e, com extrema surpresa, pegou o prato vazio e a tigela de musse.

Que diabo é isto? - quis saber.

Clarissa correu e apanhou o prato e a tigela.

Pippa estava com fome - explicou. - Vou tirar isto daqui. E acho melhor fazer mais uns sanduíches de presunto.

Ainda não... tem cadeiras espalhadas por toda a sala - falou Henry, num leve tom de censura. - Pensei que você ia deixar tudo pronto, Clarissa.

Ele começou a dobrar as pernas da mesa de bridge.

O que você andou fazendo a noite toda? - perguntou ele, carregando a mesa de bridge até a biblioteca.

Clarissa estava arrumando as cadeiras neste momento.

Ah, Henry - exclamou -, esta noite foi emocionante. Sabe, logo que você saiu, eu trouxe os sanduíches para cá e, quando me dei conta, tropecei num corpo. Ali - apontou ela. - Atrás do sofá.

Sim, sim, querida - murmurou Henry, desligado, ajudando Clarissa a empurrar a poltrona ao local de costume. - Suas histórias são sempre encantadoras, mas o melhor mesmo é deixar para outra hora.

Mas, Henry, é verdade - insistiu. - E isso é apenas o começo. A polícia veio, e foi uma surpresa atrás da outra. - Começou a se exprimir de modo confuso. - Foi descoberta uma rede de tráfico de drogas; Miss Peake não é Miss Peake, o nome dela é Sra. Brown; e no fim o assassino era Jeremy; ele estava tentando roubar um selo de quatorze mil libras.

Sei. Vai ver era outro sueco amarelo - comentou Henry. Sua voz era indulgente, mas na verdade não estava escutando.

Acho que isso é tudo! - exclamou Clarissa contente.

Clarissa, você tem mesmo uma imaginação muito fértil - disse Henry carinhosamente. Pôs a mesinha entre a cadeira de braços e a poltrona; com seu lenço espanou os farelos de cima dela.

Mas, meu bem, eu não imaginei isso. Não teria sido capaz de imaginar nem a metade.

Henry pôs a valise no sofá atrás de uma almofada, sacudiu outra e levou uma terceira até a poltrona. Neste meio tempo, Clarissa não desistia de atrair sua

atenção.

É mesmo incrível - comentou. - Nunca realmente acontecia nada em minha vida, e hoje aconteceu tudo de uma vez. Assassinato, polícia, viciados em drogas, tinta invisível, escrita secreta... Por pouco não vou presa por homicídio e por muito pouco não acabo estrangulada.

- Fez uma pausa e olhou para Henry. - Pensando bem, querido, acho que foi o suficiente para uma noite só.

Agora vá fazer o café, meu bem - respondeu Henry. - Amanhã pode abrir de novo sua encantadora torneirinha de asneiras.

Exasperada, Clarissa indagou:

Mas você não se dá conta, Henry, de que esta noite eu quase fui assassinada?

Henry olhou para o relógio.

Tanto Sir John como Sr. Jones podem chegar a qualquer minuto - disse ansiosamente.

Tudo o que eu passei esta noite... - recomeçou Clarissa. - Ah, meu bem, isso me faz lembrar Sir Walter Scott.

Isso o quê? - indagou Henry, de modo vago, ao olhar em volta e certificar-se de que agora tudo estava em seu devido lugar.

Minha tia me fez aprender de cor - rememorou Clarissa.

Henry fitou-a com olhar indagador, e ela recitou:

"Ó, como a teia se emaranha, se o ludíbrio é o primeiro fio."

De repente, prestando atenção, Henry abraçou a esposa pela cintura.

Minha adorável aranha! - disse.

Clarissa envolveu o pescoço de Henry em seus braços.

Sabe o que as aranhas fazem? - indagou. - Devoram seus maridos! - Roçou as unhas no pescoço dele.

É bem mais fácil eu devorar você - respondeu Henry, com paixão, ao beijá-la.

De súbito, a campainha da frente tocou.

Sir John! - ofegou Clarissa, afastando-se em sobressalto de Henry, que exclamou ao mesmo tempo:

Sr. Jones!

Clarissa empurrou Henry para a porta do hall.

Vá atender a porta - ordenou ela. - Eu deixo o café e os sanduíches no hall, e você pode trazer para cá quando for o caso. Agora começam conversas de alto escalão. - Ela beijou a ponta dos dedos e tocou de leve nos lábios de Henry. - Boa sorte, querido.

Boa sorte - respondeu Henry. Virou-se para sair, mas então se voltou de novo. - Quero dizer, obrigado. Fico pensando qual dos dois chegou primeiro. - Ágil, ele abotoou o casaco, ajeitou a gravata e correu para abrir a porta.

Clarissa pegou o prato e a tigela; estava quase entrando no hall quando parou ao ouvir a saudação calorosa de Henry, "Boa noite, Sir John". Ela hesitou um pouco, correu à estante e acionou a alavanca. A porta secreta abriu; Clarissa deu um passo atrás e se escondeu.

Na bruma de mistério, Clarissa sai de cena - declamou ela num sussurro teatral ao sumir no esconderijo, uma fração de segundo antes de Henry entrar na sala com o primeiro-ministro.

Sobre a Autora



Agatha Christie iniciou sua brilhante carreira literária com o livro “O misterioso caso de Styles” em 1921. Desde seu primeiro romance, revelou uma habilidade fantástica para arquitetar um mistério policial, engendrando uma série de pistas falsas. Ao mesmo tempo, demonstrava um notável senso de observação psicológica.

Nascida em Torquay, na Inglaterra, em setembro de 1891, Agatha Mary Clarissa Miller era filha de mãe inglesa e pai americano, que morreu quando ela ainda era bem criança. Na infância e juventude, dedicou-se com entusiasmo à leitura, e logo descobriu seus autores preferidos. Em vez de histórias de amor, seu interesse voltava-se para Charles Dickens e Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes.

Seus conhecimentos de química, poções e venenos, que têm papel relevante em quase todas as suas tramas, foram adquiridos quando trabalhou como voluntária em um hospital da Cruz Vermelha, durante a Primeira Guerra Mundial, ajudando especialmente os refugiados belgas.

Dame Agatha sempre foi excelente cozinheira, gostava da vida doméstica e odiava a publicidade e as ocasiões em que tinha de aparecer em público. Construía seus mistérios caminhando pelos parques ou devorando maçãs em grande quantidade, durante seus banhos de imersão. Lia muita poesia moderna e detestava o revólver e o punhal: “Prefiro as mortes por envenenamento”, costumava declarar.

“A participação do leitor é essencial. Ele deve desvendar o mistério lentamente, como se estivesse sendo envenenado.” Tão traduzida quanto Shakespeare, com quase quatrocentos milhões de exemplares vendidos, a “dama do crime” é a responsável pela quarta tiragem mundial de todos os tempos: à sua frente estão apenas Lênin, Júlio Verne e Liev Tolstói.

Ao falecer, em 1976, deixou uma obra que continua a merecer a admiração de leitores do mundo inteiro.